POMPILIO JUCÁ

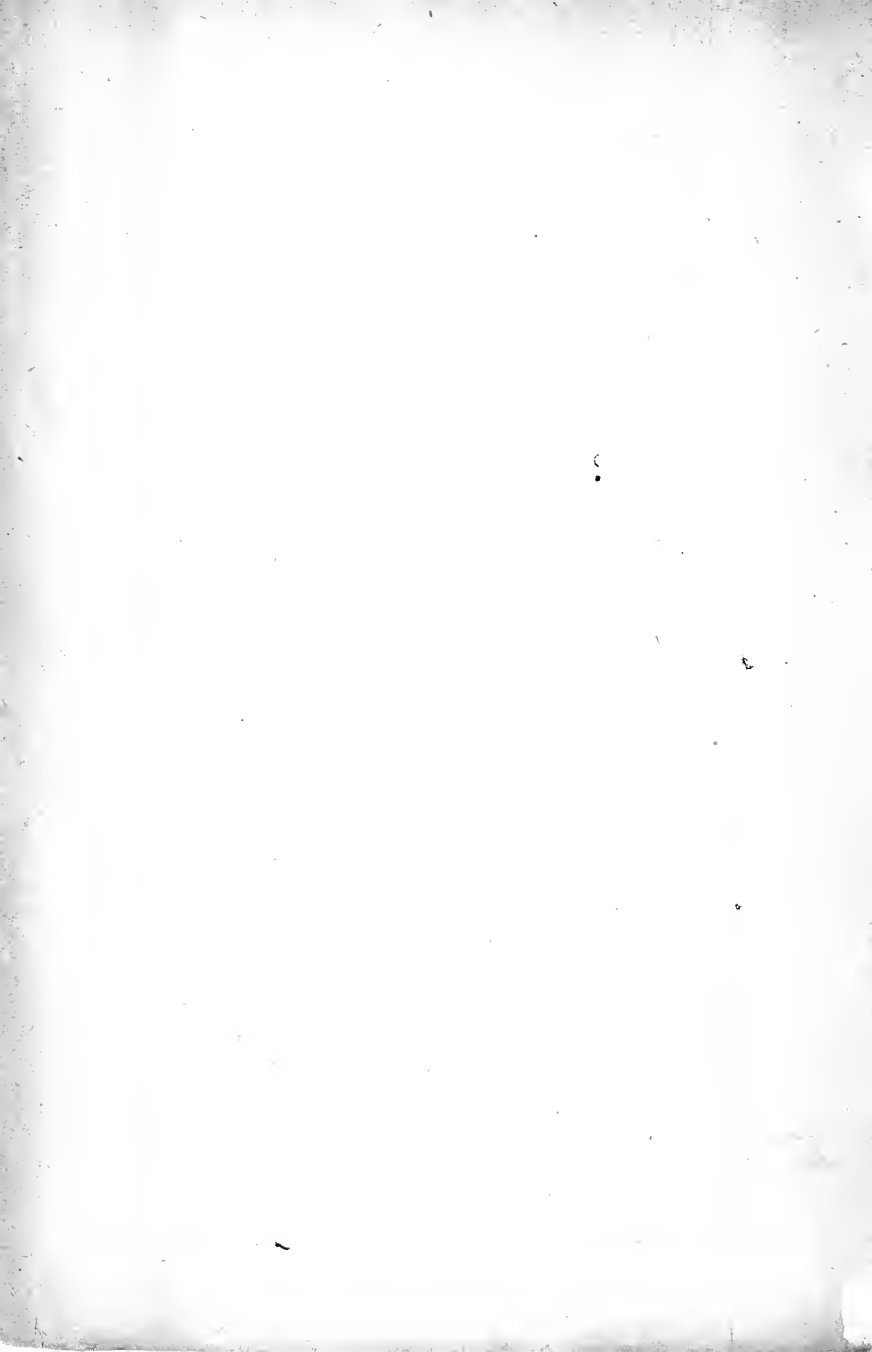
AS ILHAS

CONTOS E NARRAÇÕES

(SCENAS DA VIDA PARAENSE)

PARÁ

TYP. DE PINTO BARBOSA & C.
Rua 13 de Maio n. 37

1901.

Ao Major

José Luiz de Queirós Jucá

Não se trata de uma obra, e sim de uma certa somma de trabalho, que ao carinhozo pae, timidamente dedica

O

FILHO DO CORAÇÃO.

....

Aqui do Norte, n'este clima adusto,
O tronco enorme, secular, vetusto,
Agitado pelo vento em doida commoção,—
— Canta os epicos poemas do Futuro ;
E na barca sobre o rio o velho palinuro,
Tambem sabe do Passado uma canção !

....

D' « As Vozes do Norte » *Fragmentos d'um poema.*

J. L. Queirós Jucá.

Como a caravana avança e avança sempre em busca de um oázis phantastico esse mytho do dezerto, a mercê das ondas movediças de aréa a escaldar, batida pelo « Simoum » torrificante, — a montaria do tapuya, bordêja e bordêja, em plena bahia, rebolada a todo momento por montanhas de agua, levantadas pelo ligeiro « Terral,» que assovia imprudentemente, nas enxarcias de envira !

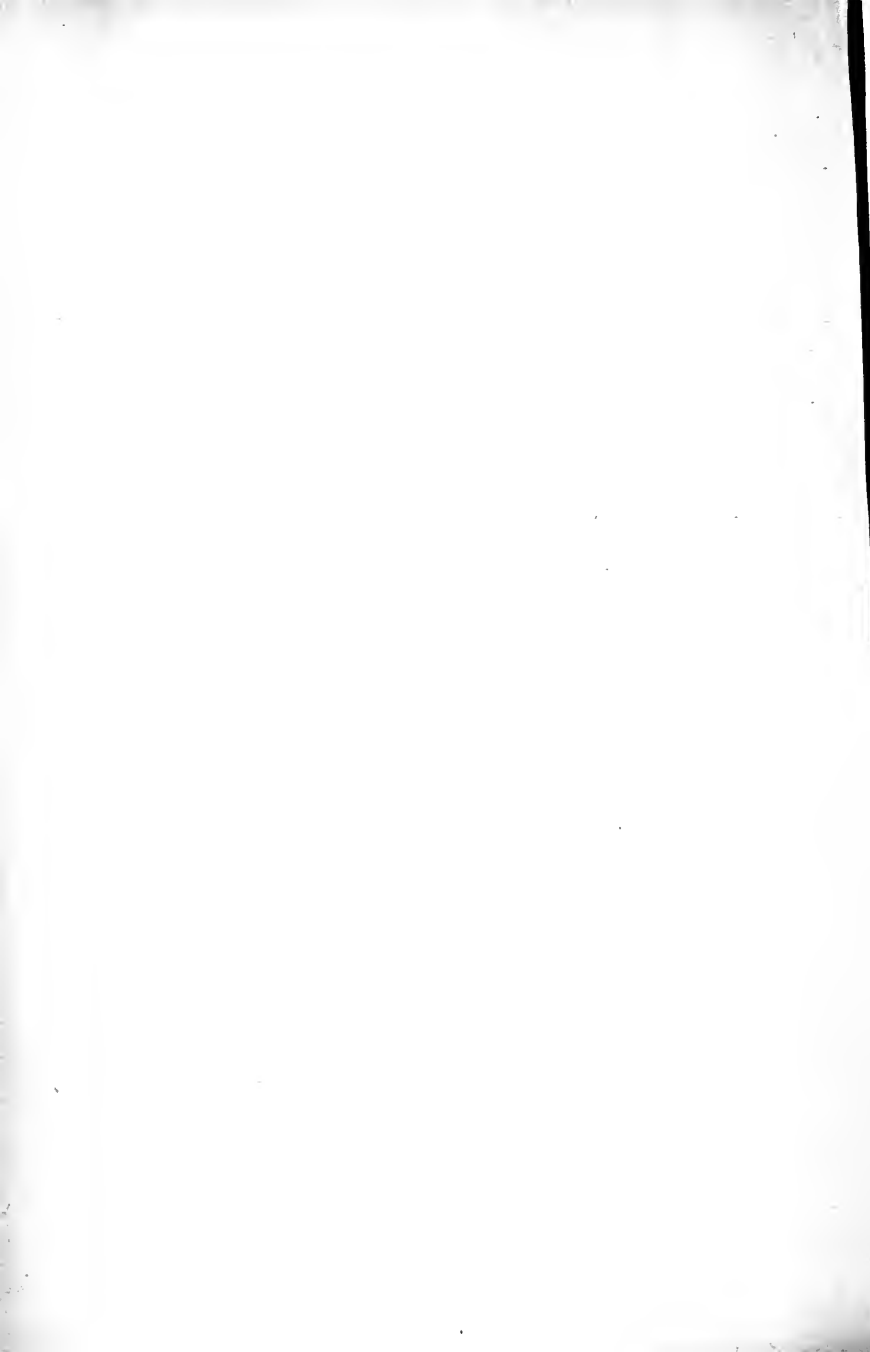
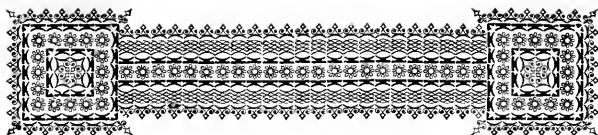
E o oázis, a ilha, surge afinal, mas desapparece tantas quantas vezes a montaria desce ao bôjo dos escarcêus !

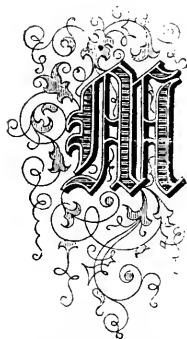
O sol de fôgo e o vento môrno mais excitam o tapuya que vae em pé, canna do leme entre as pernas, manobrando, de olhos fitos na ponta da ilha, onde lobriga a emboccadura d'um igarapé conhecido e onde a lympha christalina, fresca, corre meigamente ensombrada por verdejante angazal, de flores alvissimas, que derramam no ambiente, um perfume suave, delicioza ! . . .

....

Aqui está traçado apenas uma das diversas phases que apresenta a existencia das populações do interior do Pará ; pois é bem verdade que os costumes e o *sotaque* do falar, variam entre nós, muitas vezes, d'um logar para outro, d'um para outro rio.

....

JUVENAL TAVARES.

O PUTIRUM

CAPITULO I

Aio! Maio de flores e amores, mez em que nossa bôa gente do interior, os ilhéos, começam a respirar uma atmosphera mais rarefeita, mais alegre, cheia de vidas, de poesia!

Despertam da pesada atonia d'um inverno aborrecido, carregado, escuro, muito triste!

O Céo mostra-se por vezes, de um azul lindo, profundo, as brizas apparecem impregnadas de perfumes e as borboletas de um amarello de gema, passam e repassam, incessantemente, aládas, meio do rio afóra!

E o sol da manhã illumina então a floresta robusta, imponente!

Nada mais bello que o despertar da vida !
E nada-melhor que a vida na Amazonia !
Vive-se como as flores silvestres, que brotam espontaneamente, sadias e louçãs !
Ama-se e gosa-se, suavemente, felizmente, como as garças, os guarás, pelas praias e juncaes, como os japiins e caraxués, pelo assahysal, no seio da matta, em redes de liames, de trepadeiras, ornadas de grinaldas e festões.

Começam em Maio, os roceiros, a preparar as suas roças, que plantam invariavelmente em Junho, de milho, mandioca, batatas, pimentas e areá, e outras, exclusivamente de melancias, como nas ilhas do Telles, Paracuúbinhas, Porquinhos, etc, reconhecidamente proprias para essa cultura.
Fazem o «*putirum,*» convidado de amigos e visinhos, compadres e parentes, que moram, as vezes, em ilhas bem distantes, que para se acharem no dia ao serviço, sahem com antecedencia de dois dias e mais, mas que acodem todos, sem falta, satisfeitos, com suas familias e *xirimbabos* de macacos, papagaios e outros, que não podem ficar sem os instantes cuidados de seus donos, com suas rêdes, e instrumentos para orchestra do pagode, com que termina toda essa faina de serviços.
O velho Venancio habitava no centro do igarapé Abacate, em uma espaçosa barraca tapada de folha de *ubuçú*, assoalhada de taboado de andiróba, cercada de larangeiras, de abacateiros

fructiferos e velhos jasmineiros de *Cayenna* sempre carregados de flores olorozas.

No porto, affluiam montarias, canôas e regatões das ilhas circumjacentes.

Eram cinco horas da tarde do dia da vespera do *putirum*.

O Sol mergulhara já na matta, alli ao pé, alterosa, deixando a casa, o porto, n'uma sombra fresca, agradavel, tresandando a perfume suave, de jasmins, que a viração desatava dos galhos e espalhava pelo solo.

Com seu bom humor de cabôclo, alegre, pilherico, tendo acabado de desembarcar os rôlos de *pary* e o peixe, inclusivè dois *jacarés-tinga*, que apanhara na tapagem de um igarapé, ha muito rezervado para esse dia, nú da cintura para cima, o velho Venancio, molhado ainda como viera da pescaria, depois de offerecer cachaça e beber tambem, convidou para o banho, levando o garrafãozinho e a cuia-petinga.—Vamos a agua, rapaziada!

Precipitou-se tudo n'agua, depois de despidos, uns em cima do mirityzeiro, outros em cima da ribanceira e outros nas canôas, pulando alto, obliquamênte, indo apparecer a tona, uns para baixo, outros no meio do igarapé, outros na opposta margem, outros finalmente, ficam no porto, mergulhados, por muito tempo.

Dão logo começo ao exercicio de « rebanados », no que fazem prodigios.

Mergulham dois, ao mesmo tempo, apparece logo a perna direita de cada um, eleva-se e

desanda na direcção em que julga apanhar o companheiro.

Uma verdadeira rebanada, que repetem oito, dez vezes, de um só mergulho.

Os mais velhos retiram-se logo, mas a rapaziada, os *curumins*, continuam por bastante tempo, n'aquella alegre brincadeira.

Que banhos salutares! Que exercicio perfeito! Em vez de resfriarem, agitam o corpo, tornando-o flexivel e sadio!

Que inteiro viver, feliz e descuidado!

— Ei!... esta gente, vuncês não são tracajá, andem já co'isso! gritava o velho Venancio, vamos a janta!...

— Dê cá minha carça, tio Venancio, pedia o Joaquim Chuvada, desejoso de sahir do banho.

O velho, que occultara a calça do Chuvada, ria a bom rir.

— Eh!... rapaz, tú huje dormes c'o *bixo do fundo*!...

— Trague minha carça... peior!...

— O *búto* levú, rapaz!...

Outros botavam tijuco no Chuvada, cada vez que elle subia ao mirityzeiro, para escorrer, systema *Kneipp*.

Por fim, o chuvada apanhou a roupa de alguem e ameaçou lançar a agua, motivo porque o deixaram em paz.

— Tua carça está debaixo do bailéo do meu navio!

Effectivamente, o Chuvada encontrou a calça debaixo do bailéo da montaria do velho Venancio.

Meza vasta, com alvissima toalha, estava fartamente posta, de peixe cosido e moqueádo, em travessas de louça esmaltada.

Pires, com sal, pimentas e limões azêdos, descascados, partidos em cruz, monticulos de farinha amarella, bem torrada, pela meza afóra, para cada individuo, garrafas de succulento *tucupy*, molho preparado do caldo fermentado da mandióca, tudo alumiado com candêas de azeite de andiróba, apresentava um caracter alegre, festivo.

Das travessas do peixe, elevava-se um fumozinho tenue, que se espalhava no apozento, aguçando o appetite dos convivas.

Ninguem tem cerimonias. Comem a vontade, a toda bôcca, rindo, conversando sobre viagens, seringa, roças, roçados e pescarias; rizadas francas, ditos picantes, tudo na maior jovialidade, manifestando-se a sua amizade pura, simples, confiante.

As mulheres e as creanças, comem n'uma segunda mezada, emquanto os homens, fóra, na sala, divertem-se o melhor que podem.

Uns, enrolam cigarro com papel pardo, ou casca de *tauary*, com tabaco migado alli mesmo, na ponta d'um banco, com faquinhas que uzam para esse mister; outros espicham-se nos bancos, que cercam a sala; outros encordoam suas viólas e rabecas e ainda outros, para suas canôas, deitam-se sobre a tolda, de ventre para o ar, olhando as estrellas, cantando, assoviando, satisfeitos.

— Que tá o tabaco dê vassuncê, nho compadre! ...

— Nem bão, nem mau; quando não vêje...

E passou ao outro uma pequena lata, contendo tabaco, papel e phosphoros.

— Nho compadre, quando quizer, pode amarrá sua rêde; nós já semos velho...

— Hem, hem, vú mêmo esticar o meu fiu; não sú como esta gente, que sê agasalha em cima de pau duro...

Estirou os labios, indicando os rapazes, deitados sobre os bancos.

N'outro extremo, conversavam o Pedro Gomes, com um menor, filho da casa.

— Antão, cunhado, que tal a Joanna?... bonita... não?...

— Hen, hen... disque, estava a tua espera...

— E eu vim por via d'ella... Entrega p'ra mim esta carta p'ra ella, sim?...

— Entrego, mas quando tù voltares p'ra o Itabóca, dá lembrança p'ra tua irmã .

— Quá d'ellas?...

— A Christina...

— Ah!... stá bão...

Sobre um estendal baixo, de seccar cacau, estivado de *jussára* [1] palestravam o Catramby e o Manduca.

— Na semana passada, estive quaze indo com vuncê, nho Manduca... lhe convidar p'ra fazermos meia duzia dê mutás n'us pau de seringa que tenho no meu caminho; bãos dê leite, que só visto?...

— Cumantão?...

---

(1) Jussara, ripas tiradas da paxiubeira ou do assahyzeiro.

— Hem, hem; mas não pude por via da nha Xica, que apanhù uma ferrada dê *arraia*. Tive dê levar ella p'ra um curadur, no furo da cidade... agora já está zinha... melhor...

— Despùes, quando quizer... mê convide...

— Antão fique já convidado p'ra o sabbado.

— Sinsinhur... leve antão a sua cadella, p'ra caçarmos uma cutia; no meu caminho tem porção!...

— Minha cadella já não está bùa, nho Manduca; tem andado panema, por via da nha Xica ter dado embiára d'ella p'ra mulher do nho Sevéro, que estava prenha, já p'ra descançar... Ficù panema d'uma viage!... Agora mesmo queria falar p'ra vuncê mê curar ella...

— Pode levar, no sabbado; nós tiremo *ubuyussú* (1) no matto, e *malaguêta* tenho na roça, porção!...

— Agora, o «buto», está zinho melhor, acùa sempre alguma cutia e saracura, antão, é c'o elle!... Quando entra no bamburrá, já não mê deixa; trepa saracura p'ra todo lado!...

No porto, estalava de vez em quando, grandes rizadas do Joaquim Chuvada; rizadas como só elle as sabia dar.

Não estando a comer, rir ou conversar, estava, infallivelmente, assoviando, o Chuvada, n'um tom agudo ou grave, outras vezes, modulando uma mazurka com admiravel facilidade de execução.

---

(1) Ubuyussú é uma arvore gigante, de casca grossa, de que fazem mezinhas.

Muitas vezes, entrava a fazer de requinta, quando os outros tocavam e sahia-se perfeitamente.

E um landù, assoviado pelo Chuvada!... chamava attenção.

Não sabia tocar outro instrumento, a não ser o dos labios, vermelhos, muito polpudos.

Era gordo, o Chuvada, *claro*, cabello grosso, eriçado, nariz acalcanhado, maçãs do rosto salientes, olhos pequeninos, muito brilhantes; pouca sobrancêlha e quazi nenhuma barba.

Tinha um andar de embarcadiço, que na verdade o éra, pois sua vida éra viajar: andava bamboleando-se pesadamente, como um pato velho.

Uzava calça e bluza de pano azul, bem pespontados; esta ultima tinha o peitilho pespontado em zig zag, com bolços na altura dos peitos, bojudos do tabaco, phosphoros, abády, pente, lata de pomada, etc, como elle costumava trazer.

Trazia a bluza aberta, peito largo, proeminente, exposto ao vento e a calça ao pé da barriga; éra como se não estivesse vestido desse orgam para cima.

Era o habito; o umbigo não segurava a calça, como elle dizia, dando grandes rizadas, muito alegre, facil de mimicas, nunca estando quiéto, sempre feliz, rizonho, nada o encommodava.

Pouco trabalhava, e isso mesmo éra mais por pagodeira, que por obrigação social.

Esse pouco trabalho, mesmo, havia de ser em serviço dos outros e que a elle nada interessava.

Porque se o trabalho fosse d'elle, naturalmente não diverteria e sim, aborrecer-se-hia, o que ia de encontro ao seu genio folgazão e bohemio.

No trabalho dos outros, porém, divertia-se muito, cantava, bebia e acabava por embriagarse e nada fazer.

De nada precisava; até lenços e *cheiro* lhe davam as namoradas.

Não tinha casa, familia nem canôa.

Andava sempre de remador de regatões, para ganhar a *boia* e desfructar essa vida bohemia de que tanto gostava.

Sempre convidado para quantos pagodes havia no districto, por aquellas ilhas afóra.

Pouco dansava a não ser o landù e outras dansas da róda, comia muito, bebia mais e assoviava ainda mais, bonitas *partes*, repinicadas, agudamente, parecia mesmo um instrumento de sôpro, uma requinta!

Curumins brincavam acocorados em grandes cascos de *jaboty* e tartaruga, alli, no barranco do porto, conversando com outros, de bordo das canôas, n'um tom de voz suave, alongado; rizadinhas metalicas, ingenuas, tratando-se por *chumano, meu cheiro, cunhado.*

Sobre o mirityzeiro, dois ou tres typos conversavam, livremente, commentando passagens de seus amores succedidas em bailes, pescarias ou caçadas, no matto, mysteriozamente, rizos bregeiros, gestos a todo momento.

— Ah!... chumano, d'uma viage apanhei a Luiza no meu caminho... ella é safada...

— Cumantão!... convidastes...

— Não... d'uma feita, eu fui no caminho d'ella, deixei um signá dê fulha dê o assahy; n'utro dia, vêio ella no meu caminho; estava fazendo um signá p'ra min, trepada no mutá da seringueira torta... Ah!... dêo um grito, quando mê inxergû!... Só visto!...

— Despùes!...

— Despùes... conversemo bem uma hora...

— E o irmão?...

— Ella deixù no caminho d'ella... elle sabe... cumantão!... agora eu vù sempre mê ter co'ella no caminho...

— E tù, Chuvada, ainda estás co'a tia Geralda!...

— Axi!... vá elle!...

Diz o Chuvada, dando um grande rizada, andando dezengonçadamente de uma parte para outra.

— Eu não sù o Migué, que sè acamaradù co'a tia Narciza, do Tucunaré... vá elle! aquillo só p'ra jacaré!...

— Ara... não néga, Chuvada, a velha Geralda já não tê deixa...

— Mas quando!...

— E' certo!...

— Axi!...

*
* *

A lua que fôra cheia um dia antes, acabava de sahir, assim com uns tons avermelhados, coando seu mystico clarão ainda por entre a ramaria da floresta muito empinada, de troncos secu-

lares, verde-escuro, que se notava alli, como uma immensa muralha, muito ao pé da habitação, agora de uns relevos simi-phantasticos, parte illuminada frouxamente, parte ainda á sombra, que se dissipava aos poucos, e o porto, as canôas, pessôas que andavam, as larangeiras, tudo, tudo, ia passando por aquella intermitencia de luz e sombras: graças a lua muito baixa, e a matta alli, muito elevada!

A viração que apparece com a lua, enrugava o espelho das aguas, d'um trecho do igarapé que se descortinava d'alli, desprendendo, de quando em quando, uma folha secca, de assahyzeiro, que escorregava, rumorejando, por entre as hastes das palmeiras, em trempes, delgadas e esbeltas, e indo cahir de manso, sobre a superficie do igarapé, onde a corrente a conduzia.

Em um *pau-mulato* secco, que se notava para o lado do nascente, muito alto, cuja galhada sobresahia além da coma escura da matta, trauteava longamente a *urutay* (1).

Os cães que dormitavam lá para o terreiro dos fundos, respondendo ao dorido descante da *urutay*, uivavam, dolorosa, sinistramente...

Outros cães magros, pirentos, que não uivavam, grunhiam resfriados do sereno...

Meia duzia de gallos, empoleirados n'um cacaueiro velho, rasteiro, ainda na sombra do oitão da casa, batem azas e cantam todos a uma vez e continuam meudamente, annunciando o romper do dia, enganados, talvez pensando ser aquillo o lusco-fusco do levante.

(1) Passaro notivago. Tambem conhecido por «mãe da lua

Supersticiozos, como são, os nossos cabôclos, correram, uns ás canôas, outros a cozinha, em busca de suas espingardas, e, desprendendo um pedaço de baêta, de entre o cão e a espolêta, conservada assim da humidade, davam tiros para o ar, em todos os sentidos e gritavam, fazendo uma enorme algazarra!

O écho dos tiros reboava por aquella matta toda; acordou o jacaré do poção, que urrando medonhamente, despertou tambem outro monstro das cabeceiras, que respondia com dois urros formidaveis!...

E gritavam, novamente, carregando as espingardas.

— Cambada dê cachúrros!...

— Mato tudo d'uma viage!...

- Espera um mucado, que tù já sabe p'ra o que presta minh'arma!...

E o velho Venancio assoviava, chamando os cães, que os tiros e gritos fizeram dispersar e uivavam pela matta a dentro.

— Dois-comtigo!... Come-onça!... Tracajá!..

E ralhava cóm a mulher.

— Nha Felicia, antão!?...

— Vira-fulha!... Molongó!... Saracura!...

Chamava a dona da casa por seu turno.

— Ah!... nha mana... não gosto de ouvir *urutay* gritar.

— Nem eu cachurro churar...

Diziam medrosas a Clarinda e a Thereza.

— Só mê lembro da noite que o nho João Pequeno carregù co'a nossa mana...

— Ah!... nem é bom fallar...

—Inda bem que aqui não entra bùto...
—Nem apparece *matinta-pereira*...
—Despùes, olha o Gomes não te leve...
—Mas quando!...
—E bem!...
—Cumantão!...
—Elle está ahi!...
—Ah!... é certo, mas elle já mê deixù: agora mesmo anda co'a a Joanna. Huje, o mano entregù uma carta d'elle p'ra ella...
—Ah!... Cumantão?...
—Por certo... ella estava lendo lá no tejupá; não conta p'ra ninguem, ella mê pedio segrêdo; eu jurê, por Deus!...

Meia noite. Na habitação do velho Venancio, todos dormem ou parecem dormir e o silencio vela sobre tudo!

Somente os patos, agazalhados em grupos, aqui, acolá, pelo terreiro, deixam ouvir, de vez em quando, seu grasnado peculiar, e os pequeninos, conchegando-se ás mães, friorentos, piam de mansinho, ameudadamente.

A lua, agora em meio de sua róta, espana uma claridade suave, repassada de poesia e o sereno gotteja das flores dos jasmineiros de *Cayenna*, que derramam um mystico, delicioso perfume!...

Subito, um vulto de mulher, apparece por traz do oitão da casa, exhibindo áquelle doce luar, um sêio generoso de carnes e um corpo bem

feito, roliço de formas, e, dirigindo-se para o porto, desce ligeiro, miritizeiro abaixo.

Outro vulto, agachado em uma montaria atracada, desenvolve-se e pára apressado.

— Nha Joanna?...

— Nho Gomes!...

— Embarque já!...

— P'ra onde vuncê mê leva antão?...

— P'ra minha barraca... cumantão?...

— E dêspües?

— Tù ficas commigo...

Os cães, que sempre ladram ao mais leve rumor para o lado do porto, começaram a dar signal de si, rosnando, de maus, e a pequena que não quiz esperar a tempestade que elles podiam fazer, emquanto não a reconhecessem, pulou na igarité, que o Gomes afastou com um vigoroso empurrão e lançando mãos dos pequenos remos, minutos depois, desapparecia na volta do estirão...

* * *

São animadissimas de vida as manhãs no archipelago!

Mesmo n'um centro de igarapé, como esse, do «Abacate», temos um amanhecer encantador!

Cinco horas da manhã, eis que as saracuras despertam, cantando duas a duas, em differentes pontos, onde costumam pernoitar, empoleiradas nos densos cipozaes de *veronica*, á margem dos igarapés, que de preferencia procuram para ficarem ao abrigo da perseguição das mucúras, terror das gallinaceas.

Trescôco ! trespóte !, trescôco ! trespóte !... cantam as duas e calando-se uma, fica a outra repetindo, pote !... pote !... pote !... Depois cantam as duas e calando-se o macho fica a femea repetindo... pote !... pote !... pote !...

Até as cinco e meia cantam assim, as saracuras, por toda a parte, quando começa a levantar o papagaio em busca do assahyzal, em bandos, em nuvens, n'um grasnado ensurdecedor, passando, volteando no ar, cruzando os bandos, reunindo-se, até seguirem definitivamente.

Passam as bonitas *aráras*, quasi sempre de cazal, gritando fortemente, ará !... ará !... ará !...

Os *cancãos* passam tambem, em pequenos bandos, de seis, de oito, grasnando alto, fanhozamente... cá... cáu !... cá... cáu... cá cáau...

Voltam a pequenos trechos, fazendo curvas alongadas, seguindo novamente, grasnando sempre, alto, muito alto, longamente, levando o écho o seu forte cá... cáau !... longe, cabeceiras de igarapé a cima !

Na habitação do velho Venancio temos mais o movimento, a vozeria dos *xerimbabos*.

As *piçotas* com o seu stoufraco !... stoufraco !... stoufraco !... perús, papagaios, periquitos, patos, gallinhas, e etc.

Num torno do esteio da puchada, estava prezo um papagaio, girando, assoviando, querendo bicorar de longe um macaco prezo á perna de um banco, por uma corrente, que telintava aos pulos do *mono*, que coçava-se, assoviava, com esgares e momices, sem vergonha, atirando ao ar pedacinhos de canna, de fructas azêdas, restos do outro dia.

Tucanos de peito amarello saltitavam desageitadamente pelo solo, com bandas de cascas de *bacury*, atravessadas no enorme bico.

Patos e gallinhas, pavões e saracuras domesticos, grasnam, piam, vôam de um lado para outro, mariscando, em busca do pão quotidiano.

Uma porca velha, magra, de orêlhas carcomidas, em trapos, com um olho vazado, ramelento, pêllo grosso, onde a lama enchugou em bolotas, roncando, a farejar, de mamas esqualidas, muito longas, felpudas, onde penduram-se os bacorinhos famintos, a grunir chorozos, impacientes, que a mãe vae arrastando, atropelando, tudo no meio da gritaria das aves, em côro, n'uma algazarra infernal, um verdadeiro amanhecer de muzêu zoologico!...

E logo se ouvia o dona da caza, nha Felicia, fazendo soar o milho em uma cuia, chamar os *xerimbabos*, túco! túco! túco!...

Os xerimbabos voavam, corriam, pressurozos, convergindo de todos os pontos, para o terreiro, em busca da ração.

Precipitavam-se famintos, n'um afan indescriptivel, sobre o milho, em tumulto!

Viam-se uns á cavallo, sobre outros, bicorando-lhes o dorso, onde se iam acumulando os grãos de milho atirado de alto, sobre a criação!

Por instantes, ouvia-se o estalido secco, metalico, dos bicos, dos dentes dos xerimbabos, engulindo, mastigando.

Um frango pelado fazia enormes tregeitos no pescôço engorgitado, que encurvava para os lados, piando roucamente, procurando dezengasgar

o milho, que esfomeado, engulira, precipitadamente.

Os porcos, os bacorinhos roncavam, gruniam dezesperadamente, abrindo caminho por entre as aves, que investiam umas, outras corriam, voltando novamente á papança, devoradoramente!

O *louro* saracuteava engraçadamente, no torno, vendo que a dona, a Thereza, se approximava, trazendo-lhe a ração de assahy, que elle ia tomando, de grão em grão, com o bico e com o pé e roia a polpa rubra, assim... cor de vinho collares...

E o nosso *mono*, desassocegado, forcêjava para partir a corrente azinhavrada, emquanto não lhe chegava sua pacóva; amolava uma faca velha, em uma pedra que ficava-lhe ao pé, e, em falta d'agua, ourinava nas mãos juntas, molhava a pedra e continuava amolando... esfregando, n'aquelle continuado mover de supercilios, revirando os olhos, coçando-se, assoviando...

Eh!... gente!... vamos embora, vamos embora!... Gritava o velho Venancio para os convidados.

E estes, mettendo-se em suas roupas de trabalho, pouco a pouco, depois de tomarem sua cuia de mingau de pacóva, que vinha quente, fumegante, iam embarcando, em suas montarias, de dois, de quatro, e seguiam igarapé a cima, remando devagar, esperando uns pelos outros.

— Quando vuncês chegarem no purto da *cuieira*, dezembarquem; é essa a capoeira...

Dizia o Velho para os que iam embarcando,

andando do porto para caza, arrumando, ordenando as couzas para o serviço.

— Nha Felicia... vuncê mande esta gente apanhar o assahy. As dez horas, nós lhe esperemos lá na roça, co'armuço...

*
* *

Dahi a pouco, a capoeira minada pelos terçados dos cabôclos, cahia por todos os lados.

Uns cantavam, outros gritavam alegremente, em côro, quando algum arbusto mais grosso estalava e dobrava a cerviz, n'um lamentozo gemido, n'um rangido de fibras que se partiam cahindo, ajoêlhando, feridos a profundos golpes dos terçados, dos machados, bem manejados, bem amolados.

O velho Venancio, trepando e descendo, por cima das ramagens abatidas, donde assanhavamse as cábas, ás quaes o velho fugia, agachando-se, assoviando intermittentemente, imitando os macacos de *prégo*, comedores de vespas, ia passando adiante, distribuindo a *branca* a um e outro, dizendo bôas pilhérias, alegre, bem disposto.

— Nho Manduca, vuncê não bébe, não!..

— Não bêbo, mas embêbo...

— Não se engasgue, nho Xico...

— Mas quando... não ha nuvidade... inda queria que minha guéla fusse dê rusca, p'ara ella ir descendo dê... va... gar!..

— Nho Catramby não gosta, disque...

— Se vuncê não mê der, que se ha de fazer...

— Dêspues olhe que esta é dê Pernambuco...

— Ara... eu aprendi a nadar, quando éra pequichito!...

— Tio Venancio!.. deixe utro p'ra mim, gritava o Chuvada lá do porto; não se esqueça do seu genro...

— Ah!... safado... tú será genro do curupira!

— Mas quando!... eu quero uma cuia cheia, bem preamar!... quando não, não trabalho; não duvide!...

— Tu só bebes, quando atorar aquelle *taxyzeiro;* quando não, não!...

— Mas quando!... eu não atóro *taxyzeiro;* não tenho pescússo dê bui!.. só a atóro quando o tio Venancio sê atrepar na arve e matar tudo quando é *taxy!...*

— Ara... taxy não mê dóe... aguente até elle mê murder na lingua...

E encaminhando-se para a arvore, o velho Venancio apanhou uma grande formiga e deitando a lingua fóra, collocou ali a *taxy,* que basta o contacto, para produzir uma forte queimadura, uma coceira levada do diabo!

— Ah!... este velho é curado!... safa!...

— Ara... quando elle metteu urêlha dê puraqué no braço, não é dê bão!...

— Porisso que eu ja vi elle pegar *puraqué pichuna* co'a mão... um puraquezinho damnado aquelle, que mundia a gente até dê longe!...

— Ei!... chega!...

— Não deixa fugir!...

— Sê ponha dê lado, nho Martinho!...

— Daqui não passa !...
— Ei !... tiu Venancio!... achemo um tatú...
— Mas quando ! ?...
— E' certo !... está aqui n'este uricurizeiro pudre...
— Está cavando, que está damnado !..
— Trague a arma da canúa !...
— Não deixa fugir !...
— Mas quando ! d'aqui não passa, quando não, lhe arrêio o terçado !...
— Meu pae, vêje se tem filho para mim, sim ?...
Dizia o Jóca, o menor da grande familia do velho Venancio.
— Mas quando !.. meu filho... cumantão ?.. tatú só tem filho no fim do anno...
— Ah !.. pulú !...
— La vae !... pega !...
— Dubrú pega !... la vem !...
— La vae Chuvada, não deixa cahir n'agua!...
O tatú dezorientado, corria, rumo do porto e na occazião que passava entre as pernas do Chuvada, este deixa-se cahir pezadamente, julgando apanhar o tatú na passagem. Mas o tatú passou rapido e o Chuvada rolou no chão, contundindo-se, a gemer, que éra uma miseria !...
A rapaziada dezandou em enormes gargalhadas.
— Chegue nho pae !... chegue stagente !... o tatú cahio na canúa !...
De facto, o tatú da carreira que fôra, aperreado, cahira em uma das muitas canôas, alli, reunidas no porto.

Deram-lhe cabo da vida. Um bonito tatu!

No fim do estirão da *cuieira*, apparecia n'esse momento, uma igarité, onde remava apressadamente, uma mulher, remadinhas rapidas, miudas, que tanto distingue o modo particular de remar dos paraenses.

Logo o velho Venancio conheceu na mulher, a sua companheira e logo que esteve á fala, inquerio:

— O que ha antão, nha Felicia!?...

— Nha Gomes não está ahi c'os utros?...

Perguntou tambem esboforada, encontrando agua com o remo, para attenuar a marcha da canôa, que foi parando, atracando ás outras, devagar...

— Verdade!... não vêio!... bem que mê estava faltando uma pessua!...

— Ah!... vuncê não sabe?...

— Cumantão?...

— Carregu co'a Joanna!...

— Mas quando?.. fez o velho n'um rizo amarello...

— Uai!... esta nuite!...

— Ah!... fizeram todos, admirados.

— Mas purem...

— Ara... é, certo, nho Venancio; ella lá não está, elle aqui tambem não!...

Como é agora?...

— Eu vi logo churadeira dê cachurro esta nuite!...

Bem que gallo avizu fugida dê muça, disse outro, sentenciozamente.

Ah! ladrão!... se eu tê apanho, prêto feio!...

dizia surdamente o velho; se eu tê apanho *cuatá !*... tê metto uma bala na cabeça, por Deus ...

— Nha mãe, ella levu o periquito?...

— Mas quando?... meu filho; ella que deixú o balaio, como havia de querer levar *xerimbabo*...

Os roceiros commentavam, voz baixa, batendo as cabeças affirmativamente, pensativos.

— Uhun !... uhun !...

— Quem havia dê dizer !...

— O Gomes, não ?...

— E bem ! .

O velho Venancio rasgava distrahidamente, uma folha de *cáua-assú*, emquanto a mulher, na montaria, fitava o tatú, morto, em cima d'um banco n'outra montaria, e castanholava inconscientemente a agua, com os dedos; esquecera-se de si mesma.

— Nha mãe... porisso qu'ella estava marcando aquelle lenço que eu vi no balaio, não?... com o nome dê Gomes !...

— Cala esta bucca ! pequeno !... uhun !... tu não sabe ler, cumantão ?...

— Vá já, nha Felicia, disse acordando-se o velho, aprepare bem o armuço...

— A pobre mãe, puchando um sentido suspiro, das arcas do peito, e embarcando o tatú em sua *igarité*, voltou, remando ligeiramente, remadinhas miudas, torcendo rapidamente nas mãos, o remo, n'um geito especial, sacudindo da pá, continuamente, uma chuva d'agua, miudinha...

*
* *

Tenho uma dor no meu peito,
Outra no meu coração...
De ver preto de sapato
E branco de pé no chão!...

— La vem o mané Guary, gritaram todos.

— Meu pae!... eu vu dá passagem o compadre Guary?...

— Vae meu filho!...

O Jóça remou para o outro lado, onde acabava de apparecer o Manoel Guary á margem do igarapé.

Viera por terra do outro lado da ilha, por um caminho de seringueiras e d'ahi varando pelo matto para sahir no igarapé do « Abacate». Promettera, viera, embora tarde.

Que o prometter e faltar,
E' signal de covardia,
Se eu promettese e faltasse,
Nunca mais apparecia!...

Cantava assim o Manoel Guary, e emquanto chegava a montaria, sentado n'um pau, descascava uma vergontea de cipó, cheia de nós, retorcida, que achava bonita, geitoza, para uma bengala, que cortara ha pouco, no meio d'aquella matta.

Trazia um terçado nôvo, bem afiado, que relampagueava aos raios do sól.

Mulato-branco, esse typo alegre, trabalhador inconsciente, um *urso* cearense, o Manoel Guary, de uma musculatura respeitavel, phisio-

nomia atoleimada, rosto largo, razo, de bigodes duros, arruivados, de mãos callozas, curtas e grossas, caprichava em ser mau seringueiro, panema mesmo, mas um bom remador, um bom companheiro para viagens, valente para os serviços de lavoura, de campo. Era um bom machado, uma boa enchada.

Tinha o habito de cantar por toda parte, a toda hora, no matto, em caza, no meio do rio, alta noite, chuvoza, de tenebroza escuridão, cantava voz cheia, alto, que logo se ouvia e conhecia de longe, o Manoel Guary, cantigas do sertão cearense, que nunca esquecia, que trouxera em memoria e repetia sempre, a proposito de tudo.

Completamente analphabeto, material, não sabendo calcular, sinão contando pelos dêdos, até dez, éra no entanto, uma bôa alma, como se diz, o Manoel Guary.

— Bom dia ! rapaziada... bom dia ! *seu* Venancio !...

— Oh ! Guary, sempre viestes, não ?... já estava pensando que não vinhas.

— Quaes, andei quage perdido, no meio d'essa matta; vocês não ouviram bater *sacopema ?*... apôis foi eu, sempre acertei e vamos ao matto ; meu terçado está amolado que está damnado !...

O velho Venancio offereceu agua que passarinho não bebe, ao Guary, que bebeu gostozamente, temperou a guéla e brandindo o terçado, abalou, investindo furiozamente a capoeira !

Já fui menino, sou homem,
Morro quando Deus quizer,
Duas penas me acompanham
— Cavallo bom e mulher!...

Minha mãe case-me logo,
Emquanto sou rapariga,
Que o milho sachádo tarde
Não dá palha nem espiga...

Seguio-se o trabalho sem nenhuma interrupção, até a hora do almoço, que foi servido alli mesmo, no porto, debaixo de uma velha *cuieira*, ramalhuda, enlaçada por uma *mamoraneira*, florida, cujas flores espalhavam um cheiro agradavel alli na sombra, á beira d'agua.

Foi o Chuvada, quem destocou o solo, debaixo da cuieira e forrou de folhas de assahyseiro, aproveitando as *copembas* da mesma palmeira, para deposito de farinha e misteres do môlho, sal e pimenta, limões, etc.

Um dos jacarés da pescaria da vespera, viera bem moqueado, rescendendo a limão. Foi devorado em primeiro logar.

Depois da fartança do peixe, ainda alguns beberam seu chibé de farinha, com agua, e foram-se espichando por alli á sombra, por baixo do matto, para fazerem a digestão, descançar o almoço.

Meio dia recomeçou o trabalho que terminou ás quatro horas, mesmo por terem encostado a roçagem nas *sacopemas* da paracumbeira grande, até onde tinha o velho calculado encostar a sua roça, que media cerca de cincoenta braças pela margem do igarapé e vinte de largura.

Chegava bem para plantar milho para os xerimbabos, até para o anno, quando fizesse nova roça.

Elles desconhecem as variadas formas de preparar-se o milho, para alimentação, como fazem nos Estados do Sul, onde o milho faz parte do sustento do povo, não só por ser agradavel ao paladar, como sadio, nutritivo.

Nunca comeram o saboroso mugunzá com leite, pão de milho, com café, cangica, pamonha e outros modos de preparar o milho, tão apreciado.

Nas ilhas, o milho só serve para nutrir os xerimbabos.

A volta, fez-se com o alvoroço de quem vae para caza.

— Vamos porfiar!...

— Vamos!...

— Espera um bocado, não rema ainda!...

Oito ou dez montarias, pozeram-se em ponto de marchar e a voz de — prompto! — a regata começou. Os remos cahiram n'agua, ao mesmo tempo com estrondo, e as canôas dispararam ligeiras, levantando um enorme capucho d'agua nas prôas, a gallopar com o movimento dos corpos, a se abaixarem, compassadamente, forcejando sobre os remos.

Aquelles rasgões produzidos na superficie quieta do igarapé, pelo bôjo das canôas, fazia levantar grossos calões d'agua, que se iam quebrar nas pequenas praias de tijuco, das margens, onde ficavam batendo, saltando, grande quantidade de camarões, de peixinhos alvacentos, que saltando sempre, ganhavam agua e éram novamente arrojados em terra e mais uma vez, saltando, cahiam n'agua, então já meio socegados.

Totonha pr'a querer bem
Chiquinha pr'a carinhá,
Como Totonha não teve,
Como Chiquinha não ha!...

Menina teu pae não quer
Que eu me caze com você,
Bota-lhe terra nos olhos,
Que homem cégo não vê!...

Canta o Manoel Guary, que tripolava com o Jóca, um rebóque velho, muito pezado, e que ficava atraz dos outros, que se foram.

Oh!... rama de mata-fome
Meu cipó de muçambê,
Você diz que é peccado,
Apôis peccado deixe sê,
Quero morrer no peccado,
Querendo bem a você!...

* * *

O *putirum* do tio Venancio, acabou friamente ; a gente de caza estava acabrunhada com a fuga da Joanna, e depois com quem... com um preto vadio, preguiçozo...

Depois da janta, retiraram-se muitos convidados, ficando somente aquelles para quem a maré não éra favoravel.

O cego Luizinho, o melhor clarinêto do districto, que viera da ilha do Caldeirão, não teve a sorte desta vez, de fazer saltar aquelle bando de rapazes e raparigas, valsando apaixonadamente, ao sopro do seu inspirado clarinêto.

— Que fazer... tivessem paciencia ; não faltaria occasião, dizia elle de quando em quando, para os rapazes, que mandavam ao diabo o Gomes ; tivessem paciencia... cumantão? qualquer dia podia apparecer um pagode... talvez o da ilha dos « Porcos », ou do « Gurijuba »; elle já estava convidado... repetia o pobre cégo, olhando para o tecto com as suas pupilas apagadas...

O VAPOR

. . . .

Depois de passar alguns dias enfadonhos na capital, tomo qualquer vapor da navegação fluvial, e quando entro na bahia de Marajó, minha alma se remoça, meu coração pula de contente.

. . . .

JUVENAL TAVARES.

O VAPOR

CAPITULO II

SPERAVA-SE o vapor « Britto », no barracão do Bayabaya, portuguez residente ha muitos annos nas ilhas do Pará, comarca de Mazagão, onde cazara, ainda em rapaz, com uma nossa patricia, que lhe ajudou a ganhar a fortuna, que tinha já um tanto avolumada, na epocha d'esta narração.

Preparava-se já a borracha, em pacotes de arrôba, enfiada de trez e quatro pelles, em cipó *graxama*, conhecido por cipó de borracha, que depois de bem torcido, torna-se flexivel e macio como corda de envira de *cupurana*.

Cada pacote levava a marca do dono, aberta com ferro em braza, L. A., M. & I., C. S. e outras.

Outros preparavam a borracha, mormente o sernamby, em caixas e barricões, marcados á tinta.

O uzo de preparar borracha em cavilhas de ferro, fechadas á porca, passou logo, devido a reclamação dos commandantes de vapores; pois sendo os pacotes atirados do convéz ao porão, cahiam com a ponta da cavilha de encontro ao cavername, a fardos e caixas e ia estragando.

Lá estava no barracão o nosso conhecido Chuvada, muito rochunchudo e alegre, solfejando grandes rizadas e uma vez por outra, assoviava o *Ririrú*, a *rolinha*, ou modulava a primeira parte de uma quadrilha.

Estava o Fructuozo, um preto alto, de cavanhac grizalho, muito palrador.

O João Luiz, outro preto, regatão e analphabeto, que tirou saldo n'esse anno, devido a um barricão com borracha, que achara encalhado em uma beirada, quando alli atracou para esperar maré.

Nunca appareceu o dono; éra talvez parte d'algum carregamento, naufragado n'alguma das grandes bahias do Amazonas.

Estava tambem o Joaquim da Salú, um homemzinho um pouco maior de um metro, magro, afinal, de um phyzico *mignon*, muito loquaz, de erma pronuncia affectada e espevitada.

Vivia quazi sempre chambregado. Era a ira em pessôa o Joaquim da Salú.

Cazara com uma tapuya velha, viuva d'um portuguez, negociante e proprietario dum barracão com um pequeno seringal.

O barracão era coberto de palha, como o são quazi todos os das ilhas, tapado de tabuas, pintado, com um confortavel trapiche, onde alcançamos fazendo escala o vapor « *Icammiaba* ».

Mas o Joaquim, na sua intermina sêde de cachaça, botou fóra tudo quanto possuia a viuva e um bello dia rezolveu deitar fogo ao barracão, para liquidar a droga...

* * *

Uma bella tarde, aquella em que o Joaquim ficou mais uma vez fóra de si, mas comtudo, no seu elemento, a cachaça...

A viração ciciava brandamente nas palmas dos elegantes assahyzeiros de caules alvissimas e esbeltas.

Pendentes d'essas palmas, os artisticos ninhos do buliçozo japiin balouçavam-se e estremeciam a cada chegada de passarinhos que recolhiam-se áquella hora do sol poente, trazendo insectos e larvas, para os pequerruchos que recebiam nos biquinhos esfomeados.

No porto, a maré repontava, fazendo uma pequena maresia que entrechocando-se nos esteios da ponte, soava cavernozamente.

Em caza, a velha Mathilde, dois netos e mais um curumin e duas tapuyas, estavam refugiados

na cozinha, atemorizados do Joaquim, que passeava em passo agitado, de ebrio, da caza para o trapiche, indo até a cabeça da ponte espreitar a bahia.

Nenhuma vela alvejava áquella hora soturna.

As nuvens andavam ainda avermelhadas do reverbero do sol, que se apagara n'agua do outro lado da ilhinha do *Jupaty*.

A noite parece, tambem ia se fazendo no cerebro do Joaquim, que de *sobrecenho carregado*, pensou como Nero, que devia ser interessante o aspecto de uma cidade a arder...

E aquelle cerebro borracho pôde ainda formular o seguinte e bem elaborado raciocinio.

Não tinha a seu dispor, pensava como o grandissimo Néro, uma cidade, uma Babylonia, feita de monumentos, de palacios e templos, que obscureciam quasi o firmamento, mas conformava-se com o que tinha; tinha um barracão, de sua mulher, sim, mas elle dispunha, com trapiche, telheiro de canôas ao lado, gallinheiro tambem alli ao pé e tal... pena éra que tudo aquillo fosse ainda muito pouco, para alimentar um incendio durante,... ao menos... uma hora...

Não tem nada, é isso mesmo,... ainda tenho, não peço !...

E o semblante do Joaquim, annuveou-se...

Preparou um facho de cachos sêccos de assahy, inflamou-o e chegou rapidamente a beirada da coberta, onde o fogo communicou-se á palha resequida e roncou logo, furiozamente !...

A noite corria o seu pezado reposteiro de

trevas, a maré enchia vagarozamente e o vento refrescava.

Somente quem tem visto arder um barracão de palhas e madeiras, pode avaliar a velocidade do incendio!

Meia hora, uma hora, e nem mais um esteio!...

Fica tudo reduzido a cinzas, alli não fica nem aquillo, que de resto, se chama « *ruinas* », sempre respeitadas e as vezes admiradas.

Resta somente o solo calcinado, por alguns dias, mas logo vem a grama, o matto, e eis, afinal, a capoeira, aonde, ainda não ha muito, havia um grande barracão, habitado e muito frequentado.

— Ah!... nho Joaquim atacú fugo na caza!...

— Meu Deus!

Foi o grito que alarmou aquellas pobres creaturas, estarrecidas no primeiro momento, espavoridas, assustadissimas depois, gritando, correndo a ver se salvavam alguma couza, trastes ao menos, a que foram no entanto, impedidos pela furia do Joaquim, que ameaçava matal-as a tiro de espingarda, até fazel-as correr para o matto, onde occultaram-se ao desespero do bebedo.

E já noite, alli no cerrado da capoeira, illuminada pelo dezolador e sinistro clarão do incendio, tinham verdadeiros espasmos de terror, ingulindo os suffocantes soluços, para não se trahirem.

O Joaquim, na cabeça da ponte, desgre-

nhado, altivo, como o espectro da destruição, assoviava paulatinamente, fio!... fio!... fio!... chamando o vento, que já em poderozas lufadas, cahia de improvizo, redemoinhando sobre o incendio, então no seu pavorozo apogêo!...

....

*
* *

No outro dia chamado o Joaquim, para indagações policiaes, foi em seguida a essas, declarado livre de pena e culpa, mesmo a pedido da velha sua esposa, verdade seja dita, que não o accusou e nem queria vel-o prezo, a seguir para a cabeça da comarca, escoltado como um criminozo.

Bastava-lhe já um mundo de afflicções que tinha no coração...

Desde então, ficou o Joaquim reduzido a pescar de caniço por aquellas beiradas, sózinho, como o velho *Guaxinim* da ilha da *Josepha.*

Não deixou comtudo, de *embeiçar* o copo uma vez por outra, na qualidade de ebrio apozentado, que éra.

A velha tirava uma vida muito triste e trabalhoza, a cortar seringa, para d'alli obter o sustento para si, para os netos, para o marido, bemdizendo a suspirar, com infinita saudade, o tempo de seu finado...

*
* *

Appareceu o « *Brito* », antigo « *Vieira da Cunha* » e hoje « *Mapuá* », um vaporzinho bem feito, todo de aço, de calado apropriado á navegação rialenga.

Fôra armado em guerra, quando pertencera a uma das republicas vizinhas. Foi apprehendido quando sem se annunciar nem corresponder os signaes da fortaleza da barra, surgiu em aguas paraenses.

Foi detida sua guarnição e depois remettida para o seu paiz e o vaso mais tarde, vendido em hasta publica, depois de desarvorado.

Então, chamava-se « *Jary* ».

Hoje, como ha já muitos annos, é navio mercante, sempre bem modelado, esguio e ligeiro como uma sardinha, apezar dos muitos balseiros de canarana, que a sua poderosa helice tem trucidado.

Seu pratico, Felisberto, talvez o decano dos praticos paraenses, tem um modo especial de fazer apitar o seu barco, de modo que é distinguido das buzinas de canôas. Um apito muito longo, primeiro, seguido logo de uma breve intermittencia.

Dois curumins em uma montaria pegavam a espia que os marinheiros faziam descer pelos escovens de estibordo, e remavam para terra onde atavam em uma moita de *jeranduba*, gritando para bordo.

— Prompto!...

— Toca o guincho, seu mestre!... gritou o commandante.

A machinaria moveu-se, soltando estrepi-

tosos assovios, de mistura a furiosos jactos do vapor; a espia retesou e o navio foi atracando monotonamente á ponte, onde os seringueiros alegres e felizes recebiam o cabo de meia-nau que de bordo lhes atiraram.

— Olha a prancha!

Estabelecida a communicação com a terra, começou a agitação de *brabos* que desembarcavam e seringueiros que se embarcavam.

A carga era içada do porão, passava na prancha e era ainda recebida na ponte, pela ordem das marcas que o immediato ia apontando n'um volumoso masso de conhecimentos e no guia de bordo, repetindo em voz alta.

— C & I, vinte alqueires farinha! dois fardos jabá [1]; L. A., duas caixas com diversos, um encapado tabaco!

E assim por diante, gritando tambem por vezes com os marinheiros:

— Meche com os pés, oh! José!...

Estás a dormir, Fernando!... ó que diabo!... vamos a sahir deste porto que é sêcco e a maré está vazando!... péga!...

De cima, o commandante apressava a descarga.

— Oh! seu mestre!...

— Prompto!

— Olhe essa carga!...

Alguns cabôclos procuravam o pratico, a quem tinham encommendado linhas de pescar, que elle sabia *preparar* convenientemente.

---

(1) Charque, carne do Sul.

Corria a fama de que o pratico Felisberto era grande pescador.

Não havia um porto, por mais panema que fosse, onde o Felisberto logo apoz a chegada do vapor deixasse de puchar algum peixe.

Tinha um geito especial de jogar a linha á agua, depois de salivar na isca e ficava-se alli um pouco, segurando de leve com o polegar e o indicador, como se estivesse tomando um pulso, e, não demorava, zas! puchava uma piramutaba, piranumbú ou qualquer outro peixe.

Os cabôclos entreolhavam-se, pasmados, diante de tanta pericia e diziam com uma certa veneração pelo pratico:

— Ah!... é curado!...

— Ainda hontem eu botei a linha aqui e não puchei nem bayacú...

— E agora antão... isca de paca...

— Verdade... e o pratico com isca de jabá, é n'um instante!...

O pratico tinha pois a crendice dos cabôclos a seu favor, por isso que se encarregava de *curar* linhas que elles lhe davam, que elle tingia com uma infuzão qualquer de cascas de pau e promptó; estava a linha curada...

Não attingiam o facto, de que os peixes affluem ao porto na occazião que está atracado o vapor.

O vapor é um chamariz, devido a grande quantidade de sobejos de alimentos, que a todo momento deitam a agua, farinhas e legumes, cujas saccas rompem-se ao passar na prancha e derramam-se.

Vivia mais o pratico de seu innocente negocio de vender *maravilha curativa*, que comprava no Rio Preto e outros pontos da costa da terra firme, e revendia nas ilhas, com excellente ganho.

Não está, por certo, ainda, fóra da lembrança de todos, o commercio do timbó, em grande escala, em muitos municipios do interior.

Não devia, porém, continuar por muito tempo esse negocio de envenenar-se a população.

Foi, portanto, abolida a venda do terrivel toxico com que se tinguijava o peixe e damnificava a saude da gente, incutindo o impaludismo, a nazarca e outras enfermidades, que matam lentamente.

As camaras municipaes crearam um serviço de fiscalização, um pouco irregular, por isso que só a muito custo foi desapparecendo o timbó do commercio.

A' medida que desapparecia, tornava-se mais caro e melhores ganhos offerecia portanto o negocio.

Ao principio, traziam os praticos grandes quantidades, na casa do leme, cobertas com um grande oleado.

Depois, viram-se obrigados a trazel-o occulto e davam-lhe o nome de *maravilha curativa* para não despertar a attenção das auctoridades fiscaes, que impunham multas aos infractores da postura, a não ser que negociassem tambem com o timbó, ou a *maravilha*...

Felisberto era pratico feito na *vida*, a que se dedicou desde rapaz, com verdadeira paciencia tapuya e vocação natural.

Começou como pilôto de canôas, navegando todo o archipelago do baixo Amazonas, aliás de difficil praticagem, tendo passado mais tarde a pratico de vapores.

Conhecia a miudo todas as ilhas, rios, igarapés, costas, baixos e bahias, sabia-lhes a antiga e moderna denominação; as horas de viagem que se gastava a vapor ou á canôa, para atravessar tal ilha, por tal furo, se este dava ou não passagem de maré baixa; conhecia as canôas, os barcos que velejavam em todos os rios, pelo córte ou tinta da vela, pelo talhe do pontal, tolda ou qualquer outro indicio.

Levava vantagem aos demais praticos, por ter começado como pilôto de canôas.

Encaneceu na roda do leme, onde trazia sempre uma chusma de praticantes, aos quaes elle, uma vez por outra, tocava á raiz do timbó.

Era um typo atapuyado, de olhos vermelhos como os do *jacundá*, muito reservado de palavras.

Estando de quarto, ninguem lhe fallasse, que não obtinha resposta, pois cumpria rigorosamente a lei da nautica.

Só raras vezes, em seguida a um almoço de peixe, bem apimentado, *molhado* com um pouco de *caxambú*, é que expandia-se e contava algumas das aventuras e perigos a que tinha corrido, desde moço, na vida de embarcadiço.

Ao tempo que o conhecemos, era doente dos

olhos, usando por isso oculos pretos, que lhe davam uma apparencia severa, respeitavel.

Em um dos seus momentos de expansão, ouvimos-lhe contar como adoecêra dos olhos.

*
* *

Alta noite, muito escura, navegavam um riozinho estreito, de longo curso, um dos muitos que correm dentro da grande ilha de Marajó.

A bordo todos dormiam, com excepção dos empregados de quarto, a cargo de quem se acha a propulsão e a direcção do navio.

O pratico, que já tinha mais somno agora, velho e doente, do que quando moço e sadio, passeava na casa do leme sem desviar a vista do leito do rio, onde projectava-se a sombra negra da matta, ao longo das duas margens.

O marinheiro, pegado ao leme, obedecia a voz soturna do pratico.

— A bombordo!...

— Estibordo!...

E o pratico continuava fitando as aguas do rio, escuras como café.

O somno, porém, dominava-o e não suppondo que o marinheiro estivesse cochilando, recommendou-lhe que no segundo repartimento, mettesse a bombordo; em seguida fez signal no telegrapho para a machina tocar a « meia força », e dirigiu-se ao seu camarote, onde encostou a cabeça um bocadinho.

Despertou, porém, d'ahi a pouco, assustadissimo com os solavancos que experimentava o navio e o sussurro dos mattos que varriam as amuradas e estalos muito fortes de galhos que se quebravam de encontro a mastreação, cahindo com estrondo sobre a coberta.

Correu o pratico á casa do leme, fez signal de « pára ! » e tratou de orientar-se tocando « atraz ! », em seguida.

Estavam mettidos n'um riozinho tão estreito, antes um igarapé, que as ramagens das duas margens, entravam ao mesmo tempo pelo navio !

Enraivecido, o pratico puchou de uma grossa raiz de timbó e tocou o marinheiro, que escapou pela escadinha de serviço, ligeiro como um gato !...

— Oh ! seu mestre !...

— Prompto !...

— Agarre esse patife e mêtta no porão ! Mande outro marinheiro p'ra o quarto !...

Um cochilo de dois minutos, foi o bastante para o navio, seguindo a direcção natural, que trazia, entrar n'um braço do primeiro repartimento, tornando-se então impossivel ao marinheiro, ao mesmo tempo, manobrar e tocar « atraz ! »

O pratico transpirava n'essa occasião e correndo para fóra, constipou, á fresca da noite.

Ficou fóra do serviço, muito tempo, para curar-se.

Esteve quasi cégo, logrando, porém, ficar de maneira que poude continuar a *vida*, ganhando

o pão da familia, mas usando esses oculos pretos, que lhe davam um aspecto tão severo, quasi temivel.

*
* *

— Olha o recibo da carga!

O Bayabaya entrou no portaló reclamando uma caixa com diversos, da marca M & I.

—Não se encontrou; passeo recibo com falta.

O Baya assim o fez, escrevendo sobre o tampo de uma barrica de bolacha, repetindo entre dentes, como éra do seu costume e o que lhe deu a alcunha.

— Baya!...

— Venha a borracha!...

— Baya!

Começaram a atirar os pacotes de borracha e sernamby, que, cahindo sobre o convés, saltavam com a elasticidade que lhe é propria, sumindo-se por fim no porão.

— Larga!

Gritou o immediato.

— Larga!...

Repetiu o mestre, chegando-se ao portaló de meia-nau.

— Oh! Manuele, olha o cabo da popa!

Meche-te! oh! rapaz! Ligeiro estupôre do diabo!...

E o mestre, emquanto mandava sua gente, colhia o cabo de meia-nau.

Era um portuguez grisalho, de um immenso nariz atucanado, muito diligente, cuidadoso, tresandando a alcatrão a uma milha. Fumava n'um cachimbo de borracha imitando um rewolver, muito volumoso, desses que no mercado de Belém os judéos fizeram bôas vendas, ha alguns annos.

O navio apitou ligeiramente, avisando que ia largar.

Os cabos afrouxavam-se, soou a campainha do telegrapho, a helice feriu agua, preguiçosamente primeiro, depois com violencia, ferveu um caldeirão debaixo da ré e o navio começou a afastar-se.

— Adeus ! Chico !...

— Adeus ! meu cheiro !...

— Oh ! Chuvada, dá lembranças para essas meninas do igarapé Grande !...

— Até o fim do anno !...

—Se Deus quizer e os homens consentirem!...

Em cima da ponte, um preto *tuhyra*, [1] de labios grossos e olhos esbogalhados, dançava a antiga walsa da cachaça e arrastava um discurso todo cuspinhado, sobre as excellencias da navegação a vapor, terminando com uma porção de vivas.

— Viva o branco, commandante deste vapur !... Viva ! o pratico !... Viva ! o despenseiro, que mê deu uma garrafa dê vinho !... Viva ! tudo !... Viva ! os meu camarado foguistas, que são pretos como eu !... Viva !...

(1) Cinzento.

De bordo, os *brabos* vaiavam n'uma algazarra medonha.

— Charúto! ..

— Cara de panélla! ..

— Tição!...

— Preto!

— Mas não sú da tua cuzinha, ceará do inferno!...

— Ah! uma onça!...

— Apôis era home...

— P'ra que?...

— P'ra comê aquelle nêgro!...

— Teu pae, ceará!...

O preto estava furioso, jogando pedaços de lenha nos passageiros, que riam ás gargalhadas e do tumulto das vozes levantava-se uma a cantar, alto:

A ponte do Maranguape
Foi feita de geringonça,
Bacalhau é comê de nêgro
E nêgro comê de onça!...

*
* *

Acabavamos de traçar as linhas precedentes, quando nos chegaram os jornaes, onde lemos a seguinte laconica noticia n'*Os Mortos*, na *Provincia do Pará* de 29 de Julho do corrente anno de 1900, sob numero 7474:

— « Em viagem d'este porto para Mapuá,

falleceu no dia 26 do cadente, ás 3 1/2 horas da tarde, o Sr. Luiz de Queiroz Albuquerque, commandante do vapor nacional *Mapuá*.

A officialidade d'esse vapor providenciou de modo que o cadaver fosse sepultado com a decencia possivel no cemiterio de Breves.

O obito, que occorreu no rio Mututy, teve como causa uma congestão.»

E nós accrescentamos — paz á sua alma; porque era, na verdade, um bom cidadão e um exemplar pae de familia, como mostrou procurando dar a melhor educação possivel a seus filhos.

Era natural de Pernambuco o commandante Queiroz, tambem conhecido no interior por commandante *calça larga*, porque usava a bordo fatos de linho pardo muito folgados, pois que era bastante gordo.

Tinha o verdadeiro typo de capitão de navios.

Era homem de um caracter puro, franco, jovial.

Comtudo sabia fazer-se respeitar, e na qualidade de commandante que foi de varios navios, deu d'isso provas bastantes vezes.

Emquanto aos sentimentos de humanidade e á reconhecida bondade de seu coração, pode-se aquilatar pelo seguinte facto.

Todos sabemos o flagello de seccas por que sempre está passando o Estado do Ceará.

Seus filhos, depois que aprenderam a franquear o oceano, vêm, sempre que as seccas os perseguem, refugiar-se no Pará e Amazonas.

Uma numerosa familia cearense, de gente boa e de bons principios de educação, internou-se ha muitos annos no Anajás, onde, na extracção da borracha, foi pouco a pouco dizimada pelas febres palustres e anazarca, que reina endemicamente naquelle rio.

Ficaram poucos membros d'essa familia, tão numerosa quando entrou para o Anajás.

Duas viuvas e um irmão regressaram ao Ceará, de onde viram-se obrigados a fugir novamente, no repiquete de secca de 1898.

Vieram com o irmão, já casado e com filhos, e metteram-se para os seringaes do rio Jaburú.

Passados mezes, as pobres viuvas comprehenderam que nada faziam em companhia do irmão, que achava-se muito endividado para com o patrão.

Por seu turno, elle nada dizia, emquanto sua sorte se aggravava.

Supportava, com carinho mesmo, aquelle contrapeso de familia, afim de não tornar mais triste a má estrella das irmãs.

Que fazer?... trabalhava e pescava para todos, até um dia em que Deus se doesse d'elle.

Ellas, porém, pensavam em regressar a Belem.

Eram costureiras, lembraram-se de, chegando a Belém ou a qualquer povoação da estrada de ferro de Bragança, alugar uma casinha, comprar uma machina e luctar dia a dia pela existencia.

Mas como fazer?... sem nem um *boró* para

passagem... nem o irmão lhes podia arranjar, porque o patrão não adiantava dinheiro.

Viram muitas vezes atracar o «Brito», que, quando largava, parecia lhes levava a ultima esperança...

Já o desanimo começava a lançar raizes profundas no coração das tristes viuvas.

Mais uma vez esperava-se o «Brito» e ellas tiveram uma idéa.

Seriam felizes?... Commetteriam, por ventura, uma falta imperdoavel?... Iriam passar por uma vergonha, por um dissabor muito grande a bordo, em presença de muita gente?...

Não sabiam. Duvidas e mais duvidas...

Mas o pensamento de que o vapor chegaria em breve e que se ellas não resolvessem, ficariam ainda n'aquelle centro, em uma estreita e humida barraca de folhas, no meio d'aquella matta que lhes parecia sem fins, escura e silenciosa, onde, a par com as féras, grassava absolutamente, soberanamente, a endemia palustre, deu-lhes coragem e resolução.

Chegou afinal o vapor, ellas embarcaram com os filhinhos e, á voz de *larga!*... do commandante, tremeu lhes o coração, de alegria e receios...

No seguinte dia de viagem, por duas ou tres vezes, subiram as escadas que conduzem á ré, mas, chegando no topo, descortinavam tanta gente no salão...

Commerciantes, empregados, proprietarios de seringaes discutiam, falavam animadamente, alegres e felizes, sem se lembrarem, talvez, da

miseria que ia lá em baixo, entre os passageiros de 3.ª amontoados como lastro.

Aquelle aspecto de vidas e prazeres lhes fazia mal e ellas voltavam corridas de vergonha, humilhadas e desconsoladas.

Mas, uma vez, cobraram animo e subiram.

Um copeiro que levantava o serviço do café, olhando para o lado da escada, chamou a attenção do commandante, que levantava-se distrahidamente, palitando os dentes.

Ellas chegaram-se a elle, contaram-lhe a sua situação, pedindo-lhe desculpas do abuso de confiança e que, pelo amor de Deus, as levasse para Belem...

O commandante Queiroz ouviu-as sem constrangimento e mandou que voltassem para baixo até que as mandasse chamar.

Pelas quatro horas da tarde, um grumete procurava á prôa, de ordem do commandante, duas senhoras, viuvas.

Apresentadas ao commandante, este faloulhes nestes termos.

— Como se chamam as senhoras?

Ellas responderam e elle tomou nota no alto de uma folha de papel onde haviam muitas assignaturas.

— Onde embarcaram?

— No «Pirangy do Jaburù».

— Bem, eu promovi uma subscripção entre os meus amigos passageiros de 1.ª classe e obtive não só com que Vm.^{ces} pagarem sua passagem, como ainda lhes sobra alguma cousa para as primeiras despezas após o desembarque.

— Não levam dinheiro nenhum ?
— Nem um vintem, *seu* commandante...
— Ainda bem.

Mandou o escrivão extrahir os talões das passagens e entregou-lhes o resto do dinheiro da subscripção, duzentos e tantos mil réis. Como este, podia-se contar muitos factos que attestam a bondade, a generosidade do commandante Queiroz.

Nossos sinceros pesames e respeitos á sua Exma. familia e muito especialmente ao seu digno irmão, capitão João Emilio de Queiroz Coutinho, distincto professor na capital.

A caçada

....

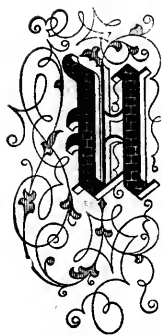
Se com alguma cousa me posso parecer, é com o descuidoso pintor de paizagens, que, com o *crayon* e a palheta na mão, sentado n'um tôco de páo em meio d'uma campina, ou á margem d'um regato, copia a Natureza.

A minha imaginação não produz, eu copio apenas.

....

JUVENAL TAVARES.

A CAÇADA

CAPITULO III

UMA montaria tripolada por tres pessoas, levando uma matilha de cães, aportava na ilha dos « Pregos », assim chamada, por ter alli habitado antigamente um tal Joaquim Prégo, a quem se attribue o plantio do cacoal que se vê na parte oriental da ilha, emquanto que o cacoal que se vê do lado sul, sabe-se, fôra plantado pelos primeiros posseiros do Gurijuba, que fica fronteiro, na ilha grande de Gurupá.

Ilha rasa, nova, a dos « Prégos », onde abunda o assahyzal, por todos os lados, cuja arvore, o assahyzeiro, palmeira muito conhecida, dá o fructo de que se faz o vinho denominado « assahy ».

O assahy é o mais poderoso elemento de alimentação dos habitantes do archipelago paraense.

E' manjar diario, sadio, saboroso, denunciando a côr vermelha, a saúde dos ilhéos, a grande quantidade de ferro que se contém no assahy.

Equivale a coalhada saborosa dos sertões dos Estados do Sul.

Alli, na ilha dos « Pregos », o assahyzal, o mirityzal é compacto em volta de toda a ilha, que verdejante, arredondada, surgindo das aguas na emboccadura oriental do « Furo dos Alegres », mais parece um canteiro cuidadosamente cultivado de relva gigante!

Aquelle palmeiral da parte que enfrenta a bahia, na *costa* da ilha, tem a folhagem toda voltada para um lado, demonstrando assim a direcção do Nordeste e o poder das tempestades que desabam no *lavrado*, que tem por cercadura, as ilhas do Tucunaré, Paracuúbas, Aruá, Caldeirão, etc.

Uma bella bahia na direcção N. E., S. O.

Não ha seringal na ilha dos « Pregos », mas ha grande quantidade de *murupyta* ou *seringarana*, ultimamente explorada com vantagem, produzindo uma gomma elastica por excellencia!

A borracha extrahida da *murupyta* tem 70 % de elasticidade e fortaleza sobre a da seringueira *symphonia elastica*.

Vegeta de preferencia nas ilhas baixas e capoeiras, dando córte dentro de dois annos e

cuja grossura augmenta consideravelmente, logo depois da primeira *arreação* ou *sangria*.

Na parte occidental da ilha, á margem do furo que a separa da ilha do « Jardim », ha uma enorme cahida.

A corrente da maré cheia vem costeando a ilha do « Jardim » e precipita-se furiosamente, quasi de salto, na ilha dos « Pregos » que encontra em sua frente, alli, a pouca distancia, e vae arrancando-lhe os barrancos que somem-se com grandes secções de mirityzal sob as aguas, que em sua impetuosidade vão arrastando, trucidando, até fazel-os desapparecer no profundo leito.

Essas submersões dão-se com mais frequencia nas aguas vivas, as marés grandes dos plenilunios.

No entanto, dizem que a cahida é obra do *bicho do fundo*, que alli mora no remanso.

Muitos têm já visto o dorso avantajado da enorme *cobra-grande* que pela noite a dentro, de maré baixa, nas pacuemas, apparece á superficie, fazendo-se annunciar por uma *seriringa* de cem metros, com alguns urros soturnos, formidaveis, que estremece as ilhas mais proximas.

Apenas a montaria se foi abeirando, os cães que estavam insoffregos para saltarem, erguidos sobre as patas dianteiras á prôa, pularam e embrenharam-se no matto.

Desembarcou um dos caçadores e ficaram dois na montaria, de *bobúia* (1) á espera que os cães corressem algum veado.

Não se fizeram esperar, ladravam já, perseguindo a caça.

— Oh! compadre, ahi vem o veado...

— Verdade, onde irá cahir, será...

— A modo que corre p'ra ponta do cacoal.

— E bem...

Remaram, dirigindo-se para a ponta oriental da ilha.

O veado ao approximar-se da margem comprehendeu que achava-se em frente á bahia, retrocedeu, enganando os cães, que deixaram de ladrar, por um momento.

A esse tempo a montaria chegava também á ponta.

Os cães ladravam já internando-se na ilha.

Ah! este veado é safado... já não é a primeira feita que elle nos engana n'esta ponta...

— Talvez vá pular p'ra ilhinha do Tracajá...

Dobraram a ponta e remaram para o Norte, mas suspenderam logo.

Não ouviam mais nada. Esperaram, de *bobúia*.

A montaria descia de vagar, rente a margem, encostando-se ás moitas de angá, cujas vagens amarellas os caçadores iam apanhando, aqui, acolá, comendo silenciosamente e olhando com attenção por entre o *aningal*, donde se es-

---

(1) A mercê da corrente.

pantavam as saracuras, gritando esganiçadamente.

Saltou um caçador e internou-se no assahysal.

Seguiu-se um tiro após o gemido guttural, peculiar das saracuras.

Outras saracuras responderam, em differentes pontos.

O fumo da polvora, como uma nuvemzinha branca, appareceu por entre a roupagem verde da ilha...

— Ah... compadre, vuncê geme bem saracura!... até mê enganú...

— Matei duas... stavam trepadas n'um galho de *paracaxyzeiro* bai .. xo!...

— Eu ia p'ra atirar n'um papagaio que estava n'aquelle *cuy* ([1]) dê o o assahy, quando sê espantú do seu tiro...

N'isto, ouviram bater sacopemas para o outro lado da ilha. Remaram.

Mais adiante viram, na ribanceira uma *fulápa* ([2]), onde as mutucas estavam zumbindo.

— Compadre... olhe!...

— E' casa de *jacaré-tinga.*

Encostaram com precaução.

Um engatilhou a espingarda, em quanto o outro gemeu, imitando o jacaré.

Um gemido fanhoso, que elles tiram, abrindo um pouco os labios, e encolhendo o nariz.

— Hen... hen... hen...

---

(1) Resto, sobêjos.

(2) Furnas, escavações que a maré faz nas barreiras, por baixo do raizame das arvores.

Agitaram-se as raizes que ramificam-se por dentro da *fulápa*, assanharam-se as mutucas e um jacaré-tinga, botou a cabeça fóra, gemendo, pensando corresponder a femea.

Mataram e o embarcaram, seguindo novamente; dobraram a ponta, quando bateram *sacopemas*, chamando-os, muito longe.

Apressaram-se e logo que sahiram pelo outro lado da ilha, ouviram os cães ladrar, correndo.

Adiante de uma touceira de assahyzeiros cahidos n'agua, viram um vulto pular no rio, espadanando agua muito alto.

Era o veado, que perseguido sempre pelos cães, resolveu para livrar-se, atravessar o rio para a ilha grande de Gurupá.

Presentindo a montaria que se approximava, nadava desesperadamente, com as orêlhas em pé, a mover com a cabeça resfolegando, de olhos esbrazeados.

A montaria cortou-lhe a frente e elle voltou, agoniado, agitando a caudazinha pequena, felpuda, em cima d'agua, como uma barbatana de peixe.

Os caçadores manobraram e seguiram ladeando-o de modo que elle não pudesse alcançar a terra.

Afinal, depois de muitas idas e vindas, pegaram-n'o por uma perna, fazendo-o mergulhar a cabeça, até o matarem asphyxiado.

Puxaram depois para dentro da montaria. Era um grande veado vermelho.

Os cães, da margem, presenceavam a scena

quando viram apparecer o busto do veado, puxado por um caçador, que o embarcava, ladravam e corriam alegremente pela margem, demonstrando em todos os seus gestos o prazer da victoria!

*
* *

Os canoeiros fizeram-se á margem e a caçada continuou.

Bernardo, o caçador de terra, atirava constantemente, o que chamou a attenção dos canoeiros, que atracaram.

Ouviram ao mesmo tempo que a buzina os chamava.

João muniu-se de sua espingarda, patrona e um terçado e sumiu-se na matta.

O companheiro esperava-o.

Os cães andavam já no *piché* (1) dos capiváras. Corriam com o focinho pelo chão, dorso arrepiado, levantando aqui e acolá as saracuras que, medrosas como são dos cães, trepavam-se em qualquer ramo pelo *guarumanzal*, pelo cipoal, com tanto que ficassem fóra do seu alcance.

— Ei!...

— Ei!...

— Que tanto vuncê atira?

— Papagaio!

Encontraram-se.

(1) Cheiro da caça.

— Leva estes papagaios para canua, que eu vu acompanhar os cães que andam no piché dos capivaras.

João começou de fazer roda dos papagaios, isto é, amarral-os um a um, por um pé, com um cipozinho que enréda-se pelo assahyzal, que chamam *unha de morcêgo.*

O caçador fez uma roda de 34 papagaios dos quaes ainda alguns estavam vivos e queixavam-se d'aquella tyrannia.

— Créo!... créo!...

— Cró!... cró!...

Com os olhos injectados de sangue, os menbros mutilados, pegajosos, sujos, amarrados uns aos outros, como uma leva de criminosos, que seguissem encorrentados para o calabouço, sentiam aquelle trato tão duro, e com as azas, as pernas esphaceladas, gemiam das dôres com a febre da inflammação...

— Créo!... créo!...

— Cró!... cró!...

O caçador envergou aquella carga de passaros, furou o cerrado e logo chegou a montaria onde o outro esperava-o.

— Ei!...

— Oh! compadre!...

— Ah! foi Bernardo que arriou?

— Eu ainda dê um tiro arriei com quatro...

Largaram, a montaria foi descendo de *bo-búia*..

Iam conversando.

— Caçada bella foi no anno passado... não?... o assahy foi pouco nas ilhas grandes e o

papagaio teve que baixar tudo na ilha dos Pregos!...

— Verdade... só eu d'um tiro, arriei com dezuito... na ponta do cacoal; d'utro arriei com duze, e matê papagaio, matê papagaio, que só visto!... Carreguei a canúa com cento e quarenta!...

— Ara... o Martinho, n'um dia matú cento e oitenta, c'o Firmo, que matú oitenta e sete, o Manoel Costa, cento e trinta, e mataram papagaio!... mataram papagaio!... que só sê vendo dê perto!

O Martinho só d'um tiro, arriou com vinte oito!... Levavam a montaria carregada, que chegava dê ir mettendo agua!...

— Eu também d'uma viage, c'o compadre Jabota e o Martinho, entremo alli, no igarapé *Surubim*... Bem na beirada, havia uma arve de assahyzeiro com tres cacharrões que só visto!... Tinha papagaio sentado... porção!... Os bago dê o assahy stavam cahindo n'agua como chuva... tum! . tum!... tum! ..

Apreparemo a espingarda e atiremo tudo d'uma viage... té... pei!...

Ah!... meu mano... entrú dê cahir papagaio, e cahio!... e cahio!... e cahio!... p'losmatto, p'la agua, gritava papagaio p'ra toda banda, batendo só d'uma banda da aza... ah!... éra uma boniteza!...

Algum não sê pude agarrar... iam voando só d'uma banda, sê batendo p'lo aningá e morriam ahi p'lo meio da ilha... Havia papagaio dê bobuia, que só *jejú* no *napezá*...

Bicho safado... tanto gritava, como batia na agua... Não demurù, appareceu um jacaré-o-assù, que tinha uma cabêça do tamanho da prùa desta montaria... O compadre Jabóta barreu-lhe fugo no zólho, que o moleque chegù de virar dê carambella !...

— Ah !...

— Por Deus !... pregunte só p'ra o compadre Jabóta... quasi mette a montaria no fundo... fez um rebujo, que só visto !...

— E quantos papagaios arriaram ?

— Só o que se pude agarrá, contemo cento e duze !...

— Mas quando...

— Ara... pregunte p'ra o compadre Jabóta !... pregunte só...... vuncê verá...

— Ah !... stá buzinando... malmente sê ouve...

— Parêsque... a modo... que é p'ra ponta da cahida... não ?...

— Parêsque...

— Ah!... possiva!... stá longe o Bernardo...

— Vamos embora !...

— Vamo !...

— Remaram para Oeste da ilha.

*
* *

A maré estava repontando, e por isso, corria com maior velocidade.

Não demoraram, chegaram á ponta da cahida, entraram no remanso.

A correnteza estrondava alli nos balseiros de assahyseiros, de mirityzeiros, cahidos havia poucos dias, fundeados pelas pesadas tronqueiras.

Uns immersos até a metade da caule ficavam com a cópa altaneira, no meio do rio, gingando compassadamente, de um para outro lado, ao impulso da corrente.

No entroncamento da folhagem viam-se os enormes cachos de buruty ([1]), fructos encarnados, encrustados de desenhos imitando o casco da tartaruga.

Tem utilidade comestivel e industrial.

Do nosso conhecimento é o mirityzeiro a palmeira que dá maior quantidade de fructos.

Outros, com a caule toda immersa, ficavam com a ramagem em cima d'agua, encontrando a corrente, que alli fazia reboujo, cachoeirando por entre a folhagem.

Aquelles mirityzeiros, cahidos, continuam verdejantes muitos dias, mezes, ás vezes, emquanto não ha nova cahida; porque n'esse caso, dá-se grande desencontro nas aguas, que os arrasta, e fal-os desapparecer, dando logar aos da nova cahida.

Os *pitanans* ([2]) que apreciam o bello, o espaço, a luz, a liberdade, o sussurro das aguas e o arreból das manhãs orvalhadas e das tardes ventiladas, como todos aquelles que não cuidam do futuro e vivem pelo ideal, fazem os seus ni-

---

(1) Mirity, como chamamos no Estado.
(2) Bem-te-vis.

nhos nas elegantes palmas dos mirityzeiros cahidos á agua e fundeádos pelos tronqueiros !

E quando a maré reponta, que recrudesce a corrente, fazendo gingar os mirityzeiros, que a briza agita-lhes os verdejantes leques, agigantados, banhados da luz nitente deste sol equatorial, quando do Levante surge entre espadanas douradas, os *pitanans* batem azas nas portas de suas moradas aéreas e repetem com a alegria propria de sua innocencia mimosa e descuidada, saudando o sol que os aquece.

— Bem-te-vi !...

— Bem-te-vi !...

Travam, ás vezes, luctas bem renhidas, com os importunos de sua especie, que alli apparecem também a desfructar aquellas brizas marinhas, de cujas luctas sahem sempre vencedores aquelles que sempre *estão vendo bem.*

Senhores do campo, vivem descuidadamente, n'aquelle viver de infancia, sempre alegre e feliz, porque não conhecem os pezares nem os perigos do meio em que vivem.

Não prevêem siquer, o proximo fim de seus implumes filhinhos, a qualquer momento tragados por um grande rebojo.

Até n'essa cegueira,
Lhes foi a sorte fagueira...

*
* *

Para o Norte, a buzina continuava. Remaram.

Avistaram os cães que corriam alegremente na praia da ilhinha dos Tracajás, que a maré, enchendo, ia cobrindo aos poucos.

A vara de capivaras havia atravessado para a ilha do « Jardim », mas no momento que corriam pela praia, para lançarem-se á agua, Bernardo chegando ainda a tempo, atirou em uma das maiores.

A capivara chumbada, não obstante, cahiu n'agua e o caçador andava mergulhando a procural-a, quando os outros chegaram, convencido como estava, que não errara a pontaria, e que a capivara estava *sentada* no fundo.

Os canoeiros reuniram-se a Bernardo, e mergulhando tambem, por differentes logares, encontraram a grande capivara.

Os cães andavam correndo aos *camaleões*, na orla da capoeirinha que descia á praia.

Os saurios verdes cahiam n'agua mas eram desprezados pelos caçadores, porque a não ser de Agosto a Setembro, tempo da desovação, são magros, não valem nada.

E', em o primeiro luar de Agosto, que vão á caça dos *tracajós*, alli na praia da ilhinha, onde tambem desovam os *camaleões*.

E' pelo luar, de maré baixa, que os tracajós começam a evolução da postura periodica.

Procuram a maior altura, que só é alcançada nas aguas-vivas, cavam a arêa, fazem a postura por camadas, divididas entre si com

arêa batida, ensopada com a agua que trazem em si as tracajás.

Cobrem muito bem a ultima camada, arrazando a *cóva*, de modo a fazer desapparecer os vestigios da escavação recente e sobem, pelo matto, indo descer á maré, por pontos differentes d'aquelles que subiram, como medida de precaução.

Assim é que o caçador, acompanhando as pégadas da *tracajá*, desde o ponto onde subiram á praia, dando uma infinidade de voltas, rodêios, vae até onde ella entrou n'agua, sem lhe achar o ninho.

Elle já sabe d'esse estratagema da *tracajá*, mas como procurou minuciosamente, diz muito ingenuamente.

— Andú passêando; não botù...

Na proxima maré grande, a agua lava as cóvas, e os pequenos tracajás, que já se acham fóra da casca, tomam o primeiro banho e ficam no rio, onde se criam, subindo á praia ou a algum pau encalhado, pelo meio do rio, para aquentar ao sól todos os dias claros, sempre na baixa mar.

As tracajás não enganam, porém, aos jacururùs [1] que apparecem á praia no periodo da postura dos tracajós e camaleões, além dos cabôclos, gatos maracajás, gaviões, todos á procura de ovos.

Ha grande peste de *motucos* e moscas que

(1) Teju-assu, sarios.

a toda hora, notadamente pela manhã, fazem um formidavel zum-zum, em volta dos sobêjos de ovos do banquete da bicharia.

*
* *

Os caçadores chamaram os cães e remaram, seguindo para o Gurijuba, onde moravam.

Tinham feito uma regular caçada, iam satisfeitos.

Os cães iam em pé, á prôa da montaria, com o nariz no ar, arrepiados, sujos de tijuco, esguios de fome.

Podia-se lhes contar as costellas de longe. A fome fazia estrago nos seus intestinos, que resentindo-se d'isso, gemiam de vez em quando. Elles mesmos, os cães, assustados, muitas vezes, abaixavam a cabeça e farejando por baixo da barriga, escutavam e ouviam que as tripas lhes roncavam.

— Qui!... rróo!... quirróo!...

Era a fome. Coitados, desde pela manhã que corriam desabridamente, pelo matto, atravessando igarapés, cerrados de *marajá* e *murumurú* e igapós cobertos de *aninga-pára*, espinhosa...

Sacudiam as orêlhas, onde os motucos sentiam o sangue porejar nos arranhões, aguçando-lhes o appetite; sacudiam-se todos, grunhiam um pouco, impacientes de chegar, e de nariz erguido, olhando os papagaios voando pelo assahyzal da-

vam um profundo suspiro, aspirando com força o vento que encanava na bocca do furo dos alegres.

Um cão *bão dê caça* não ha dinheiro que o pague, como dizem os caçadores.

— Não ha mais que comer? perguntou Bernardo.

— Inda tem uma *piramutaba* que deixamos p'ra ti...

João puchou um sacco, que traziam com peixe moqueádo, que estava em baixo do bailéo da popa, e entregou-o a Bernardo.

— Ah!... quasi não me deixam farinha, cumantão?... disse Bernardo, despejando a farinha que havia n'uma cuia que metteu n'agua para fazer *chibé*.

— Estú só me apreparando p'ra comê amoqueado este jacaré... onde vuncês acharam?

— Ahi na beirada... do outro lado.

— Nas *pacuemas*, que nós havemo de fazer uma bella caçada dê paca, no centro...

— Ah!... no centro dê meu caminho dê seringa, tem paca, que só visto!...

— Axi!... nas cabeceiras é que nós havemo dê ir... A agua escoando mais um mucado, paca ganha o centro, que chega dê parecer bando dê purco!...

— Deixe ver o tabaco dê vuncês; tinha carapanã huje no matto, que só visto!

— Olhe, compadre, que cacharrão dê o assahi...

— Onde?... será...

— Está apparecendo detraz d'aquella *siryubeira*... olhe!...

— Verdade, já encherguei... amanhã nós havemo dê arrial-o.

Vuncês não querem *jaray?*... será... disse Bernardo passando aos outros a patrona, bojuda de fructos de saboroso *jaray*. Achei uma arve na veirada d'um igarapezinho; tinha fructa amarella, que chêga dê estava arreando c'os galho!...

*
* *

Na bôcca do igarapé Gurijuba, morava o velho Leocadio, com barracão de negocio e freguezes no seu seringal do « Limão », outro igarapé, que communica-se com o primeiro, por um pequeno furo, que dá passagem de maré cheia.

Havia uma antiga questão, por causa do seringal, que ha entre o furo e a bocca do Gurijuba.

Questão alimentada por causa de um antigo cacoalzinho, plantado pelo primeiro posseiro, havendo mais alli umas grandes pupunheiras, que attestavam a antiguidade da posse; cuja questão nunca foi possivel resolver afinal, devido á systematica justiça que usam n'algumas comarcas do interior.

Não obstante, as intrigas nascidas desse constante disputar de terras, ou antes, de seringaes, aquella bôa gente não sabe guardar rancor.

Se durante um mez a questão azeda-se, havendo ameaças e falatorio de parte a parte, nunca, porém, chegando ás vias de facto, no seguinte

mez, parece que nunca houve pendencia entre elles.

Commerciam entre si, dançam, pescam e caçam juntos, na melhor harmonia, vendem fiado, fazem favores na mais firme confiança, mutuamente.

E não fosse a alta da borracha e a ganancia de alguns aventureiros, em procura desse ouro elastico, que ultimamente appareceram por quasi todas as ilhas, por todos os centros de igarapé, onde se encontra uma seringueira, despertando dest'arte também os interesses dos naturaes, nunca estes se dariam ao incommodo de deixarem suas pacatas pescarias e caçadas, vivendo simplesmente, honradamente, sem pensarem de um futuro todo cheio de inconvenientes, que só em pensal-o perde-se o tempo, vivendo uma vida de festas e amores productivos, na santa indolencia de nossos primeiros paes, abençoados por Jehovah, o Deus antiquissimo, hoje em desuso, para se darem, de vez em quando, a impertinentes viagens á cabeça da comarca, tratando dos papeis da *questão*.

— Ei!...

— Ei!...

— Dá licença?

— Pode vir!...

A maré já estava cheia e encostaram a ponta do mirityzeiro que serve de estiva do porto á barraca.

Desembarcaram.

— Ara... bastarde...

— Que tal dê caçada?...

— Bem... olhe na montaria...
— Só véjo fulha...
— Ara, desça e olhe dêbaixo da fulha.
O velho Leocadio desceu, levantou o capote de folhas de *ubuçú* que cobriam as caças e exclamou:
— Ah!... vuncês stão curados!...
Os caçadores fizeram um riso de satisfação.
— Um veado... uma capivára... um jacaré... saracura... papagaio, porção!...
— Tire papagaio p'ra vuncê nho Leocadio, stão gurdos que só visto!...
O velho quebrou o cipozinho e tirou tres papagaios, escolhendo-os pelo peso.
— Cumantão?
— Este chega...
— Mas quando... ára tire mais.
O velho tirou dez e subiu satisfeito, repetindo:
– Ara, muito bem, huje tenho uma bua janta... brigado... quando vuncês precisarem do velho, contem com elle e durmam na capoeira...
— Não ha nuvidade...
— Despues, nós lhe havemos dê trazer um pedaço dê veado.
— Não precisa encommodo...
— Não, não é encommodo; é dê gusto...
— Está bão, façam cigarro, em quanto eu vù escorrer a frasqueira, disse o velho, dispondo uma faquinha, tabaco e phosphoros. Não demorou, appareceu, trazendo cachaça, que offereceu aos caçadores.
— Quedê-lhe o compadre Zéca?...

— Sahiu co'a arma... as saracuras stavam gritando alli p'ra capoeira, respondeu indicando o matto com o labio inferior, elle não matta, stá panema...

— Nos queriamo convidal-o para sê advertir huje com nós na nossa barraca...

— Eu direi p'ra elle...

— Simsinhur...

Que leve o clarinêto... elle é bão!...

— Elle sempre toca um bocado!...

Quem os visse n'essa intimidade não era capaz de julgar que entre elles existia uma questão renhida, já tão durada.

E' que as necessidades immediatas da vida requerem o esquecimento dos maiores interesses que pendem do futuro.

A farinha é o genero de palpitante carencia e por meio alqueire de farinha, ás vezes, chega-se a graça dos mais encarniçados inimigos.

Sem farinha é que não se passa nas ilhas.

E' a questão de todo dia; é o que ainda faz pensar um boccadinho os nossos cabôclos.

Passam sem assucar, porque tomam o assahy sem dôce; soffrem a falta do chá de herva-dôce, de folhas de larangeira, de capim santo; pouco usam o café; alumiam-se com azeite de andiróba, na falta de kerozene, mas sem farinha é que elles não passam. Isso mesmo é que não!

Fazem sacrificios, sujeitam-se ao trabalho, fazem grandes viagens, em procura de farinha, porque de nada lhes serviria o assahy, o peixe, o camarão, etc., sem a farinha.

Tendo ella, o tabaco, a cachaça, nada lhes falta, estão satisfeitos.

Mas ainda assim, faltando por acaso a farinha, a paciencia dos naturaes é reconhecida, a par de honestidade; porque sujeitam-se á crise, se não ha modo de havel-a, mas não roubam, nem se impacientam.

Em 1883, a farinha esteve muito cara e escasseou tanto que algumas quinzenas houve que não se encontrava farinha em qualquer barracão, tres dias depois da passagem do vapor.

Os donos de barracão, acostumados a pedir quinzenalmente uma certa quantidade de alqueires para sortir a freguezia e vender alguma extraordinaria, n'esse anno, devido á alta da farinha, pediam metade da quantidade costumada e quando lhes chegava o vapor, anciosamente esperado, viam com desconsolo, que ainda os patrões lhes haviam cortado o pedido de farinha, communicando-lhes que não havia no mercado; a pouca que apparecia era de má qualidade e tão mal alqueirada, que seriam precisos dous alqueires dos actuaes, para fazer um dos do tempo da baixa!

E agora o preço?... 50$000 o alqueire de vinte e tantos litros!

Uma verdadeira sêcca, a crise da farinha nas ilhas.

Foi a necessidade da farinha que levou os caçadores ao barracão do velho Leocadio.

— Eu queria falar p'ra vassuncê mê vender um paneiro dê farinha; meu caminho stá dando um bão mucado dê leite... Eu lhê trago uma

prancha de borracha e uma bóla de sernamby... Quando espera vasuncê p'lo vapur?...

Ia dizendo Bernardo, com o visivel vexame de quem fala em comprar fiado, a um patrão já aborrecido de perder contas.

— O vapur deve de chegar no dia 30, mas, por via das duvidas, apreparo a borracha no dia 29.

— Não falto, vasuncê verá...

— Olhe que o patrão na cidade já me mandù dizer que eu quasi não arranjo borracha... Vuncês mê promettem e despúes não me apparecem... vendem p'ra o regatão.

Diabo que já ha mais regatão n'esses rios do que jacaré... canalha!... O C'roné podia criar um imposto, como fizeram em Breves e Macapá; cada regatão paga um conto dê réis!... e é púco!... simsinhur... p'ra não virem tirar a freguezia da gente... Um dia mê zango... passo a mão na arma, não mê entra mais um regatão n'este igarapé... isto por Deus querer!... simsinhur!...

— Ara, eu não lhe engano... vuncê verá...

— A farinha está por um dinheiro que só visto!... ia dizendo o velho Leocadio, a descoser a estopilha para vender o meio alqueire de farinha. Aqui está... mas antão é búa... meu patrão p'ra isso sê leva!... farinha e tabaco da casa d'elle é bão que só visto!... Também elle sabe que eu sú bão freguez; só no anno passado comprei d'elle 30 contos!... simsinhur!... ia dizendo, arregalando os olhos, cheio de mimicas, sem explicar, comtudo, que ficára a dever 15, metade das transacções.

— Eu queria também um quarto de tabaco ...

— Ei... tabaco antão, é que é... já não se póde mais fumar!... Antigamente se comprava uma arrúba de tabaco de primeira, por 30$000 e huje?... cento e trinta!... por Deus querer bem á gente!...

O commerciante cortou o tabaco e, cheirando antes, passou depois ao freguez.

— Veja só!... chega de embriagar...

— E' verdade!... é bão, parêsque... vassuncê não podia vender dois litros de cachaça?... eu vu suspender uns vinte *mutá* no meu caminho, n'umas madeira do centro, que ha de encher o balde.

— Eu cachaça... quasi já não tenho, mas vamos a ver...

— E uma abotoadura d'aquellas, quanto custa?...

— Dez mil réis... mas antão é garantido. Pode passar até um anno dentro do tijuco... é o mesmo uiro!...

— Deixe ver uma...

O negociante embrulhou.

— E um vidro de cheiro, *patchouly*.

O vello passou com uma paciencia de cadaver...

Depois de comprados os generos de maior necessidade, o freguez abusando da condescendencia do patrão, vae comprando quantas pinoias lhe apparecem á vista.

Não se importam de ficar sacrificados; toda sua questão é o presente.

O patrão pelo seu lado, não querendo desagradar, esperando mais uma vez nas promessas do freguez, vae vendendo, mesmo porque é nas pinóias que elle faz o seu ganho; não sabem as contas de proporção, ganham 200, 300 % e mais.

— Espoletas patente, eu queria uma caixa, e uma *libra* dê polvora e... chumbo miudinho... meio kilo... minha arreação stá chegando no tuco, o balde já quasi não aguenta o leite...

— Simsinhur...

— E lenço... tem?...

— Tem...

— Deixe ver um...

O negociante abriu uma caixa em cima do balcão e o freguez escolheu dois, com dizeres bordados a fio de seda.— « Meu anjo », « Eu te amo !» « Minha flôr !... »

— Eu queria encommendar p'ra vassuncê pedir p'ra mim da cidade, uma espingarda patente e uma harmonica franceza... sim?...

— Simsinhur!...

— E uma baùta-carteira...

— Simsinhur...

— Vassuncê compra cuiro de veado?...

— Uai!... como não?... quantos tem?...

— Tenho uns quinze...

— Póde trazer.

— Simsinhur... quanto vassuncê quer por via d'aquella carça?...

— Duze mil réis...

— Deixe ver... vassuncê peça tambem p'ra mim uma carça de cazimira, mas eu quero bùa!...

Simsinhur...

— E uma camiza franceza... esta quinzena eu lhe trago toda borracha que arranjar...

— Simsinhur...

— Ah... ia mê esquecendo... não tem chaminé dê arma?...

— Tem e bãos...

— Deixe ver.

— Bote um mata bicho p'ra nós...

— Simsinhur...

— Não tem pão?...

— Não...

— Nem bolachinha?...

— Tambem não...

— Se vassuncê tivesse, já lhe comprava um mucado; ara... veje só o que é o negociante que não pede tudo quanto é mercadoria, da cidade; deixa ás vezes de fazer um bão negocio...

— Sinsinhur...

— Ara, veje só quanto eu fico devendo...

— De penna, não, mas de cabeça ninguem me ganha...

O negociante fez o calculo, pensando, olhando para as mercadorias, apartadas em cima do balcão; olhou para o tecto, contou pelos dedos das mãos, olhou para o chão, como se precisasse do auxilio dos dedos dos pés e respondeu depois:

— Nuventa e cinco mil réis...

— Ara, isto não é nada; só n'uma quinzena eu pago tudo e ainda eu tiro saldo; o matto stá escoando... e eu vú atorar a volta do centro ..

— Simsinhur...

— Se não fusse a *amansação* de estrada e aquella ferrada de *arraia* que eu apanhei em Janeiro, já tinha lhe pago a conta velha; mas este anno, se a borracha não arrear, eu lhe pago.

— E' bão... eu também preciso...

— Lhe pago, por Deus!...

— Vamos embora sta gente?...

— Vamos.

— Ara, ainda é cedo...

— Mas quando... nós queremos aproveitar a enchente...

— Ainda tem muita agua...

—Dê lembrança p'ra esta gente...

— Simsinhur!... serão dadas...

— Adeus!..

— Adeus!...

*
* *

Os caçadores largaram e logo que a montaria encobriu-se do barracão, na curva do igarapé, suspenderam os remos e a canôa marchou de bobuia.

— Verdade, amanhã nós havemos de apanhar o assahy; estou só me lembrando d'aquelles cacharrões que encherguei na ilha dos « Pregos »...

— Amanhã nós estaremo é dormindo... só se não apparecer muça p'ra se dançar...

— Antão... despües...

— Despues estù de caminho p'ra o Caldei-

rão... a festa da tia Geralda começa no dia 20, eu não quero faltar; essa gente stão m'esperando...

— Nós quazi não temo tempo esta quinzena; chegando de lá no dia 25, temos que fazer nossa caçada no centro p'ra aproveitar as pacuemas...

— Por falar em pacuemas: me lembrù do trato c'o compadre Jabóta... por via da pescaria no *uapezá* ([1]).

— Verdade... peixe este anno no uapezá, chega de metter medo... o verão stá bão...

— Compadre, vunce já sabe quem vae p'ra festa da tia Geralda?...

— Cumantão?...

— A chica do « Furo Secco »...

— Ah!... por isso que Bernardo não quer faltar...

— Axi!... só se vuncês uma viage não tivessem dormido no « Furo »...

— Mas quando... nós dormimo lá por via da maré... dê madrugada a agua estava grande, nós varemo logo...

— Só sinto de não ser um jacaré, p'ra comer aquella preta... influida que ella é, que só visto!...

— P'ra dançar é que ella é bùa; a módo que nem senta os pé no girau!...

— E a irmã d'ella... p'ra um landù antão... só visto!...

— Ah... quando ella dança... uma walsa,

(1) Onde abunda o uapé ou agua-pé.

mechendo co'a bunda, parece a pupa d'um navio, na marezia...

— Ah!... compadre, vuncê nunca andù n'aquelle barco?...

— Axi!...

— Não negue...

— Mas quando...

— Compadre, se eu não fur, vuncê danse uma walsa c'o ella, pra mim, sim?...

— Ainda que vuncê não me falasse, eu dansava...

— Ah! safado...

— Por certo!...

— Bernardo é que vae se arranjar co'a Reimunda... leva lenço bonito...

— Peior!... uhum!... não é da conta...

— Ninguem te toma rapaz...

— Não mecham, é que é...

E dessa maneira, seguiam, de bobuia, fazendo cigarro, conversando, sem lembrarem-se do compromisso contrahido para com o velho Leocadio, que lhes vendera fiado, mais uma vez, pensando que elles iam preparar borracha para o dia 29, conforme prometteram.

Não tinham tempo de ir ao *caminho*, n'essa quinzena; havia dois dias que o trovão annunciava chuva, a tarde, iam pensando, e elles, com o matto molhado, é que não iam *cortar;* iam se empatando c'o as caças dos cachorros e a chuva colhia o leite primeiro do que elles.

Depois, seringueira a escorrer agua, não segura tigellinha... barro não é prego... e não convinha estragar leite. Uma quinzena que não

sê *corta*, a estrada descança e então na seguinte, é leite que só visto!...

Bernardo levaria os couros de veado que tinha para o velho Leocadio, compraria um paneiro de farinha e mais algum aviamento... e para a quinzena... se não chuvesse, ia ver... mas não sabia... ainda tinha que alevantar *mutá*... precisava estivar a *manga* do igapó... que tinha nove seringueiras muito búas...

Peior é que estava compromettido para servir de pilôto da viagem que o capitão Barrêto ia fazer á cabeça da comarca, por via das eleições e alli haviam de demurar alguns dias, bem uns dez... Mas o que fazer... o capitão era búa pessùa, Bernardo devia-lhe uma conta de que elle nunca falava, verdade é que não chegava a um conto de reis... e ainda lhe offerecia estrada no seu seringal do « Furo do Gyro »...

Despùes a canùa d'elle era bùa, passava-se bem a bordo... e elle, Bernardo, como pilôto, tinha certas vantagens, nada faltava, tinha o bão tabaco... a bùa cachaça.

A pescaria

Eu gosto da vida assim
Gosada sem dissabores,
Comendo peixe na folha
Juntinho de meus amores...

JUVENAL TAVARES.

A PESCARIA

CAPITULO IV

DESECCAMENTO por que passam no verão os alagados das cabeceiras do Gurijuba, faz descer o peixe d'aquelles immensos tremedaes de aguas e tijuco e procurar os poços que não seccam, mas que facilitam assim a pesca, que se faz então de muitas maneiras.

Um dos meios commodos, a fóra o caniço, é o *matapy* ([1]).

Despesca-se o *matapy* duas ou tres vezes por dia, visto que o uso delle só se faz onde não chega a maré, do contrario, não produziria o effeito desejado.

---

(1) Nassa.

Ha occasiões que se encontra o *matapy* tão pejado, que é preciso rolal-o para o sêcco, como se fôra uma barrica.

Mas se o verão continúa, as aguas vão baixando e o peixe vae descendo, descendo, até encontrar a maré, onde procuram poços e ahi ficam, esperando as primeiras chuvas e as primeiras marés de aguas-vivas, para regressarem aos grandes pantanos, onde passam o inverno.

E' nesses poços onde se faz a *tinguijada*, envenenando-se agua com o succo da folha de *cunamby* ou de raiz do *timbó*.

E' preferivel o *cunamby*, que só faz entontecer o peixe, que vem todo á tona d'agua, batendo doudamente, correndo para as margens. Os que não morrem até a reponta d'agua, não morrem mais; a agua nova da enchente restabelece-os promptamente.

Ao contrario, o *timbó* mata immediatamente, estragando muito peixe, que não é possivel aproveitar, por falta de conducção e tempo para salgal-o.

Vem a enchente e com ella o peixe, que sóbe, sentindo o cheiro do *timbó*, volta, ficando o igarapé inutilizado por muito tempo.

E' pelo quarto minguante da lua, nas pacuemas, quando as marés são menores, que se faz a tinguijada.

O leito dos igarapés amanhece descoberto, cascassa á mostra, cortado em poços, aqui, acolá, agua muito sentada, vendo-se passear em seu seio, seus innumeros habitantes, correndo de vagar, interceptada pela paozada coberta de lodo,

de tijuco, que repousa no fundo, atravessada e em todos os sentidos.

Aproveita-se a enchente para subir o igarapé, até onde é possivel e onde, quasi sempre, fica a ultima barraca de seringueiro.

*
* *

Uma canôa, tripolada por oito ou dez pessoas, subia o Gurijuba.

Um pouco acima da bôcca, encontrava-se a barraca do Leonardo, á margem esquerda.

Leonardo era um cabôclo claro, de estatura regular e cheio de formas.

Tocava muito bem harmonica e por isso, de pagode em pagode, ganhou fama de bebedo e vadio.

Devia em todos os barracões, aos vizinhos e aos regatões que não lhe atracavam mais no porto, com medo do fiado e da bebedeira e, uma vez embriagado o Leonardo, dava o que fazer; tornava-se temido e perigoso, levando até a velha mãe a sopapos.

Má hora atracaram no porto do Leonardo; não pensavam encontral-o em maré de cachaça.

Precisavam de uma rede de pescar, e como o Leonardo tinha, tomariam emprestada e lhe dariam na volta um pouco de peixe.

— Ei!... dá licença!...

— Póde vir!...

Desembarcaram, primeiro o José Flôr, e

foram subindo depois, mirityzeiro acima, o Henrique, o Terra, Januario, o Lucas, Firmino e por ultimo, dois pequenos, Thiago e João.

Foram bem recebidos e depois dos cumprimentos communs entre aquella gente, foram sentando-se por alli, á beira do *giráu*.

Era um grande alpendre, mas ainda assim, resto de uma grande barraca, que fôra.

O primeiro proprietario, o pae de Leonardo, morrera, havia meia duzia de annos.

Alli chegára quando ainda não havia a extracção da gomma elastica, esse rico producto que faz a felicidade dos dois grandes Estados do extremo norte do Brazil.

Plantára grandes cacoaes, que a seu tempo, foi uma fonte de rendimentos, mas dos quaes hoje nada resta.

O grande laranjal sobre o qual pesam algumas dezenas de annos, achava-se em um estado lastimavel de decrepitude e abandono e ia, a passos largos, morrendo, acabando-se, enxertado de parasitas damninhas, todo coberto de musgo, achacado de molestias que lhe são proprias.

Um genipapeiro velho, já quasi morto, entre o porto e a casa, dobrava para o sólo seus galhos carregados de milhares de ninhos de japiins, que alli habitavam em numerosa colonia desde muito tempo, e continuavam n'aquella alegre festa de passarinhos a cantar, como nos bons tempos d'aquelle sitio, quando as festas da Santa Luzia eram alli tão populares.

Ficou aquillo tudo assim, desolado, logo após a morte do velho Lino.

O velhinho já andava desde muito tempo adoentado, macambuzio de tanta labuta, vergado ao peso de setenta janeiros.

Carpia a saudade dos filhos, das filhas, que se foram casando, arredando-se um a um, d'aquelle ninho quente, antigo, para fazerem também os seus.

Aquelle desmembramento de familia, que elle fizera viver, mas que agora vivia d'ella, mais o acabrunhou.

Depois, aquella maldita inflammação, que já lhe fizera perder um olho, que esbogalhou e cresceu como um carbunculo e que vasava pús e sangue constantemente...

Chegara-lhe um dia uma visita, e o velho, no intuito de agradar, como costumava, mandou um pequeno trepar em uma larangeira, ao pé da casa, muito bem tratada, carregada de fructos muito amarellos, reservados mesmo para os hospedes.

O pequeno ia apanhando as laranjas, que atirava do alto, uma a uma, por entre os claros da ramagem, nas mãos do velho, em baixo, aparando com cuidado, olhando para cima só com o olho são, que o outro estava inutilizado, coberto com um grosso emplasto de leite de *anany*...

A ultima laranja que botou n'um dos galhos inferiores da laranjeira, desmantelando a quéda, pulou um pouco para o lado e cahiu desastradamente sobre o olho doente do pobre velho... Oh!...

A hemorrhagia prostrou-o de vez e poucos dias depois, baixava á sepultura, que foi aberta

alli mesmo, debaixo do laranjal, onde duas vaccas, com suas crias e um novilho manso, que comia *pacóva*, ás mãos da gente, ruminavam triste, silenciosamente, á sombra d'aquelle sol de verão, quente, quente de escaldar!...

E logo ficou tapéra aquelle sitio tão frequentado, tão conhecido de todo distincto...

* * *

Sobre uma parte assoalhada de *jussara*, que havia, cercada por tres paredes de palha, velhas, esburacadas, estava o oratorio da Santa, sobre uma mesa antiga, construida de taboas de pinho, meio desconjunctada, roida do cupim.

Era um oratorio de taboas grossas, pintado de verde, com listas brancas, sem vidros, tapado com um trapo de ganga, sujo, todo rôto.

Dentro, uma manga de vidro resguardava a santa das baratas e traças, que já haviam pachorrentamente liquidado a pintura e certos membros e orgãos das outras imagens, que se viam cobertas de bolôr, immundas, estupidamente desfiguradas.

Um pequeno Santo Antonio, de cara de macaco, sem orelhas, de olhos comidos, estava ennovelado, afogado, n'uma aluvião de fitas de varias larguras, incolores, entrelaçadas, em trouxa, onde as baratas se aninhavam.

A um lado, n'um canto, tres bandeiras, embrulhadas nas respectivas varas, já sem côr, de

morim, encimadas de *bouquets* seccos, descorados.

Na ponta de uma d'essas bandeiras, a maior, via-se a pomba do Divino pintada de branco, olhos encarnados, ou antes uns traços horizontaes, sem parecença alguma com os olhos das aves, de azas fechadas, tudo porcamente feito, antigo, immundo...

No mais, uma esphera de pandeiro, pendente de um prego, n'um esteio, dois cylindros de tambores, sem as respectivas pelles, a outro canto.

Na parte que não havia assoalho, havia uma mesa quasi desconjunctada, com uma gaveta cheia de papeis, a granél, misturados, n'uma balburdia a valer.

Eram papeis de correspondencia commercial, do tempo que Leonardo fôra regatão aviado da capital.

Enveloppes azues, amarellos, com dizeres impressos, endereço manuscripto, com bonita letra de guarda-livros, onde se lia: Srs. Mello & C.ª, Pinheiro & Irmão, ou Mello Filho & C.ª, e outros, porque o Leonardo tinha a mania de mudar de firma quasi todos os mezes, porque tambem sempre estava mudando de casa, a medida que ia-se atrasando; de maneira que sempre que passava para nova correspondencia, mudava a firma, para não ser apanhado.

Em cima, no alto do enveloppe, estava o nome do vapor — « *Aripuaná* », « *Brito* », « *Rio Ytuxy* » — e em baixo á direita, o porto — « Bocca dos Alegres », Aturiá do Moura, Santa Cruz,

Nereçá, Ceretama ou outro, porque o nosso amigo era bem previdente; ao passo que mudava de correspondente tambem mandava vir a carga para éste ou aquelle porto.

Em cima da mesa sentou-se um irmão do Leonardo, um tal Santos, emquanto os hospedes sentaram-se uns, á beira do girau e outros em caixas vazias, que serviram para sabão, kerozene, etc.

Na mesa em que estava o Santos, também havia varios objectos de uso de seringa, como fossem: um bornal de colher sernamby, tigellinhas de folha e de barro, pedaços de *capemba* de ouricury, que usavam por causa de carapanãs e maruim, quando cortavam a estrada e mesmo na barraca, á noite.

E' o melhor facho que os seringueiros usam para a praga. Deita um fumo forte, que faz arder o nariz e chorar os olhos.

Havia mais e ainda sobre a mesa um rôlo de rêde de pescar e uma harmonica e outros pequenos objectos de uso diario.

O Leonardo, de olhos vidrados, rescendendo a alcool, appareceu trazendo uma botija com cachaça, que offereceu aos recem-chegados, em uma chicara grossa, de lavores azues.

Offereceu por ultimo ao Thiago que não acceitou, desculpando-se.

— Brigado...

— Cumantão?...

— Não bebo...

— Vuncê bebe, tornou o Leonardo, ameaçadoramente.

— Não, brigado... brigado... ia dizendo o pequeno, afastando-se com medo.

— Vuncê bebe, ou apanha!... berrou o Leonardo.

— Ara... meu mano... o pequeno... deixa... elle não bebe... intervia o Santos, sempre sentado sobre a mesa velha que rangia a qualquer movimento.

— Elle bebe, ou apanha!... eu não engano!... insistio Leonardo.

— Beba!... quando não jogo-lhe na cara!...

— Brigado... não ateime, nho Leonardo...

— Ah!... não bebe?... não?

E depondo a botija e a chicara a um lado, começou a enrolar as mangas da camisa e por-se em attitude de quem quer brigar, e pegando da chicara, avançou, enchendo-a de cachaça e atirou com força á cara do pequeno, que acudiu aos olhos com as mãos, gemendo...

A esse tempo já todos de casa estavam alvoroçados.

A tapuia velha, mãe d'elles, a Chica Assahy, mulher do Leonardo, uma preta mettida a muita bondade, de um cabello assaranhado, levado do diabo, e mais irmãs della, o Santos, todos procuravam acalmar o bruto...

Tinham-lhe muito medo, por isso supplicavam vexada, timidamente...

— Meu mano... te acommoda... olha o que já fizestes c'o pequeno...

— Meu filho... Cumantão?...

— Meu marido... vamos nôs deitar...

— Vão para o inferno!... cambada!... ve-

lha do diabo!... tú não é minha mãe cachórra!... Ninguem se metta c'oa minha vida!... eu su home!...

Gritava elle, o Leonardo, congestionado, enrolando sempre as mangas da camiza, ameaçando sopapos, andando, virando, procurando uma arma qualquer; que felizmente não havia, graças ás providencias das mulheres, que já haviam occultado tudo para o matto.

Saltou para a parte assoalhada, com peso que abalou tudo, quasi deitando em baixo o oratorio com os seus macambuzios habitantes.

A velha acudiu logo e as mulheres, assustadas, supplicando...

— Ara... meu filho... a Santa! deixa... a Santa!... não mexe!

— Meu mano, desce p'ra baixo...

— Ara... cunhado... p'la divina mur de Deus!...

O Leonardo, rapido, abraçou um grande pacote de foguêtes, que estava em cima da mesa do oratorio e jogou com elle para baixo.

O pacote esbandalhou-se e os foguêtes espalharam-se pelo chão.

— Atáco fùgo!... atáco fùgo!... já!... não é logo!... diabo!... ninguém se metta co'a minha vida!... eu su home!...

E correu á cozinha em busca de fogo.

— Ah!... meu filho!... p'la divina amur de Deus!... gritou a velha Agostinha, que julgou logo perdida a barraca e os foguetes que comprara com suas economias de seringueira.

Mettia dó a pobre velha! Pedia e chorava em altos gritos, que agarrassem o filho...

*
* *

Com toda a miseria a que tinha já chegado a casa dos herdeiros do velho Lino, ainda assim a viuva, costumada como estava, não deixava de fazer todos os annos a sua festa da Santa Luzia.

Ninguem lhe ajudava n'aquellas despezas, que não eram lá muitas, como no tempo do seu finado; mas coitada, agora mais lhe custava.

Percorria todos os dias, a sua estrada de seringa, duas vezes, com sacrificio que só ella o sabia.

Constava a estrada de oitenta arvores, algumas de mutá, cujas escadas, que fazem de pedaços de assahyzeiro, tinham doze *dentes* e mais ás vezes.

Madrugava. Sahia ao romper do dia, de cabeção e saia de azulão, muito curta, que appareciam até quasi aos joelhos, as pernas seccas, enrugadas; paneiro de barro ás costas, machadinha na mão, facho debaixo do braço e seguia, cortando as seringueiras e pregando as tigellinhas com barro cuidadosamente, juntando n'um bornal que levava a tiracóllo, pequenos pedaços de sernamby, borracha grossa, do leite que coalhava nas tijellas e no pé das seringueiras, que escorriam á noite.

Vergada para a frente com o peso do pa-

neiro de barro, caminhava, atravessando alagados, subindo e descendo mutás, com os pés escorreguentos de tijuco, em risco de cahir lá de cima, d'aquelles andaimes tão finos e espaçosos, e marchava depois passando igarapés sobre delgadas hastes de assahyzeiro, sempre perseguida d'um enxame de carapanãs, que ella enxotava das orelhas, do rosto, com as mãos sujas de leite, de modo que ia pouco a pouco, ficando grudada, mascarada de sernamby que era uma pena...

Quando chegava no centro da estrada, gritava aos cães, a ver se achavam alguma cutia, e de vez em quando, para oriental-os, batia com o machadinho nas *sacopemas* de *pitayca* ou andiróba, que estrondava como trovão, em Janeiro!

A' tarde, depois de colhido e defumado o leite, ainda ia preparar cavacos e caroços de ouricury, para a defumação do dia seguinte.

Depois assava algum pedaço de caça ou algum peixe, *tariyra ou jejú*, ou mesmo uma *piramutaba* ou *jandyá* que ella puchava de noite, no porto, comia com bastante limão e pimenta e depois deitava-se na sua rêde, pensando que ainda muito tinha que trabalhar para pagar um capado ou um pequeno boi, que tinha encommendado para sua festa costumeira, foguetes, assucar e pão torrado.

E os damnados de seus filhos, que não lhe ajudavam e ainda viviam á sua custa, á custa de seus minguados esforços, estragavam tudo, furtavam-lhes as vezes, alguma pelle de borracha, que fazia, sabe Deus com que sacrificio, para pagar ao regatão que n'aquella casa só fiava

d'ella; pois os mais eram vadios, não tinham credito, só viviam de enganar e beber... tratantes... más horas em que os parira!... patifes!... que ainda, em cima de tudo, lhe batiam cruelmente como se ella não lhes merecesse a minima compaixão... Era só metterem-se no porco e... tóca... cachórra, tapuya ordinaria!... femea de *cuatá!*... e... e quantos nomes mais lhes vinham á bocca... enxotando-a a sopapos, a pontapés, como se ella fosse uma cadella... mas quando?... cadella... uhum... elles estavam mas eram enganados... um dia... um dia... uhum... ella ainda podia c'o paneiro de barro e o machadinho, quanto mais com um galho de *cuieira*... que guardassem a costa...

Batia os carapanãs, que lhe vinham cantar aos ouvidos, impellia a rêde com o pé e continuava o seu monologo.

Vadios!... uhum... e agora ella... a se matar, cortando seringa, caçando por aquella matta, aos domingos, nem descançava e elles... no pagode... tanto peixe no centro... no uapezá este anno, eh!... só visto, e tetelé... cachorra... ordinaria... e agora por que?... porque pensavam que ella ainda ficára com alguma economia da ultima pelle de borracha que vendera...

Não viam que ella comprava a farinha... o tabaco, kerozene, tudo, que elles nada compravam, e ainda não chegára a borracha, ficára ainda a dever uma continha ao regatão... o que vale é que elle era *bão* p'ra ella, o Etelvino da canôa *Marandúba*.

As carapanãs apertavam, cahiam em chuva

em cima da velha, alli já á bocca da noite, que é quando ellas engrossam, que estronda!

Batendo a praga, impaciente, com uma cara de quem está sendo picado por todos os lados, levanta-se, examina o facho... estava apagado.

Pega na lasca de *capemba*, vae á cozinha, accende-a e vem fazendo corrupio com o facho em volta de si, espargindo fumaça por todos os lados, pensando que acha-se empenhada n'uma grande lucta e repete de si para si: anda!... praga... agora... han... tem medo de fumaça?... não?...

E deita-se depondo a *capemba* bem accesa, debaixo da rêde, que a fumaça envolve, remechia-se e olhava o tecto com uma certa preoccupação, como se lhe esquecesse alguma cousa. Era o monologo interrompido.

E volvendo-se sempre, na rêde, deu um gemido, magoando um arranhão que tinha nas costellas.

Esse facto, trouxe-lhe a lembrança do que procurava e continuou como se a ordem de seus pensamentos ainda não se tivesse desvirtuada.

— Que unhas... estava cahindo... mas se ella não fóge de lado... tinha força o patife... ainda arranhou-lhe as costellas c'oa unha... e agora?... p'ra lhe tomar um quarto de tabaco... tudo não... mas dava um pedaço... uhum!... ainda que ella se virasse em sernamby e se vendesse, era pouco p'ra elles se metterem no porco... tapuyo safado, que sahira mais claro para ser o mais ordinario...

Por isso a velha Agostinha chorava e gri-

tava que lhe agarrasem o filho, quando não, botava fogo na casa e seus foguêtes... pensava, a festa... o dia 13 de Dezembro, não estava longe... a Santa Luzia... e ella não tinha mais tempo de comprar outros...

*
* *

Mas, as mulheres correram também á cozinha e antes que o Leonardo podesse tirar algum tição de fogo, despejaram um pote d'agua, de vez, apagando-o. Levantou-se uma fumaceira dos diabos, do fogo que chiava, embebendo a agua que sumia-se, fervendo na cinza, nos carvões, a cozinha escureceu e houve uma confusão!

O Leonardo desandava taponas, sem distincção nas cunhadas, na mãe, gritando possesso:

— Varêta, quem não pode não se metta!... toma!... eu su home!...

Agarraram-o tres mulheres, e o botaram no chão, mas elle, promptamente, com meia duzia de pesadas, afastou-as e correu para fóra.

O Santos, que ficára com os outros, aproveitando a ausencia do irmão, ajuntou os foguetes e metteu dentro da gaveta da mesa velha que ficou cheia, mal fechada e sentou-se em cima, ao tempo que o Leonardo apparecendo, comprehendeu a operação e quiz vingar-se.

Approximou-se disfarçadamente da meza e já perto, deu um pulo de féra, agarrou-a por uma perna e virou-a vigorosamente!

Ficou tudo escangalhado, e o Santos, arras-

tando-se por entre os escombros da mesa e de tantos objectos espalhados, apanhando murros e empurrões do irmão, poude afinal escapulir e correu!

Os rapazes da pescaria, aproveitando-se da confusão, embarcaram, mesmo a pedido das mulheres, da velha que supplicaram.

— Vão já esta gente! ..

— Pla divina mur de Deus!... embarquem já!... quando não, meu filho faz uma desgraça!...

— Ah!... p'ra o que vieram vuncês huje aqui! ..

— A maré já estava vasando e elles agora tinham que remar se quizessem alcançar as cabeceiras, antes de começar apparecer a paozada do leito do igarapé.

Remavam e discutiam façanhas e valentias.

— Ah!... se elle viésse p'ra minha banda, arrumava-lhe o braço, que era só uma!...

— Eu estava só esperando que crescesse p'ra riba de mim, que eu arrumava-lhe com aquella caixa de sabão!...

— E o Santos, mêdrúzo... que elle é... no meu cazo, arrumava-lhe co'a aquella harmonica... que elle havia da sahir dançando...

— Mas quando!... vuncês agora é que estão com valentias...

— Mas eu sú home que me lavo, não é agora p'ra ter mêdo d'aquelle tapuyo...

Nisso, lembraram-se da rêde que não traziam... Ah! como havia de ser?... sem rêde não poderiam fazer a tinguijada... tapagem de folhas não aguentava o peixe...

— Ara, eu vù trazer a rêde... p'lo matto, de... vá... gar... e chegando lá, arranco co'a rêde!... disse o José Flôr.

— Olha se elle te apanha...

— Mas quando! Se elle se fizer besta, apanha!...

Atracaram a montaria e o José sumiu-se no matto. Os outros esperavam.

D'ahi a pouco, agitou-se a folhagem e o rapaz appareceu, sobraçando o rôlo de rêdes.

— Ah!... chumanos... vuncês nem sabem?

— Cumantão?...

— O homem quasi mata a mãe!

— A mãe delle... explicaram os outros.

— Arrumou, e bem... a zagáia na mãe!...

— E dêspues?

Tomaram e elle correu, mas não apanhou... a velha fugiu co'a costa e a zagaia passú e cahiu fincada n'um esteio. Correu p'ra o matto co'a Anna e se metteu debaixo d'uma *guaxendubeira*... agora vae ficar bão...

— Qual é a Anna?...

— Aquella gur... da...!... mas qualquer outra que elle apanhasse, era o mesmo... ellas já sabem o que é preciso p'ra elle se accommodar...

Vasam rapidamente as marés de pacuemas, por isso chegaram já tarde, depois de muito arrastarem a canôa sobre os paus, dôrsos de grandes arvores deitadas no seio do igarapé.

Pernoitaram na barraca de Antonio Quaty que era até onde as canôas chegavam. D'ahi, seguia-se para os cabeceiras pelo matto.

Noite mal passada, pouco dormida, n'um inferno de carapanãs, que não deixam os pescadores durante toda a noite, picando e cantando fanhosamente aos ouvidos; unico obstaculo a um completo reponso, no seio d'aquella matta virgem, imponente, respeitavel!

Sómente ouvia-se de vez em quando, os nervosos berros da coruja grande e o martellar do *crumarú* lá em cima de uma *ucuúbeira*, na margem do igarapé.

Na verdade, não se estando acostumado com aquelles berros, que ferem o silencio da noite, no meio da matta escura, berros e gemidos altos, monotonos, gargalejádos pela corúja ou pelo *crumarú*, dá para temer-se.

Mas os cabôclos conhecem a floresta e os seus habitantes, como conhecem a casa e a familia.

Não temem as vozes dos animaes, a não ser de um ou outro, que tenha relação com alguma lenda infantil, que os chame a considerações.

Emquanto ao *crumarú*, tem elles uma especie de veneração e estima.

O *crumarú* é uma especie de gia, que habita algum ôco, lá muito alto, nos galhos das arvores gigantes. Forra a sua morada com uma cêra amarellada, com a qual também prepara a bocca da casa— uma chaminé toda de ceról, por onde entra e sahe.

Aquelle ceról é tido em grande estimação,

porque serve para differentes applicações e mezinhas caseiras.

Contam do *crunuarú* a seguinte interessante lenda.

*
* *

Foram os cabôclos tirar salsa e apanhar castanhas.

Navegaram o Cayary emquanto tiveram agua.

Depois pucharam a canôa em terra e embrenharam-se no castanhal.

Iam primeiro a salsa, esperando que o chão se cobrisse de ouriços.

Deixaram a floresta de castanheiros e caminharam ainda.

Passaram a campina e penetraram n'um capoeirão antigo.

Era a matta da salsa, densa, tão densa, que a cãoéra não podia cahir sobre o inambù.

O cipozal de salsa enlaçava entre si as arvores e a matta era escura.

O veado vinha mariscando, chegava á orla do bósque, voltava á campina.

Os caboclos cortaram matto e fizeram a sua barraca.

Amarraram suas rêdes e dormiram.

No outro dia foram á colheita e quando o sol declinou, voltaram ao tejupá.

Só um dos caboclos que mais se entranhara

no bosque, viu o caminho do Yurupary, tremeu e guardou para si.

Yacy galgou as montanhas, illuminou a matta e desceu para o outro lado...

Amanhecia.

As inambùs descantavam pelo salsal á fóra.

Clareou.

O sol entrou no bosque e os caboclos com elle. O tejupá ficou silencioso.

O yacamim veiu mariscando, entrou no tejupá e fugiu receioso.

O motum vinha também procurando sarará, entrou no tejupá e fugiu de medo...

Eram as redes dos caboclos que ficaram amarradas.

Só o caboclo que vira o caminho do yurupary, desmanchara sua rede.

O sol pulou e chegou no meio do céo.

O yurupary andou e chegou no tejupá.

Quebrou seis pedaços de sacahy, do tamanho da perna da saracura, e botou um em cada rede.

Depois voltou para o bosque.

Os caboclos voltaram ao tejupá, quando o sol levou-lhes a luz.

Dormiram.

Yacy surgiu da campina, aninhou-se na folhagem do caranazeiro.

Subiu depois ás montanhas e fugiu para o céo.

O sol veiu, já não encontrou Yacy...

O dia clareou.

Os caboclos não acordaram.

O sol galgou também as montanhas mais altas e foi andando para o céo.

Os caboclos não acordaram.

Yurupary chegou ao tejupá e comeu os caboclos.

O caboclo que desmanchara a rede, trepado na imburana, viu os camaradas serem devorados.

Yurary comia como o yacaré.

Tinha a bocca no meio do estomago.

Quando gritava, apparecia a lingua da côr do pirarucú, se mexendo como a surucucù, quando trepa ao guarumon, em busca de tangará.

O caboclo desceu da imburana e fugiu...

Chegou ao pé da copahyba, parou.

Crunuarù trabalhava lá em cima, no galho mais grosso.

Gritava para se divertir e o seu grito era como a voz do machado, quando corta o piquiá.

A noite veiu tão escura como o acapù.

O caboclo chorou e o crunuarù ficou calado.

Falou e o crunuarù desceu o seu puçá.

O coboclo suspendeu-se e occultou-se na folhagem.

Quando o mocotó calou-se, yacy appareceu.

Andou por cima dos paus altos, como o yapù.

O sol persegue o yacy como a cãoéra a inambú. E como o sucuruyù a cutia.

Yacy occultou-se na nuvem.

As ynambùs cantaram e o sol entrou na matta.

Yurupary voltou ao tejupá, viu a rede desmanchada e gritou.

O grito ia longe, de serra em serra.

As pedras escorregavam para o rio.

O grito foi andando e chegou ao castanhal.

Os ouriços cahiam como chuva.

Como a anta espantada levando o cipózal no peito, o yurupary corria pelo matto.

Como o yaguar em busca do veado, yurupary andava em busca do caboclo fugitivo.

Chegou na copahyba, parou.

Rodeou.

Olhou para cima e falou.

— Crunuarù, quedê-lhe minha embiara !...

— Tua embiara !... tua embiara !... e gritava para se divertir.

— Quiró !... quiró !... quiró !... quiró !...

— Crunuarù... quedê-lhe minha embiara!...

— Tua embiara... eu não vi tua embiara !...

Crunuarù nunca disse que a urutay gritava quando o sol andava por cima da matta.

Nunca disse que o ynambú buscava o gavião...

Nunca disse que o yaboty atrepa no taperebazeiro...

Yurupary acreditando, voltou para o bosque.

E quando o grito do yrupary era menor que o do mocotó, o crunuarù desceu o seu puçá e o caboclo pisou a chão.

Passou o campo e entrou no castanhal..

Deixou o castanhal e chegou ao cayary.

Desceu a sua canôa e remou.

O sol passou tantas vezes na sua cabeça como tantas folhas tem a assahyzeiro.

Chegou nas ilhas.

Sua cunhã lhe esperava e os curumins ouviram sua narração.

Os curumins cresceram e tiveram suas cunhãs.

Essas cunhãs tiveram curumins que também ouviram esse caso.

Pela manhã cedo tomaram os pescadores suas roupas do matto e, munidos cada um de um terçado, levando paneiros de *cunamby* ás costas, sumiram-se na floresta.

Habituados como são, seguiam descuidadamente, varando o cerrado, puchando aqui, acolá, uma vergontea de *timboassú*, cipó consistente, proprio para enfiar o peixe, que cresce em familia, enrolando-se nas arvores grossas e ramifica-se lá no alto, enredando-se pelas copas das *andirobeiras*, dos *assacuzeiros*.

Foram sahir á beira do igarapé, justamente como tinham calculado, n'um poço que havia na bifurcação.

Desceram de vagar, sem fazer bulha nas folhas seccas, e escutaram.

— Ah! meu mano, peixe stá estrondando!

— Mas é verdade!...

— Olha!... olha... que porção!... *jejú* que só visto!

— Ah ! possiva vamos sentar a rede !...
— Depressa !...
Uns desceram para sentar a rede e outros para botar o cunamby.
Sentada a rede n'um estreito, para impedir a descida do peixe, começou logo a *tinguijada.*
Metteram-se n'agua, em differentes logares, a baldeal-a com o *cunamby,* remechendo-a com tijuco.
Agora alli toda bulha é pouca, afim de alevantar o peixe e atordoal-o.
Davam pannos de terçado n'agua, que estalava, viravam, mettiam varas por aquelles buracos, por baixo dos páos, pelas *fulapas,* que a corrente cava por baixo dos barrancos das tronqueiras das arvores, toldavam em todos os sentidos.
Não demorou, porque os peixes sentindo o cunamby, começaram logo a correr, pulando alto para escapar sobre a rede, que lhes vedava a passagem, batendo, voltando em roda do poço, procurando agua limpida, saltavam em secco de muitos d'uma vez, boiavam do fundo em bando, correndo á tona sem sentidos, embriagados, em confusão !
E começou tambem a azafama, os gritos dos pescadores.
— Eh ! José !... chega !
— Olha o peixe que vae descendo !... corre !...
— Não ha nuvidade !... d'aqui não passa, pára na rede !

— Mas stá pulando !...

— Não faz má !

— Cheguem d'ahi sta gente !... o peixe stá sê mettendo por este braço !...

— Ehei !... aqui na mãe do puço o peixe stá sentando !...

— Cada um jejú que só visto, chumano !...

Os pescadores n'essa occasião multiplicam-se, cada um vale por dois.

Correm para todos os lados e acham-se a tempo em qualquer local onde o peixe bate, em terra, lançam-se á agua, dão tremendos golpes de terçados, voltam a terra, molhados, entejucados como lontras, n'uma diligencia e pressa indiscriptiveis, acompanhando tudo de gritos e risadas gostosas, estão no seu elemento.

Uma hora depois está terminada a contradança do peixe.

N'agua toldada, grossa, já nada existe com vida, a não ser alguma *arraia*, que bate suas abas molles, lamugentas, no tijuco, que sorve insoffregamente em busca de lenitivo á embriaguez; algum *rabecão*, roncando, nadando de costas; algum *acary*, dando ruidosos beijos no tijuco molle, tragando em arrancos a vida que lhe escapa.

Os pescadores não têm feitio de gente, mas têm tijuco até dentro dos olhos.

Começam a enfiar o peixe pelas guelras em longos cipós, que dobram depois em duas, tres partes, mettem n'um páo, atravessam no hombro e regressam.

Prepararam o peixe para o almoço, logo

que chegaram á barraca e depois tomaram banho.

A maré estava grande de enchente.

Depois do almoço descançaram um pouco. emquanto a maré vasava e logo que virou, os pescadores embarcaram a bagagem e o peixe e desceram, ficando logo tratados para uma nova pescaria d'ahi a um mez, no uapezal, quando as aguas tivessem baixado mais, ficando o peixe á discreção, envolvido n'aquella lama grossa, n'aquelle pantano formidavel, onde acham-se em fermentação effectiva os detrictos animaes e vegetaes, que no verão têm uma exhalação horrivel !

Passaram em casa do Leonardo, para entregar-lhe a rede e meio alqueire de peixe.

Oh !... que alegrão da velha Agostinha !

— Deus lhe pague... ah !... que bello peixe... esta gente... tanto peixe nas cabeceiras, não ?... e não querem mariscar...

— Porção nh'Agostinha... quedê-lhe elles ?

— Estão p'ra o matto. Vuncês fiquem já convidados para minha festa da Santa Luzia... não será cuisa bùa, mas sempre se ha d'esfregar os pé e tomar um chocolate... não me faltem... e a musica... antão é que é; convidei o cego Luizinho que se lava p'ra um clarinete. Vù mandar apreparar bem esta sala... ha de ficar bão, vuncês hão de ver.

— E o seu filho ?...

— Verdade... mas a mulher se puz braba co'elle e prometteu não beber bebida na festa... Ah ! Deus queira... quando não, m'escangalha com tudo... 'Elle que é bão é p'ra marcar !... isso

antão só elle... o ponto está elle não pruvar a cuiza...

— Está bão, nós já vamos.. se nós poder, havemos de vir...

— Adeus!...

— Adeus!... dêem lembrança p'ra esta gente...

— Simsinhara... serão dadas...

— Déspues, olhem a canùa preta...

— Ara, mas quando... ella de dia não apparece.

— Não vão se fiando...

— Se ella apparecer, nós embarquemos n'ella...

— Mas quando... não é o primeiro que diz isso e déspues... ella apparece... tóca de fugir!...

— Ara, se ella quer ver como vae p'ra o fundo, como um prego, nos appareça huje, na bucca...

E remaram, dobrando logo, a curva, e desappareceram de casa, conversando sobre o caso da *canúa preta*...

* * *

Foi bem notorio o caso da canôa preta, mas o que não sabemos é se fôra veridico, apezar de pessoas de fé nos terem garantido.

Apparecia quasi sempre á noitinha entre a bocca do Gurijuba e a ilha dos « Pregos ».

Não tinha remadores e andava tão bem como um vapor.

Uma occasião veio do largo e entrou no Gurijuba, passando ao pé de uma tronqueira de cedro, que havia alli encalhada pelas marés grandes.

Passou rapidamente, mas quem estava no porto distinguiu perfeitamente a canôa, não sabendo porém, depois, dar as minuciosidades.

Appareceu outra vez na bocca do furo do « Sacramento », tambem já á noite, quasi mettendo a pique uma montaria tripolada por dous seringueiros.

Para desviarem della, pensando ser uma canôa qualquer, que vinha virar o bordo já muito á beirada, encostaram-se rente aos *aturiás* da margem. Comtudo, a tal canôa approximou-se tanto, que passou arranhando o pavez da montaria e os dous seringueiros que remavam ambos n'um banco, sentiram quando a esteira da vela passou-lhes, com violencia, por cima das cabeças, fazendo um vento tão grande que agitou o *aturiazal*, isso na occasião que virava o bordo, desapparecendo alli mesmo.

Garantiram os seringueiros, que n'essa occasião não havia a menor aragem, e que houvesse, não daria tal impulso á canôa, que estrondava, cortando agua como um vapor.

Mesmo na bocca do « Sacramento », havia uma barraca e os seringueiros mal puderam atracar. Um desmaiou logo e ficaram, depois, tão assombrados, que de maneira alguma quizeram passar mais na bocca do *furo*, á noite.

A uns vinte minutos de viagem, acima da bocca do *furo*, havia uma barraca de seringueiro.

Era uma morada velha, talvez a primeira d'aquella vizinhança, porém, o diabo d'um logar triste e feio, que ninguem sympathisava.

Ahi era que se via toda a sorte de *vizões*. Em anoitecendo, já sabiam os seringueiros que approximava-se a hora das *apparições*, se era que tinha seringueiro, porque elles ahi não ficavam no fim de uma ou duas semanas.

A barraca achava-se situada cerca de uns cincoenta metros de distancia da margem, entre alguns genipapeiros muito idosos, decrepitos; um laranjal meio morto e *cuieiras* muito velhas, carregadas de enormes fructos, de que os seringueiros faziam baldes para juntar leite, baldes até para dez kilos de leite.

O espaço que havia entre o porto e a barraca, era um baixio, estivado de mirityzeiros, por onde se descia para o porto.

Nesse baixio, pois, crescia uma *canarana* felpuda, brava, muito embastida, que brotava com tanta celeridade, que os seringueiros estavam desbastando, a terçado, mesmo por cima do mirityzeiro que servia de caminho todos os dias.

Não se sabe se em algum tempo houve criação de porcos nesse logar, ou se nunca houve; o que é certo, é que se exhala d'alli um tão pronunciado fétido de porco, que enjôa, que aborrece a gente.

E àquillo é sempre, de inverno ou verão, quando se vae a gente avizinhando do porto, a qualquer hora, é a primeira cousa que se sente—*piché* de barrão...

Das sete horas por diante começa a *dança*.

Ouve-se o vogado de uma canôa.

Os remos batem compassadamente sobre as furquetas, murmura a agua e a canôa avizinha-se e encosta.

Pucham a corrente, que sôa com esse fragor metallico que lhe é proprio, amarram n'um varejão, e sobem depois de agazalharem os remos, pisando com estrondo, mirityzeiro acima.

Os seringueiros quando vão para alli, já sabem o que lhes vae succeder, mas, a *couza é tão parecida*, que elles deitados, ouvindo todo o rumor da canôa que chega, só esperam o costumado—Ehei !... dá licença...

Mas, nada ! E os passos se approximando sempre, chegam á beira do girau e jogam sobre elle um fardo tão pesado que a barraca estremece toda, parecendo que vae abaixo !

Os seringueiros levantam-se assustadissimos, correm para fóra, examinam tudo e... nada !...

Descem ao porto e... nada !...

Dão volta á casa, investigam por baixo das larangeiras, dos genipapeiros, alumiam tudo e nada !... sempre nada... !... que diabo !...

Os seringueiros ficam desconfiados e deitam-se pensando talvez já terem cessado os seus tormentos ; mas qual !...

D'ahi a boccado o machado trabalha n'um dos genipapeiros, mais ao pé da barraca.

O cortador é alentado e corta sem descanço e os cavacos vôam da entalha, por cima dos mattos, da barraca, por toda a parte.

Não demóra, rangem, partindo-se, as ulti-

mas fibras do lenho e a grande arvore ahi vem abaixo por cima da barraca, com estrondo horrivel!

Os seringueiros que não suppunham viésse abaixo tão depressa e nem mesmo acreditavam n'isso, correm, quando ouvem o estrondo, espavoridos, mais mortos que vivos!...

— Apois eu, não acreditava...

— Antão, não duvíde...

E os dois, tremendo, naturalmente, uma nova traquinada dos espiritos, sentaram-se, alli mesmo no girau, em volta da lamparina, olhando fixamente a chamma vermelha que terminava em uma espiral de fumo, que dirigia-se ora para um lado, ora para outro.

Pensavam talvez, no Ceará, porque um disse:

— Mais vale morrer na *Buretama* comendo mucunam.

O que falou, olhando sempre a lamparina, não tendo por resposta, sinão um ranger de dentes, levantou a cabeça e olhou o companheiro.

Este, olhando também a chamma, de braços cruzados no peito, tiritava, rangendo os dentes.

— Compadre João!... compadre João!... o que você tem home?

— Ai!... ai!... ai!...

— Será sezão... compadre João!...

— Não... sei... ei ei ei... tá me dando uma tremedei... ei ei ei... ra...

— Home, apois tome uma piula...

— Eu não... ão ão ão...

— Apois o diabo destas visages até dá sezão na gente...

— Não chame... dia... a... a .. bo . compade Pedro...

— Isto só sendo coisa do diabo mesmo, compade João !... Deus lá se importa com isto...

-- Cale a bocca... compaaa...de...

— Não calo !... se você tem medo eu não tenho ! com pouco me damno aqui e faço um salseiro !... Diabo ! que nem a gente pode dromi... quando não é a carapanam, é o diabo que vem do inferno, atentá a gente...

— Cale a bôôôcca compade...

— Não me calo ! não me calo !... apois a gente trabaia todo o dia... acaba já quagi de noite e quando vae descançá não pode ?!... isto é lá vida home ?!...

— Não é mesmo não... dizia o outro, baixinho, sempre a tremer.

— Por isso é que eu me damno !...

E alevantou-se furioso, pisando fortemente que estremecia a barraca, dando pontapés em uma baúta, empurrando-a, arredando para o lado, falando, ameaçando, a quem, não sabia.

Uma harmonica que estava em cima da baùta e que tinha uma tecla, das graves, quebrada, cahiu no girau, gemendo fanhosamente, como se alguem tocasse na tecla dolorida.

— P'ra o inferno, diabo !... e deu-lhe um pontapé, que a pobre harmonica, gemendo sempre, rolou e foi cahir lá no terreiro, estourando o fole de papelão. Ainda mais você me atentando, harmonica de seis centos diabos ! e sahiu ainda

aos pontapés em tudo, virando caixas, pulando, fazendo barulho, gritando!...

O outro, ainda sentado, tranzido de medo, acompanhava-o com os olhos supplicantes, mas não lhe pedia nada, que já o conhecia...

E o Pedro cada vez mais *damnado* sahiu com a espingarda que foi ver ao fumeiro, pulou para o terreiro, desafiando o inimigo do seu socego...

— Diabo!... quem é, se atrevesse!... cortador de genipapeiro do diabo, não tenha medo de mim como eu não tenho de você, seu diabo!... se é home passe p'ra cá!...

O outro tremia e falava baixinho.

— Valha-me Deus... valha-me Nossa Senhora... óra óra óra...

O Pedro alvejou o genipapeiro, esquechelou a espingarda e apertou o dedo!

Os fragmentos das buchas cahiram esfarinhando, por cima da palha secca da barraca, por cima da *canarana* que ciciou de vagarzinho como o cannavial aos beijos do Gavonio.

O echo foi reboando, primeiro no mirityzal fronteiro e depois de ilha em ilha, estrondando formidalosamente, no silencio, no escuro da noite...

A Ilha do Jardim

....

Oh! meu caro leitor, posso exclamar como o grande mathematico—*Eureka!*

A felicidade, achei-a eu.

Ella não está longe; ella não custa caro...

Uma barraquinha de palha, no meio de milhares de assahyzeiros, cacaoeiros, seringueiras, etc., etc., eis o ninho da mais feliz bonança, onde não chegam, o vozear das ambições mercantis, nem o veneno das intrigas.

....

JUVENAL TAVARES.

A ILHA DO JARDIM

CAPITULO V

ERA uma ilhazinha de cerca de quatro kilometros de circumferencia, onde floresciam um mirityzal e um assahyzal verdejantes, cercada de um denso *aturiazal* espinhoso.

Na parte oriental, tinha o Jardim aberto um pedaço de palmeiral e collocado alli a sua barraca, uma barraca espaçosa e alegre, em forma de chalet, toda tapada em volta, de *jupaty*, que apparecia alva de longe, surgindo por entre o laranjal.

Havia alli uma duzia de larangeiras novas, tão frondentes, tão verdes, escuras, que pareciam feitas artisticamente, tal era o modo do acabado de suas hastes e das copas bem arrumadas.

A situação era ainda de poucos annos, por isso as plantações, ou antes as fructeiras, apenas acabavam de desenvolver-se, crescidas d'aquellas terras estrumadas, de alluvião, apaúladas do lixo das marés.

Sobresahiam do escuro das larangeiras os jasmineiros de *cayenna*, com suas flores alvissimas, por entre moitas de jasmim cambria e enormes roseiras floridas e uma grande variedade de plantinhas aromaticas e de apparencia chic.

Em cada tronco dos mirityzeiros que foram abatidos, havia um paneiro, uma panella ou um alguidar de barro, cheios d'aquellas terras tão adubadas e succulentas, plantados de mangericões, arruda, trêvo, catinga de mulata, preprióca, japana e uma variedade de tajás bonitos, viçosos, ricos de seiva, admiravelmente tratados.

A denominação da ilha vinha do nome do posseiro alli estabelecido havia alguns annos.

Viera de Portél, d'onde era natural e onde casara, ainda em muito rapaz, em 1865, quando andou a primeira pega de recrutas para a guerra, que n'esse tempo o Brazil sustentava contra o Paraguay.

Caboclo, trabalhador como trinta, o Jardim.

Botava grandes roças nas margens d'aquellas ilhas, por alli.

Tinha sempre fartura de milho, melancias, arroz, gengibre, pimentas cheirosas, areá, etc.

A abastança de sua lavra era compartilhada até pelas capivaras, isto é, depois d'ellas lhe fazerem grandes estragos na roça, ainda ficava

com que alimentarem-se papagaios, maracanãs, periquitos, pipiras, camaleões, etc., sem falar na grande quantidade de xerimbabos que tinha, não só os que por sua natureza são afeiçoados ao homem, nascem e criam-se comsigo, como os do matto, que elle e sua gente domesticavam, como fossem : saracuras, os mesmos papagaios, maracanãs, araras e ninhadas inteiras de periquitos, pavõezinhos, caraxués, tucanos, pipiras, guarás, macacos e até jabotys, etc.

Mas a ilha em que morava, deixem lá, também o ajudava.

A barraca era situada, por assim dizer, dentro do assahyzal e mirityzal.

Os xerimbabos viviam ao mesmo tempo, em baixo e por cima do girau da barraca e no matto, sem darem por isso, mariscando á beira do rio, no porto, e pelo mirityzal, nos igarapezinhos, que abundam de *sararás, moréias, caratays* e outros peixinhos de que se nutrem as saracuras, patos, pavões, etc.

Os porcos viviam á farta, das fructas dos mirityzeiros e taperebazeiros, que juncavam o solo de toda ilha, passando dias e dias perdidos no mirityzal, no assahyzal, sem lembrarem-se de vir á casa pela ração.

As juritys, o que admira, tão mansinhas, ganhavam a capoeira e lá ficavam, até á tardinha, ás vezes ciscando no cauassúzal, a comer-lhe os fructos e das guarumans e pacaviras.

Até o macaco sumia-se no matto, procurando vespas, e de preferencia, uma cabinha, que chamam « bocca torta », que faz o ninho de-

baixo das folhas de canussù e de outras folhas largas.

A denominação de *bocca-torta* é especialmente attribuida ao feitio do ninho, cuja entrada é uma especie de piteira, um pouco retorcida, solidamente construida desse material que só as cabas o sabem preparar.

Ao contrario da *sôya*, um pequeno peixe que tem a propria bocca torta, mas isso, por castigo, segundo reza a lenda.

Porque, passava um dia a *yára* á margem d'um igarapezinho e não viu alli, n'um certo pocinho mais do que uma *sôya* e um *bayacú*, que ficara, por acaso, da enchente e nadava mansamente, seriringando, a fazer companhia a *sôya*, emquanto a maré voltava a encher a ilha.

A *yára* vinha d'um lago e queria saber o que estava fazendo a maré, por isso perguntou á *sôya*:

— A maré está enchendo ou vazando, *sôya?*

Havia no fundo do pocinho um pedaço de assahyzeiro ôco, onde morava um *puraqué*, que nessa occasião estava se mechendo, talvez para sahir á caça.

A *sôya*, que estava vendo a seriringa, remanceava devagar, olhando receiosa a morada do *puraqué*, facto por que não fez caso da pergunta da *yára*, que, não obtendo resposta, tornou a inquirir.

— A *sôya* aborrreceu-se e sem julgar talvez, que tratava com a *yára*, arremedou, torcendo a bocca e repetindo as palavras da pergunta, « a maré está enchendo ou vazando, *sôya ?*...»

O *puraqué* que ouviu aquelle falar tão perto, botou a cabeça fóra do buraco, e comprehendendo o que se passava, vendo aquella criançola da *sôya* a faltar com o devido respeito á *yára*, zangou-se, e, zas!.. *mundiou* a *sôya*, que ainda não tinha tempo de ageitar a bocca e, ahi, ficou *mundiada* e a bocca torta até hoje...

Mas tornemos ao macaco, que entretido com as cabinhas de «bocca torta», passa o dia pelo matto e só torna quando come dous ou tres ninhos.

Espanta primeiro as cabas, mexendo a folha e quando estão todas fóra do ninho, coça-se todo, dá um assoviozinho de satisfacção, apanha o dito ninho e vae rasgando, de vagar, comendo as larvazinhas brancas, molles, uma a uma.

Só volta á casa antes dessa caçada, se houve a dona chamal-o.

— Pixticáu! pixticáu! pixticáu!...

Se elle não ouve logo, então ella chama-o mais alto, pelo seu verdadeiro nome.

— Nicoláu!...

Elle responde immediatamente, assoviando muito fino e ahi vem, logo também pulando por cima dos tócos dos paus, destramente, parece um *macaco* o Nicoláu...

* * *

Lembramos agora que ainda não entramos na barraca do Jardim.

Entremos, pois, com a devida licença... por um corredor largo, que divide o salão da ou-

tra sala, que dá para o oratorio da S. S. Trindade.

N'esse aposento, pelos lados, a granel, viam-se os remos da gente da casa; remos de criança, de mulheres, um pouco maiores e de homens; uns novos, outros velhos, roidos, de mãos quebradas; uns pintados, outros sómente com uma banda de pá; alguns muito lodentos, encharcados, que achavam no rio, encalhados pelas beiradas.

Rôlos de *pary*, paneiros, azagaias, terçados, arcos e flexas, harpões, caniços, espinhel ou tiradeira, uma infinidade de anzóes de todos os tamanhos, estrovados, linhas de pescar á mão, um muzeu afinal de utensilios de pesca de toda a sorte e differentes applicações e de constante uso, bem conservados.

Péconhas, com que usam subir em assahyzeiros, enfiados pelas paredes, em bicos de tucano, que dessecam e servem para tornos, mettidos pelas talas que prendem as paredes de *jupaty*, em cujos tornos, penduram também as patronas, de utensilios da caça, que fazem geitosamente de talas ou cipó titica, forrados de folha de cacaueiro, com tampas, á imitação das cartuxeiras dos soldados.

Mais adiante, paneiros cheios de fructa *de azeite* (andiróba), que todos os dias juntam, á tona d'agua, pelo rio e pelo matto e accumulam em grande quantidade, para a confecção de azeite.

No salão, á direita, ha uma grande mesa, sobre a qual vemos diversos utensilios do fabrico de balaios, peneiras, etc., etc.

Um vidro com tinta carmim, outro de graxa, que serviam para tingir as talas dos balaios.

Espalhadas também por cima da mesa, algumas folhinhas de Laemmert, meio desfolhadas, antigas e sujas, difficeis de indicar o anno a que pertenceram.

Abrimos uma, de diversões charadisticas, e lemos alli, casualmente:

Roda, contendo rodinhas,
Sobrepostas a baterem,
Em róda da mesma róda
Para melhor som fazerem.

Cuja decifração, se não nos falha a memoria—pandeiro—

Pelas paredes, em tornos de bicos de tucano e cornos de veado, estão muitos molhinhos de talas preparadas, para differentes misteres; alvinhas, muito delgadas e longas para balaios e menores para peneiras; outras mais grossas, para abanos, dos quaes havia uma boa porção preparados, *orelha dê purco* e de *cabo de cruz*, conforme denominam, em virtude dos feitios.

No salão, polido, de tanto dançarem, de tabuado de andiroba, vasto, bem varrido, estão grandes *tupés*, uns em rôlo, já promptos, outros apenas em começo e outros já bem adiantados.

Começos de peneiras e balaios, mostrando desenhos caprichosos no teçume das talas bem tratadas; *jamachys*, paneiros de diversos feitios um de *zólho* (malha) meudinho, para juntar o assahy e para pegar camarão no porto; outros de

zólho, grandes, para prender gallinhas e outros misteres.

Havia de tudo n'aquella vasta officina.

Era o officio d'aquella gente, que trabalhava admiravelmente, caprichosamente, com gosto e com arte.

Levantemos a ganga que tapa a porta do quartinho do oratorio e examinemos.

Encontra-se aqui o arsenal de espingardas do uso e outras muitas que estão alli encostadas para fazer parte, simplesmente, mas que já prestaram o seu esforço e não sendo essas desmanteladas e sem prestimo, vê-se que muito bem tratadas estão todas as outras do uso, bem arêadas, com um pedaço de baêta, preso entre o cão e a espolêta, para conserval-a da humidade.

Além do oratorio, que se vê em cima de uma mesa, um oratorio ou santuario decente, mandado vir da cidade, envernizado, que conservavam sempre coberto, vemos mais na gaveta da mesa as bandeiras de morim, bem alvas, uma caixa de stearina, velas de cêra, castiçaes, etc.

A um lado, tambores e pandeiros e em differentes pregos dos esteios, estão pendurados uma viola, mettida n'um sacco, um maracá, um *querequexé*, um *pau de milho* e outros aprestos de que usam os foliões, quando sahem *á fulia*, com a S. S. Trindade.

Mais um feixe de rabos para foguetes e um das varas das bandeiras, amarrados, bem apertados, com envira de *cupurana* ou *tururу*.

O cheiro activo de peixe moqueado que vem da cozinha, o som das vozes dos animaes

domesticos, a fala cantada, estridente, das mulheres que se chamam, se ordenam, cuidando dos afazeres internos, indicam que ainda muito temos que fazer, visitando o interior, a cozinha, ah! a cozinha dessa gente muito tem o que ver, mas... não ha tempo... a maré stá convidando, quando não, temos que remar contra agua...

Deixemos isso para outra occasião, e voltemos ao salão onde acaba de chegar do matto o velho Gregorio, trazendo um carregamento de cipós, *timboassú* e *titica*, pedaços de *sacopema*, de curticeira e *pitayca*, para pernas de balaios, que elle faz, recortando em S.

Trazia um variado sortimento de *guaruman-assú*, *guaruman-canella*, *braços de cáua-assú*, de mirity, d'onde tirava toda variedade de talas.

* * *

Gregorio teve a má sorte de se envolver na revolução de 1835, como tiveram quasi todos os bons paraenses d'aquelle tempo.

Foi tão bom *cabano*, como qualquer outro.

Não confessava que houvesse morto alguem, mas não negava que deu muitos tiros e achou-se mettido, muitas vezes, em lances bem desagradaveis.

Era natural de Portel e em rapaz, *frechou* muito *tucunaré* e *arauaná* n'aquellas aguas escuras do Anapú e Pacajás, tão bém como virava *tracajá* naquellas praias de tapióca que orlam a bahia verde de Portel.

A revolução estava em seu auge n'esse anno, que deu epocha á cabanagem, e, graças a ella, uma occasião, subia Gregorio um estreito igarapé, tripolando com seis bons companheiros uma canôa, que navegava de vagar, graças ao mau tempo que fazia, em uma noite chuvosa e por isso escura como um poço.

De vez em quando serviam-se dos remos como espeques, para empurrar a canôa, que esbarrava em cima dos paus, quasi descobertos, visto que a maré estava de refluxo.

Em uma curva apertada, a canôa trepou-se novamente em cima d'um pau cahido alli ha poucos mezes.

Depois de varias tentativas, foram á agua Gregorio e outro companheiro, para de cima do pau empurrarem a canôa.

O pau, uma *jutaycica* (1) começava a soffrer os effeitos da infusão e a casca grossa, já frouxa, ia escapando, deixando núa a arvore, mas envolvida n'um grude fetido, saponaceo.

Gregorio, moço, fiava-se em sua força e agilidade, pegou na canôa por baixo do pavez, gritando ao companheiro do outro lado, também em cima da arvore.

— Vamos, força!...

A canôa passou, mas Gregorio escorregando, perdeu o equilibrio e cahiu escanchado sobre a *jutaycica*, fracturando os escrôtos, rompendo os tecidos inguinaes, o que motivou a hernia, que tornou-se chronica, e da qual ficou a soffrer

(1) Jatobá.

desde esse tempo; uma hernia collossal que parecia a barriga de uma mulher, já no seu nono mez de gravidez.

Andava de vagar, pernas afastadas, bamboleando de um lado para outro, difficultosamente, como se levasse uma enorme trouxa, incommodamente, entre as pernas.

Coitado, só tivera essa filha que casára com o Jardim, em companhia de quem vivia ha muitos annos.

Trabalhava constantemente em sua industria de talas, fazendo bonitos balaios de encommenda.

Gastava ás vezes dois mezes na factura de uma d'aquellas cestas ou balaios de pés, que fazia pacientemente, caprichosamente, de um teçume delicado, para vender por uma bagatella... cinco mil réis ou qualquer cousa, que n'aquelles bons tempos, sempre servia...

Em compensação á sua má sorte, a filha e os netos idolatravam-n'o, nada lhe faltava.

Trabalhava porque queria, gostava d'aquella occupação e depois, na pratica constante, ia, insensivelmente, passando a todos da familia, que trabalhavam e satisfeitos iam ficando com o officio do avô.

A's vezes, referindo-se á sua molestia, dizia que não foi o mais infeliz, d'aquella terrivel noite que escorregou em cima da jutaycica.

Um outro companheiro, o proeiro, antes que pudesse desviar a canôa, na occasião que passava um cerrado de *jupindá*, que quasi tapava o igarapé, um espinho, dos muitos que revestem essa

trepadeira, arrancou-lhe fóra o globo do olho direito...

No outro dia, de volta, vieram com cuidado, reparando o *jupindazal*, e encontraram o olho, ainda pendurado d'um espinho grosso, meio retorcido, escorrendo uma gelatina branca, que as motucas estavam festejando, bebendo aquella ultima lagrima d'um olho que chorava também pela ultima vez...

O Pagode

Nasci n'esta zona ardente,
Tive meu berço innocente,
Nas margens do Tocantins ;
Os favonios me embalaram,
As aves me acalentaram
Nos seus eternos festins.

JUVENAL TAVARES.

O PAGODE

CAPITULO VI

CORRIA o mez de Dezembro. Estava-se na vespera do dia de Santa Luzia, que festejava-se no Gurijuba em casa da velha Agostinha, que não passava um anno sem aquella publica exhibição de suas crenças religiosas, temendo, talvez que os santos da côrte celeste lhe faltassem com o seu auxilio. Tinha sua razão; depois era costume e o costume é a segunda natureza, como dizem os entendidos.

Havia preparado tudo.

A verba para as despezas tinha-se calculado com franqueza e eventuaes.

Um mez antes da festa, sahiram meia duzia de pandegos em uma canôa, preparada para a

fulia, conduzindo a imagem da Santa e mais os *utensilios* dos misteres de fulíões e a tirar esmolas por differentes rios.

Ainda contavam com a impunidade d'essa publica vagabundagem !

Só mais tarde é que as auctoridades tomando em consideração esse attentado á propriedade, essa espoliação que soffriam os incautos, pensando cumprir deveres de religião, reprimiram o abuso.

E fizeram muito bem !

Não só o trabalho lucrou alguns braços, como evitava-se com isso, até um certo ponto, essa crendice cega, passiva, que infelizmente ainda hoje perdura, n'essa infinidade de idolos, baptisados com nomes respeitaveis, como os de Christo, Maria Santissima, S. Luiz, e outros e outros que deveriam sómente existir no coração de quem quer que seja, que entenda dever adoral-os.

A lei que educa, que civiliza o cidadão, que tem o dever de esclarecer e formar-lhe a razão, guiando-o para o bem, para a honestidade, devia ir mais longe prohibindo essa grandissima pomada, essa enorme banalidade, que tanto cobre de ridiculo aos homens fatuos e sem independencia de consciencia, que se agarram a esses idolos, como o saguim á rezina...

Toleirões!... Deus está vendo suas almas tão bem como o mergulhador vê o fundo lodento do oceano, cheio de abysmos, atravez dos vidros do escafandro.

Ou é para a Terra que representais a vossa ignobil farça ?...

Nada! abaixo a mascara; aqui também ha já quem vos conheça!

Emfim alguem já disse, com muito acerto: —« em materia de religião, o homem só ainda não fez, comer o seu Deus!...»

Nós agora, dizemos, que só temos uma religião — o trabalho, e só conhecemos uma virtude, — a caridade.

Tudo o mais fóra desse lemma, é asneira, mas refinadissima pomada!...

*
* *

Contavam os festeiros comer uma infinidade de patos e gallinhas, picotas, tartarugas, etc.

O crente que não tinha alguns *xerimbabos* para presentear a Santa, dava uma pelle de borracha, uma bola de sernamby, um pouco de cacau ou um paneiro de castanhas do Cajary.

O que é certo é que a canôa da Santa, de tão carregada, viera mettendo agua e a festa promettia durar ao menos tres dias.

Além disso, haviam feito uma *gapuya* no uapezal, que tinha seccado muito com o verão.

Sucurijú não fazia caso do peixe, tanta era sua abundancia.

Os pescadores relatavam ainda os incidentes da pescaria, sendo o mais importante aquelle de que foi victima um companheiro.

O Felix tinha a mania da lontra.

Levava até ao exaggero o gosto pelas *ga-*

puyas e *tinguijadas*, mórmente no uapezal, onde os pescadores precisam desenvolver toda sua coragem e diligencia, para arrostar os perigos do meio.

Movia-se como um *puraqué*, dentro d'aquelle immenso pantano das cabeceiras do Gurijuba.

Enterrado até os olhos em uma papa de tijuco que ninguém lhe media a profundidade, coberta de uma canarana annosa, felpuda, de irritar a epiderme e onde abrigavam-se um sem numero de reptis de variadas especies, insectos venenosos, *jacarés* e *sucurijús* monstruosos, ia o Felix arrastando uma grande *enfieira* de *jejús*, com uma botija a tiracollo, que chegava á bocca a cada momento, tomando vigor e energia para affrontar os perigos que o rodeavam de todos os lados, servindo ainda a generosa genebra de antidoto áquellas exhalações pantanosas, que á medida que os pescadores mechiam o tijuco e o sol esquentava, mais evaporava a podridão dos detrictos vegetaes em decomposição.

Ao meio dia, o sol dardejando a pino sobre o pantano, como que via-se as flexas de luz atravessarem uma nebulosa de gazes que formava se e pairava á superficie e sobre o uapezal!

Os pescadores começavam a retirar-se devorados de sêde, já tendo exgottadas as botijas, não podendo mais continuar naquella batalha de demonios *suinos*, a porejar alcool pelas frontes abrazadas.

Talvez, nem porcos podessem ficar dentro

d'aquella fermentação, por mais de quinze minutos!

Mas o homem, essa besta intelligente, tem a audacia de querer e poder quasi sempre!

O Felix, na sua indomita paixão pelo peixe, apezar de não ter mais na occasião meios de conduzil-o, escutava com prazer o rumor do peixe dentro d'uma *fulapa* em uma das margens do pantano, meio submersa.

Arrastou-se como uma *sucurijú* muito a custo e metteu o braço na furna.

Queria ao menos apalpar a quantidade de peixe alli naquella *fulapa*...

Immediatamente sentiu-se agarrado pelo braço, em cujos musculos superiores sentiu também entranharem-se as prezas do jacaré.

Sem meios de defeza e nem resistencia, atolado até os hombros, gelava-se em pensar na voracidade do amphibio, que forcejava para arrastal-o para dentro da furna.

Emquanto gritava por soccorro, aguentou-se de qualquer maneira no *mundurú* de terras e raizes que formava a bocca da furna.

— Ah! meu mano!... jacaré vae me comer!... me acudam, de pressa!... p'lo amor de Deus!...

Os pescadores que já pisavam terra correram rapidamente forquilhas e travessas de *mangue preto* e espeques de *paxiúba* e improvisaram um mutá sobre a fulapa, onde se achava o jacaré e sua victima e só a custo de muito boa vontade, conseguiram salvar o companheiro, matando o jacaré que media apenas 18 palmos

de comprimento, mas tinha prezas de um palmo reforçado.

O Felix ficou com o braço completamente atrophiado.

Os companheiros lhe fizeram um curativo ligeiro, envolvendo o braço com fraldas de camisa, arranjando-o em uma tipoia e seguiram conduzindo-o até onde o doente desfalleceu em virtude do muito sangue perdido e falta de alimentos até aquella hora, sendo depois levado na rêde para a barraca, onde o curaram, ficando porém aleijado.

Mostravam ainda os pescadores o corpo retalhado de arranhões, picado em todos os sentidos, devido a terrivel *tiririca*, cortante como navalha, e um cipó espinhoso que abunda no pantano, estendido sobre este, enredado na *canarana* e no *uapé*.

Não obstante o seu todo revestido de espinhos, serve muitas vezes de arrimo aos pescadores, que dentro d'aquelle tijuco ficariam, se não tivessem ao menos esses ramos de espinhos onde se agarrarem como auxilio necessario a sua locomoção.

As picadas das *baratas-d'agua*, das *sanguesugas* e de mil outros insectos, corrompidos pela acção do tijuco, produzem uma coceira insupportavel.

Mal chegam os pescadores no primeiro igarapé, lançam-se á agua, e alli, se esfregam com um desespero feroz, raspando até os membros com os terçados, como se elles quizessem tirar a pelle.

Ha bichos monstruosos no uapezal.

Descuidam-se ás vezes os pescadores na faina de agarrar peixe e não sentem quando pegam as sanguesugas na região lombar, nas costellas, virilhas ou sovacos.

Só dão por ellas quando estão tão cheias que se fazem notar pelo peso.

Quem visse um delles, com uma sanguesuga d'aquellas maiores pegada do peito ás costellas, supporia, talvez, um caçador, com a sua *patrona* de couro a tiracolo.

Horriveis animaes, de pelle grossa, aspera e resistente como a do sapo !...

*
* *

Completamente reformada, a barraca da velha Agostinha apresentava um caracter alegre, festivo, com seu grande terreiro bem capinado, onde erguia-se um mastro com uma bandeira branca, de morim, tendo um borrão no centro, a imagem da Santa, que apparecia de vez em quando, ao panejado vagaroso da fazenda.

A sala preparada para as dansas exhalava um cheiro agreste de folha de *buçú*, das paredes novamente reformadas.

Esse cheiro, bem conhecido de folhas que se estiolam, misturava-se com o cheiro mais suave de magericões e jasmins com que tinham ornado a entrada do quarto do oratorio, onde fizeram uma arcada de palmas de assahyzeiro, en-

laçadas de festões de *Santa-Maria*, com suas flores grandes, bem amarellas.

Respirava-se por alli um certo bem estar de asseio e preparos, embora rusticos, tresandando a novidades festeiras.

Estava-se bem, na verdade, n'aquella tarde mansa, fresca, impregnada de perfumes silvestres, que a viração trazia, sorrateira, do outro lado do igarapé!

Curumins tomavam banho e corriam nús pelo terreiro, em suas innocentes brincadeiras.

Alguns festeiros, sentados aqui, acolá pelo terreiro, em pranchões de cedro, lavrados, ou sobre alguma montaria de dorso para o ar, esperando calafêto, conversavam sizuda, pachorrentamente, deitando grandes fumaradas de seus cigarros; outros, rapazes, de mãos nos bolsos, gargalhadas francas, joviaes, andavam de cá para lá, dizendo chalaças picantes e liberdades bregeiras.

Tapuyas gorduchas, de sêios volumosos que estremeciam debaixo do *cabeção* curto, passavam, de saias muito apanhadas no cós, mostrando francamente as pernas roliças, desafiando uns certos desejos, mal contidos nos olhos cubiçosos dos rapazes.

Eram cozinheiras, passando e repassando, suarentas, com baldes d'agua, braçados de lenha e aprestos para a cozinha.

No porto, a cada momento, as montarias despejavam convidados.

Moças de vestidos bem lavados, rescendendo a *japana* e *preprióca* com o enorme cabello ne-

gro, bem entrouxado no alto da cabeça, espetado de flores vistosas e galhos de *rezedá*, passavam de olhos baixos saudando vergonhosas para os lados:

— Bastarde...

— Ara, bastarde...

Outras seguiam com grandes balaios de roupa lavada que recebiam das mãos dos que ficavam ainda agazalhando a montaria.

Chegou o velho Pedro que foi alegremente recebido pela rapaziada.

Trazia o seu coçado barrête de baêta vermelha, que usava e que por isso lhe chamavam cabeça de *guará*.

Era sempre convidado por causa das duas filhas bonitas, principalmente a Clara, sadia, alta e robusta como o pae, que era um fornido caboclo, todo mettido a desmancha prazeres.

A Clara era muito desenvolvida, jovial e prosista.

Encantava a rapaziada pela sua franqueza e liberdade absoluta, fazendo o que entendia.

Não tinha meias medidas para conversar com qualquer, soltava grandes risadas feminis, muito expressivas, decididas, que vexavam aos timidos.

Gostava de repetir os ditos picantes dos rapazes, namorava com todos, não dando preferencia a nenhum ás vistas claras; tinha as suas manhas... a pequena...

Emquanto o velho Pedro, era temido por todos.

Enchiam-n'o de agrados e attenções, chamando-o por tio Pedro.

Uma vez um pouco chambregado, começava suas façanhas de valentias e era muito bem fadado o pagode que elle não desmanchasse, alli assim pela meia noite, fazendo correr os musicos a sopapos, dando taponas com aquelles braços reforçados como os da *anta*.

A noite vinha cahindo e com ella, aportava o Zé Xixica, regatão da ilha dos « Porcos ».

Sua canôa, a « Festeira » trazia a seu bordo, de passagem, alguns convidados, que ao descobrirem a casa da festa, queimaram meia duzia de foguetes de bomba real, que foram correspondidos por outros de terra, d'onde ergueu-se um brado geral.

— Viva o Xixica! Viva o Zeles!...

— Viva!...

A canôa foi logo invadida pelos festeiros, que iam saltando de montaria em montaria, até embarcarem na « Festeira », que ficou um pouco mais fóra.

Espicharam-se uns sobre a tolda, outros se encostaram ao mastro, e as enxarcias e o tombadilho.

A canôa dansava com o movimento da gente, emquanto o Xixica, enfiando de tolda a dentro, de gatinhas, gritava para fóra.

— Ei!... sta gente... não me mettam no fundo, cumantão?...

— O mar é manso meu mano... enche um bocado da *branca* p'ra nós, sim?...

— Vuncês querem a *branca* e eu quero é as mulatas; cumantão?... ha muitas p'ra se dansar?

— E!... porção!... á falta de muça é que

não se deixa de dansar... e ainda temos esperando sta gente das ilhas do Tucunaré e Maracajá.

— E os de Caldeirão?...

— Já estão ahi...

— E o cégo?...

— Tambem... stá jantando; nha Agostinha trata bem d'elle, p'ro via de puder tucar...

— Por certo... também aquelle, coitado, que não tem gusto comsigo... não encherga...

— E bem!... se eu não enchergasse cara de muça, morria de raiva!...

— Dois que morria...

— Tres que levava o diabo!...

— Quatro...

— Cinco...

— Ara, já se sabe, já se sabe, tudo gosta de muça...

— Como não?... fóra de muça, cachaça...

— Ah! por certo!...

— E bem ...

Vinha chegando uma montaria.

— Ei!... pode vir!... Ah! é o compadre Bayacú Tufádo...

— Ei!... compadre Bayacú!...

— Tu'avó, compadre!...

— Vá elle!... Já estava pensando que o jacaré lhe tinha mettido no fundo, compadre!...

— Axi!... elle corre de mim... eu *mundio* como puraqué...

— Quem sabe, vuncê não vem *mundiar* as muças?...

— Até as velha, se duvidarem...

— Axi!... vá elle!... disse a velha Agostinha, toda alegre e feliz, enchendo um balde d'agua, no mirityzeiro.

--Ah! nh'Agostinha... bua nuite...

— Bua nuite, nho Manduca... que dê-lhe esta gente?...

— Vem ahi n'utra canúa; minha ygarité não aguentava...

Mais duas montarias acabavam de atracar.

— Ehei!... dá licença?...

— Não senhur!...

— Mas quando?... meu cheiro, vuncé já está cá?...

— Ah! meu cheiro é vuncê que vem chegando?... cumantão... purto de festa não se pede licença...

— Mas eu sempre gosto de andar direito...

— Não parece...

— Cumantão?...

— Por via de sua perna de jaboty...

— Ah!... safado... cuidado não te aconteça o mesmo...

— Mas quando, axi!... eu não ando de nuite p'la cozinha dos outro, por via de preta...

— Mas quando?... ah!...

— E a Romana?...

— Vá elle... não me compára co'o Zeles...

— Ehei!... sta gente!... venham se chegando, já são horas de começar a ladainha, gritou a dona da casa, com sua voz de velha, esganiçada.

— Ainda falta porção de gente, mas não se

pode esperar tudo, quando não, não ha tempo de vuncês dansarem...

— Antão vamos co'a cuiza...

— Vamos, rapaziada!

— Vamos!...

Dahi a pouco ouvia-se a voz grossa, monotona do velho Pedro, tirando a ladainha, n'uma enfiada de asneiras, desde o *Christo é lazão*, até o final, que renunciamos escrever, por tornar-se muito aborrecido.

Depois do beija altar, seguiram-se os cumprimentos do estylo.

— Su'abença!...

— Buas nuite! ..

— Deus lhe dê as mesmas...

— Deus te ajude...

*
* *

A mesa posta n'um corredor por traz da sala da dansa, alumiada frouxamente por uma lamparina de azeite e algumas de kerozene, suspensas dos pregos dos esteios do beiral, apresentava um aspecto decente, convidativo e um vasto campo de repasto e gulodice, que faria boa agua á bocca do mais exigente gastronomo.

As travessas de louça esmaltada que haviam de reserva foram insufficientes para conter os patos e gallinhas moqueadas, que mostravam uma tez corada, donde se exhalava um cheiro provocante e irresistivel!

Ao centro da mesa, forrada de folhas de *pacavira*, estavam as gordurosas costellas de leitão, *jejús* tostados e *moquécas* de óvas de peixe.

Monticulos de farinha amarella, com uma colhér ao lado, em toda a extensão da mesa para cada pessoa.

Não havia alli rica baixella, cangirões com vinho, nem vazos com flôres, mas havia o essencial, o *sine qua non* da mesada, — pires com sal e pimenta, limões partidos, garrafas do succulento *tucupy* e o appetitoso vinho de assahy, que d'um grande alguidar de barro novo, d'um esmaltado amarello de rezina de *jutaycica*, serviam em *cuias* novas também, pintadas, reservadas para esses dias de gala e jantares de cerimonia.

Tomaram assento, primeiro os mais velhos, chefes de familia, paes de moças bonitas, dansadoras, sempre tratadas com deferencia e cuidados.

O aspecto interessante da mesa, provida com tanta abastança e tão variados pratos, deslumbrou ao principio os convivas, que trincavam com um pouco de acanhamento.

Mas logo, os modos alegres, prazenteiros da dona da casa e das tapuyas rochunchudas que serviam á mesa com ares de felicidade, com os olhos brilhantes de amor e as faces rosadas de desejos, desfazendo-se em agrados, rodopiando em volta da mesa, solicitas e prestimosas, foram pouco a pouco, pondo-os á vontade.

— Seu chico, não espere que a gallinha lhe convide...

— Simsinhara... vù dêvagar...
— Nho manduca, olhe a pimenta...
— Já estù chamegando nh'Agostinha...
— Antão, bêba o assahy...
— Mas quando, ainda não pruvê do seu peixe...
— Antão sê aproveite, á vontade...
— Tio Pedro, cumantão?... não se faça de branco... olhe a costella...
— Sinsinhara, deixe ver uma...
— E arruz?... bote mais... e o peixe antão?...
— Sinsinhara...
— Seringa muito tufada arrebenta tio Pedro... dizia uma das gorduchas, mostrando os dentes alvos, ponteagudos.

O Zé Xixica tinha trazido o seu aperitivo, que occultou em baixo da mesa; mas desde que vio a alegria contaminar, abaixou-se, apanhou a garrafa da *caxambú* e mostrando-a orgulhoso, depoz sobre a mesa.

Um hurrah!... formidavel abalou a atmosphera do recinto, fazendo vacillar a chamma das lamparinas.

Immediatamente a cachaça desappareceu n'aquelles estomagos nunca fartos de alcool e o velho Pedro reclamou mais.

O regatão mandou um curumin com recado ao preto da canôa, para encher a garrafa.

Corrida aquella ambrozia, que dá coragem aos timidos, recrudesceu o appetite e a voracidade recomeçou.

— Compadre, enxote essa gallinha p'ra mim...

— Chou!... gallinha!... ah! compadre ella já não avũa...

— Chico, enxota também p'ra mim esse pato... elle já não anada?...

— A módo que não, que eu já lhe atorei uma perna...

— Cumantão?... não atóra o remo do pato...

— Ah! o Bayacũ está fazendo um ygapó de tucupy c'o arruz... dêspues olha não surda algum sucurijũ do fundo e te leve, Bayacũ...

— Meus senhures! eu vũ fazer uma fala á dona da casa... quero que vassuncês me ajudem remar a minha montaria...

— Muito bem, tio Pedro!...

— Apoiado!...

— Quem tiver vergonha abra a vela...

— Mas quando...

— Eu, não tenho...

— Nem eu tio Pedro...

— Cuiza que nunca tive tambem...

— Antão vamos ao brinde, rapaziada sem vergonha...

— Vamos!... gritaram todos...

— Quedê lhe o copo?...

— Prompto, gritou o Xixica.

— Encha, cumantão?... rugio o velho Pedro, que estava erecto, fogoso; tinha cheirado a *cuiza*, começava, pois, a expandir o seu genio palrador e brigão...

— Meus senhures!

Um visinho que trinchava um pato, duro e velho como um jacaré-o-assú, desastrou-se, o pato saltou na mesa, intornou o copo do palra-

dor, e a cachaça, suavemente, foi inundando os monticulos de farinha e porções de arroz, derramado pela mesa a fóra.

— Mau ! mau !... fez o velho Pedro, e gritando para o regatão.

— Haja cachaça !...

O copo foi novamente cheio.

— Meus senhures !... eu brindo p'la via da nha...

Uma queira de cães esfomeados rosnou em baixo da mesa, disputando um osso, o povo alvoroçou-se e correu um zum-zum de susto.

— Quedê-lhe nh'Agostinha... cumantão?... faça favur...

— Aqui estù nho Pedro...

— Quero que vassuncê me dê licença só num instante... sim ?...

— Como não ?... simsinhur.

— Eu declaro p'ra vassuncês que a nh'Agostinha é melhor p'ra nós que a santa que está no altar .

— Apoiado !

— Muito bem !...

— Ah !... fez a dona da casa derretendo-se de alegria.

— Simsinhara, confirmou o orador; vassuncê nôs dá o seu peixe... nôs dá sua costella bem apreparada, despeja a sua chacolateira p'ra nós...

— Apoiado !

— Apoiado ! como não !...

— Nós espalhamo o pé no seu girau...

Interrompeu-se, porque os cães agarraram-

se francamente, ferozmente, em baixo da mesa, ás escuras, por entre as pernas dos convivas, que levantaram-se impetuosamente, espantados, e correram, virando um banco da mesa, grande, muito pesado, que cahiu com estrondo.

Houve uma confusão de ais! e risadas, emquanto um dos cães apanhado na quéda do banco, gritava desesperadamente, n'um tom agudo, de medo e soffrimento, que parecia penetrar o coração!

Fóra, na sala, dansavam já, havia muito tempo.

Não podiam estar alli muitos rapazes e raparigas sem dansarem.

Demais, fôra o cego Luizinho, que preludiando, para afinar com um piston e mais uma viola e uma rabeca, alarmou a rapaziada, quando atacou as primeiras notas de uma walsa, muito em voga, então.

Um calafrio percorreu e electrizou-os ao mesmo tempo, levantaram-se e começaram logo.

Divina arte a de Mozart!

Não ha peito que não se sinta arfar e reviver aos accordes de uma bonita musica!

— Possiva!... é o grito que rompe do peito rude dos tapuyos, em extase, apaixonados das harmonias!

O cantar terno, melodioso, do *caraxué*,

quando ao pôr do sol se expande sumido por entre a densa ramagem da *sumaumeira*, desperta n'aquelles corações uma viva emoção de sentimentos bons e generosos, como quando apreciam, maravilhados, o valente açoite da ventania no mirityzal da costa, casado com o profundo mugido da bahia, donde rolam as ondas, como enormes barris e vêm espedaçar-se com estrepito á praia, ou estrondando por entre o cavername das tronqueiras das grandes arvores cahidas á margem !...

Acham soberbo, magnifico, o vozear tetrico, medonho, das maretas no escuro das *fulapas*, que a outros causaria arrepios e agonias de morte.

Para elles, não é nada mais do que um dos muitos quadros da natureza na Amazonia.

Acham isso tão simples e tão bello, como o doce murmurio do igarapé, cachoeirando de mansinho, á sombra, no centro da ilha, onde as saracuras, de madrugada, cantam alviçareiramente e as ynambùs-relogio tocam alegremente as matinas !...

São elles os espectadores natos desse grande theatro, sempre novo e sempre mysterioso !

Cantam e são cantados !

Vivem e gozam sensações que não fatigam, no seio morno e casto da Natureza !

⁂

Mais fóra ainda, a noite corria mansa e tranquilla como um ruminante á sombra, com um céo profundamente azul salpicadinho de brilhantes!

A maré, muito baixa já, deixara a maior parte das canôas em terra, algumas em pcsição natural, como se estivessem n'agua; outras viradas p'ra os lados e outras alagadas.

Uma cadella ladra saltava de canôa em canôa, farejando, procurando, por baixo dos bailéos, por baixo dos capotes de palha, ou *panacaricas*, algum saccu com farinha ou peixe, com mantimentos, deixado ou esquecido por alli.

Só a « Festeira », fundeada no canal do igarapé, estava em seu elemento, com o calado um pouco immerso, do carregamento.

O piloto dormia, resonava em cima da tolda, embrulhado na vela.

Quem estivesse por alli, ouviria bem os accordes da musica, que voavam para o desconhecido, perdendo-se n'aquella matta escura, mysteriosa, onde o genio da floresta, a lendaria *curupyra*, maravilhada talvez, a escutar, esquecia o seu tabaco...

Alguem, de vez em quando, descia ao porto, lavava o rosto n'agua fria da vasante, enchugava-o na manga da camisa, boccejava largamente para o céo, e subia novamente para a casa.

Mysteriosas sombras de calças ou saias, deslisavam sorrateiramente no escuro, por baixo do *giráu*, por sobre o qual deslisavam também os pares dansantes, á luz vermelha das lamparinas fumarentas.

Segredos da noite alta, em cujo bojo, descança pachorrentamente o desconhecido...

A casa estremecia e o salão rangia em seu vigamento, com o peso da quadrilha de saltadores... dansantes, que agitava-se doudamente!

O Leonardo, bamboleando-se ao compasso da musica, arrancava do peito largo, sua voz grossa de marcante marca barbante...

— Balancê... double!... dama passa e cavalheiro resta!... continùa o balanço!...

O écho ia respondendo, do outro lado do igarapé — ei!... oi!... e do meio dos dansantes elevam-se vozes alegres.

— Anima!... Ah! meu Deus!...

— Possiva!

A's palmas do marcante, a musica pára repentinamente e a parte termina.

— Uái!...

— Cumantão?...

— Acabou-se no fim...

— Eu agora é que estava gustando...

— Quantas partes, tio Luizinho?...

— Tres...

— Mas quando!... só duas...

— Só foi uma, dizia outro.

— Foi tres, disse o marcante; deste geito vuncês dão cabo dos tucadores!...

— Ara, se a musica nunca parasse, eu também nunca parava de dansar, dizia a Clara, alegremente, concertando os cabellos meio desgrenhados.

— E eu morria dansando nha Clara...

— Axi!...

— Por Deus!...

O marcante bateu palmas e a musica preludiou.

— Em seus logares.

Cada qual vinha da extremidade da sala, ou onde se achasse, para o seu logar, dansando, sapateando, procurando, reunindo-se ás suas damas e ao tempo que o marcante gritava— balancê!... continuavam sempre dansando, na quadrilha, sem perderem o compasso.

Na sala da janta, então quasi ás escuras, estavam as velhas, puchando por suas linguas e *taquarys*, assentadas no assoalho, meio recostadas á parede, emquanto os *curumins* dormiam sobre a mesa e os bancos.

A quadrilha *d'essa gente* continuava.

A orchestra sem parar, mudou de musica e tocou o *Kirirú*, para quinta parte, uma dansa de róda alegre, muito pulada.

Andavam os dansantes de cordão, em idas e vindas, quando o Leonardo puchando-os atraz de si, annunciou o *Caramujo!*... que começou a enrolar e continuou sempre se enrolando como uma enorme gibóia que se enroscasse cautelosamente.

Mal se ouviam os brados do marcante, sumido no meio d'aquella mó de gente.

— Fecha! fecha o *caramujo!*...

As mulheres soltavam gritinhos e risadinhas gostosas, sentindo-se estreitadas, machucadas, de todos os lados.

Os rapazes gritavam de prazer, commovidos pelo contacto das carnes quentes das tapuyas, tresandando a *patchouly*.

O cégo, presentindo o goso, a alegria dos dansantes, já quasi ao terminar da quadrilha, n'aquella ultima parte, o *caramujo*, atacava o clarinête, com furor, multiplicando seus dotes de artista, derramava harmonias em torrentes, palpitantes, exaltadas, n'um *crescendo a finir!*...

Tocava com a alma!

O Zé Xixica, de fóra, no seu sotaque portuguez, gritava, arrastando muito no r e no x...

— Fecha a rrrôxxca!

Subito, sobrepujando os accordes da musica, ouviu-se um estrondo, como de bancos que cahiam e paredes de palhas, empurradas, de mistura a vozes que levantavam-se com raiva.

— Não venha!...

— Eu sù home...

— Dú-lhe na cara seu cuirão!...

— Na tua mãe, cachôrro!..

Era um barulho, formado ao lado do salão, ao pé da orchestra.

O cégo perdeu o compasso, a torrente de harmonias, vacilou um momento e parou logo, de chofre, como um regato interceptado em sua marcha suave, pela queda exabrupta de uma grande arvore em seu leito!...

Os do *caramujo* embatucaram e comprehendendo a causa, — uma briga, alli mesmo, em

pleno salão — estremeceram e forcejavam para desmanchar o *caramujo*, desageitosamente, como uma cobra, a quem lhe dessem uma cacetada em cima da rodilha adormecida...

E que gritos das mulheres, que vexame!...

Maldito *caramujo!*

Quebrado logo n'alguns pontos, não deu comtudo, sahida aos mais *nervosos* que forcejavam para rompel-o com o peito, de arrôjo!

Nesse interim, gritos se elevavam de todos os lados, no meio do tumulto.

— Acuda! abre!... acommoda!... afrouxa!... mata!... morre!...

Para o local da briga, cahia um corpo com estrondo, soturnamente, e vozes logo.

— Toma!... eu su home!...

E os gritos continuavam como n'uma representação dramatica.

—Acommoda!... minha gente, o que é isto!...

— P'la divina mur de Deus!... como eu du-te um tiro na cara!...

— Quem me vir coberto de lã, não pense que eu sù carneiro!...

— P'ra o inferno!...

Acommodaram-se por fim, a muita solicitação, e mesmo porque não queriam tornar publico o motivo da contenda.

A Clara, sempre muito cubiçada de todos, tinha promettido a walsa seguinte a dous, ao mesmo tempo.

Cada qual queria dansar em primeiro logar, teimaram, arreliaram-se e eis ahi immediatamente um grande barulho formado.

Os filhos da casa andavam diligentes offerecendo bebidas para reanimar e tirar a impressão do medo que lavrava.

— Ara, cumantão?... não foi nada...

— Vamos dansar, esta gente!

— Não desanimem,... uái!...

O Leonardo andava muito serio; pouco falava, parecia estar de sentimento.

Diabos!... sem tomar um pouco das *aguas santas de caxambú*, estava mal... não tinha maneiras. Estava estupido e insipido.

Mas que fazer... tinha promettido á mãe, á mulher... cumpria, pois, ter paciencia e acompanhar aquella festa, como se acompanhasse o enterro de seu coração, alegre, folgazão...

Arrastava-se como um automata e só a musica viva, sentimental do cégo, ainda tinha poder sobre os seus nervos frouxos, corrompidos...

Sómente mesmo o clarinête alegre do cêgo, acompanhado da rabéca langorosa do Etelvino, chamava-o á realidade da pandega.

A velha desfazia-se em agrados, como agradecendo ao filho, aquelle tão grande sacrificio.

— Toma, meu filho, uma gemáda, estás marcando p'ra esta gente... é preciso ter o peito bão...

Por outro lado, a mulher seguia-o desconfiada, conhecia-lhe o fraco, e temia o trastorno de sua promessa...

— Meu marido, toma um túco de cigarro... eu já não quero...

Chamava arrogantemente, «meu marido,» a Gaudencia, mulher do Leonardo.

Era um costume fora do costume, que devia ser nho Leonardo... e tal.

Extranho aquelle modo de tratar da Gaudencia; mas era gabolice d'ella; casada com o Leonardo, um rapaz bem feito, claro e ella uma preta, d'um cabello medonho...

Dava um dôce para chamar com emphase meu marido!...

Quem o acreditará?... mas era exacto...

A velha Agostinha, presentindo que esfriara o pagode, botou a cabeça na porta e ralhou.

— Cumantão?... aqui não murreu gente... ah!... que panemage...

Ara, não me façam isto sta gentê!...

— Cachurro huje come a festa, falou a Clara.

E de facto, um cão malhado, orelhudo, encolhendo-se com frio, entrou no salão farejando o assoalho morno, muito polido, gyrou sobre si mesmo, duas ou tres vezes, enroscando-se e deitou-se muito confortavelmente dando um gemido de satisfação!...

— Uái!...

— Cumantão?...

— Cachurro!...

— Diabo!...

— Já d'ahi!... Rio Negro!... não me come o pagode!...

Levantaram-se alguns, sapatearam ameaçadoramente, com palmas e gritos e o cão erguendo-se ligeiramente, correu, com o rabo comprido, mettido para debaixo da barriga, por entre as pernas.

Risadas estalaram francamente, emquanto a Clara chasqueava.

— Vuncês não prestam... ara... estú dizendo, cachurro hoje come a festa!

— Mas quando, cachurro huje não me entra mais aqui, quando não, du-lhe um tiro, por Deus!...

Era um dos apaixonados da Clara que levantara-se e falava alto, animando os outros.

— Vamos embora, rapaziada!... anima!... anima!...

Ouviu-se um prolongado sussurro de azas e em seguida a sonora cantilena dos gallos, interrompeu por instantes o silencio da capoeira.

— Gallu cantú! esta gente!...

O cantar dos gallos, annunciando o pender da noite, a approximação do dia e portanto, o findar da funcção, também os electriza.

Mudam immediatamente de orchestra.

Os tambores, pandeiros e violas substituem os instrumentos de sôpro; começa o *batuque.*

As dansas de roda lhe trazem uma animação extraordinaria. E' como se ainda não tivessem dansado n'essa noite.

O Pinheiro, o Terra, o Firmo, sentados sobre os cylindros dos tambores, acompanhados da viola e da rabéca, cantavam o gallo.

Ah! como é bôa aquella brincadeira,... só visto!... escrevendo não se explica, nem se dá uma idéa que se pareça; qual!...

Gallo cantú sta gente,
Para amanhecer, sinhara...

Os pares rodopiando ligeiramente, batendo os pés, ao compasso dos tambores, mostrando maneiras desenvoltas, passos adestrados, felizes, riam, estalando as castanholas.

Tapuyas corpulentas bamboleavam os quadris, dengosamente, erguendo a saia pela frente, de manso, suavemente, provocando, peneirando-se, atraz dos rapazes que dansavam adiante afastando-se de costas, com as mãos no ar, castanholando!...

Os cantores, sem parar, mudam de musica repentinamente, cantam o *kirirú*, mais *allegro*, repinicado nos tambores e continùa o *batuque*.

Kirirù de minha quinta,
Kirirù de meu quintá... etc.

O rebate alegre dos tambores, de pelles sonoras, retezadas, o ronco do pandeiro, onde o Firmo fazia correr os dedos n'uma maestria admiravel, elevando-o acima da cabeça e baixando-o rapidamente, faceiramente, o chorado langoroso da rabéca e o rufado da viola, accendia-lhes um enthusiasmo quasi sem limites, fazendo-os pular em todos os sentidos, damnadamente!...

O suor corria em abundancia, as camisas engommadas e calças pretas que vestiam, como do costume, pegavam-se, encharcadas ao corpo, exhalando á cachaça e *patchouly*.

A orchestra também se ia esfalfando, de celere que tocava; mas, sem parar, substituio o

kirirù por outra musica mais suave, n'um *tierno moderatto.*

Ehei... rolinha sinhá,
Não me pegue,
Não me deixe matá !...

Cantam depois a *ariramba,* tão terno como a rolinha, porém já n'outra musica.

Ariirambaa cahio naguaa...
Debaixo doo laranjáar...
Avùa miinha ariiranba...
Gavião quer te pegaar !...

Bonito ! Como alegra o coração !...
Os tambores sôam compassadamente, parecendo querer pronunciar as palavras, que a rabéca parecia também, ia explicando, com amor e paixão !...
A medida que descançam, vão cantando e tocando mais *allegréto.*

Sù cabra que me lavo,
N'agua da maravilha !
Stù conversando c'o velho,
Mas tenho a tenção na filha !...

E continuam aligeirando sempre, aquella musica esquisita, bonita e nova ainda de fazer furor.
Alguns pares sahem, cançados, suarentos e outros que ainda não entraram no batuque, por

não haver logar, apressam-se a desforrar o tempo perdido, batendo o compasso, fortemente, com os calcanhares, emquanto os da orchestra vão cantando.

Sù cabra que me lavo,
Na agua de jopana...
Estù conversando c'oa Chica,
Meu sentido está na Joanna!...

Batem e rebatem, damnadamente nos tambores, cada vez mais sonoros e continúa o *samba*, n'um delirio geral!

Eu quero, meu bem eu quero!
Eu quero comtigo só...
Deitado na minha rêde,
Coberto c'o meu lençó!...

Cançam e voltam novamente ao *moderatto*, sem comtudo parar.

Se a saudade matasse, matasse...
Eêêu já tinha morrido, morrido...
Quando meu bem embarcou, embarcou,
Quasi que eu perco o sentido, sentido...

Mudam ainda de musica e de quadra e cantam, compassadamente:

Menina que está dansando,
Ehei!... rrá!
Não deixa a saia barrar
Ehei!... rrá!...

Que a saia custa dinheiro
Ehei ?... rrá !...
Dinheiro custa ganhar
Ehei !... rrá !...

De tempos a tempos, apparecem musicas novas, que fazem furor !

São musicas populares, locaes, que não se vêem escriptas e não se sabe quem as compõe.

O que é certo é que elles tambem são maestros e aprendem simplesmente, naturalmente, como o *japiim*, como o *caraxué !*

A medida que umas musicas ficam velhas, passam da moda, vão apparecendo outras novas, bonitas, sensacionaes, que fazem a sua epocha.

Quasi nunca revive uma musica usada e abusada ; assim conta-se, que jámais se ouvirá em pagodes o *jaboty*, *seringandú*, *camaleão*, *marezia*, *arapapá*, *iraúna*, *saracura*, *jacaré*, *cutia* e muitas outras.

*
* *

Os papagaios grasnavam pelas circumjacencias, os *japiins* e as *pipiras* trinavam alegremente saltitando nos ramos verdes, frescamente orvalhados, da capoeira proxima, e o dia vinha raiando por traz da matta fronteira.

Dir-se-ia que para aquellas bandas houvera, durante a noite um gigantesco incendio, onde ainda se via o sinistro clarão do brazeiro !...

No porto, onde a maré cheia corria ainda para o centro do igarapé, tomavam banho os festeiros por entre as canôas, todas voltadas no sentido da corrente.

Depois do café e do chá, alguns amarraram suas rêdes para refazerem-se; outros, que moravam perto, se foram descançar para casa, promettendo voltar á tarde.

Appareceu afinal o sol no cerrado da matta, brilhando, fuzilando, despejando luz sobre tudo, entrando em todas as partes, mesmo no salão da dansa, por cima de uma meia parede, illuminando as casas escaveiradas dos festeiros, de olhos machucados, raiados de sangue, pisados de insomnia, embaçados de cachaça.

E inconveniente e curioso, o sol ia penetrando até n'alguma bocca escancarada, dos que resonavam, de ventre para o ar!

A matta andava cheia de relampagos de luz, que entravam de travez, fazendo vacilar as sombras compridas e indefinidas das grandes arvores, como n'um quadro phantastico!

Corria o dia n'uma calmaria pesada, quente, e a claridade intensa do meridiano deslumbrava e fatigava, trazendo a gente quebrada, amolentada...

A dona da casa, com algumas velhas, suas amigas, estavam sentadas no terreiro do oitão, muito varrido, ensombrado de verdejantes e ramalhudos cacaoeiros.

Conversavam pachorrentamente, esquecendo por vezes os seus cachimbos em uma das mãos e um pedaço de *capemba* accesa, na outra.

O silencio estendia-se além, quebrado, aqui, acolá, de vez em quando, pelo vozear dos gallos, que ciscavam cacarejando as gallinhas, por baixo do cacaoal.

Ouvia-se também o zumbido fanhoso das petécas dos *curumins* que brincavam pela capoeira, como o zum-zum das motucas, festejando um estendal de peixe posto a seccar, e o ciciar metalico dos insectos, trincando as folhagens seccas, cahidas á sombra do matto.

Gallinhas com suas ninhadas de pintos corriam espavoridas, enfronhadas, d'azas abertas ao passar pelo terreiro, ligeiramente, alguma sombra de urubù, que velejava muito alto!

O sol pende, depois, a maré começa a encher e a tarde vae refrescando.

Uma aragemzinha desponta nas folhas leves dos assahyzeiros, meio estioladas, sussurrantes...

Japiins de um preto luzidio e de um amarello dourado atravessam o espaço como flexas, sibilando, e pousam por alli, nos assahyzeiros, nos genipapeiros, d'onde pendem os seus ninhos, gritando muito alto, nitidamente.

— *Décaucú ! décaucú !...*

Distingue-se o rumor de aguas remadas e os cães correm ladrando para o porto, investindo desesperadamente até quasi entrarem n'agua, uns pelo tijuco e outros por cima do mirytizeiro.

— Dá licença !...

— Ehei ! póde vir !...

— Olhe seus cães nh'Agostinha...

— Não mordem... no abrir da bucca, nho Manduca...

Só no fechar... não?...

A velha quebrou um galho de *cuieira* e correu os cachorros, ralhando.

— Já d'ahi! *guaxinim!...*

Olha o *búto!...* cumantão?... ainda não ouviste?... mau! *Rio-negro!* já d'ahi!...

*
* *

Mais uma noite de pandega escoou-se e mais um dia, entrando de casa a dentro, veio encontral-os ainda no *batuque* que começara á hora em que os gallos entoam nas suas fanfarras.

Adeantou-se esse dia, a maré vasou toda e já estava de meia enchente, quando os foguetes annunciaram a hora da *varrição*, a hora da passagem das brizas que embalsamam e arrefecem a athmosphera que o sol do meridiano deixou impregnada de calorico a escaldar!

Estava uma tarde clara, alegre, muito chic!

A mesa da irmandade de Santa Luzia elegia os juizes e mordomos que tinham de funccionar no proximo anno.

Sahiram juizes, *essa gente* das cabeceiras e mordomos, várias pessoas das ilhas, de fóra.

Em seguida, estrugiram os foguetes, rompeu a musica e começou a *varrição.*

Foram arrasadas todas as novas construcções com alegre desprendimento. Admiravel!

Paredes, telheiros, arcadas, preparos que custaram mais ou menos sacrificios, foi tudo,

tudo derrocado, deitado em baixo, quebrado, cortado, desmanchado furiosamente entre risadas e gritos ao som de uma polka alegre, a guiza de *marselheza*, muito repinicada no clarinete intelligente do cégo!

Aquillo tudo fazia lembrar o arrasamento da Bastilha, sem ficar pedra sobre pedra!

A *varrição* dá uma idéa approximada, exacta mesmo da franqueza e desprendimento, do coração largo e sereno dos caboclos!

A feitura de paredes, de puchadas, para abrigo dos convidados, arcadas, mastros, vae tudo destruido de maneira que de nada mais possa servir, provando com isso que de nada eventual precisam, e nem se dirá que applicou-se o dinheiro ou producto de esmolas em qualquer cousa que não fosse para festa e pela festa.

Esse desprendimento prova até ao abuso, a rectidão de seu caracter e aplumo de seus costumes religiosos!

— Olha o mastro!...

— Mastro!...

— Quedê-lhe o machado!?... gritaram as mulheres.

Começaram a derribação do mastro, mas sómente as mulheres é que têem esse privilegio.

Cada uma dá uma machadada, mas só uma, e vão cerciando o mastro a golpes na altura de um metro acima do solo, até fazel-o tombar, emquanto os rapazes, de fóra, applaudem o modo das tapuyas cortarem, criticando-lhes o geito; a musica gyra em volta e foguetes fendem o espaço com estrondo, indo arrebentar por cima da

matta, alegremente, festivamente, deixando uma curva de fumo alvo lá no alto, muito perfeita!

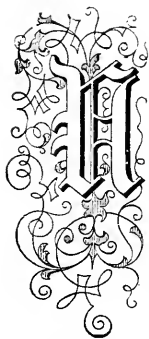
Os *japiins* recolhem-se aos seus ninhos compridos, muito soltos, no ar, a balouçarem-se e deitam as cabeças fóra, a espaços, para verem, atarantados, aquelle barulho infernal, que em nossa *giria* chama-se musica, foguetorio, festa, afinal, que elles não comprehendem e assustados, enfiados, enfiam também ninhos a dentro!...

O Regatão

A agua é a grande fascinadora da Amazonia ; existirão, realmente, as *Yaras?*...

MARQUES DE CARVALHO.

O REGATÃO

CAPITULO VII

Não queremos fechar este volume sem fazermos um rapido esboço do regatão.

Porque realmente, é um dos quadros mais palpitantes da vida na Amazonia.

O regatão é um caminheiro realengo, um amphibio humano.

Bufarinheiro que em vez de trazer o seu negocio ás costas de qualquer alimaria, traz dentro de uma canôa, que é a sua tenda, toda sua fortuna, ás vezes.

Em vez de transitar estradas longas, cobertas de pó, transita rios salpicados de mimosos balseiros de vegetação aquatica, que como elle, o regatão, andam peregrinando de rio em rio,

sempre verdes e floridos, dando pouso ás garças e ás borboletas.

Sentimos é não poder fazer um esbôço *á sua imagem e semelhança;* o que fazemos já é em virtude do *arrojo* de nossa penna, que na qualidade de creança, confiada, merece ser desculpada.

E' o caso, que cada regatão tem o seu feitio especial.

O regatão paraense, genuinamente paraense, nada deseja mais que gosar a *vida.*

Nada ambiciona, não tem preoccupação, não lhe importa comprar nem vender fiado.

Quer uma boa canôa, uma canôa geitosa, veleira, que nunca se deixe passar pela *prôa,* bem calafetada, bem asseiada, commummente de vela e bujarrona, tintas da infusão vermelha de cascas de *uxirana,* que resguarda a fazenda das injurias do caruncho.

Esse regatão representa o verdadeiro typo paraense, amante de sua terra, de seus rios, que como os *jacarés,* os *tracajás,* vivem no matto e nas aguas, sem ter preferencia por nenhum, porque ambos são elementos de sua vida organizada aos moldes da natureza, na Amazonia.

O regatão cearense, parahybano, pernambucano ou de outro qualquer Estado da União, affeiçôa-se á *vida* por necessidade; compra barato, vende caro, muito caro, pouco fia e visa o *saldo...*

E o regatão portuguez, tambem adapta-se facilmente á *vida,* e como sabe negociar, não visa o saldo mas sim a fortuna.

Quer enriquecer e enriquece quasi sempre.
Nem ha nuvem que escureça !...

*
* *

O João Bacury era um abaeteense de regular estatura, gordo, acaboclado.

Fôra em rapazito, caixeiro em Belém, e adquirira uma certa chicana de negocios.

Falava com facilidade, tinha maneiras desenvoltas, era muito vadio, alegre e jovial.

Embaraçava os freguezes com sua conversação recheada de termos technologicos do commercio.

Cambio, saques, cotação, primeiras mãos, preços reservados, bancos, apolices, dividendo, juros, acções, etc., etc., eram as armas com que desbancava os freguezes que rezingavam sobre a quebra da borracha secca.

Levava uma vida feliz, apezar do negocio, uma vida tapuya.

« Mãe d'agua » chamava-se sua canôa, de feitio vigiense, muito veleira.

A tolda da ré, solidamente construida de madeiras, era um verdadeiro armarinho de judeu.

Encontrava-se alli tudo, de fazendas, miudezas, quinquilharias, afinal de toda a sorte.

Na tolda da prôa, de palhas, mas bem arqueada, coberta de lona oleada, encontrava-se os generos de primeira necessidade.

Andava com o Manoel Pororóca um tapuyo macapaense, muito baixo, grosso, mal enjorcado e atoleimado, que nada ganhava além da *bóia*, cachaça, tabaco.

Era o piloto.

Vivia sempre ao leme e á ginga, á ré, onde trazia suas linhas de pescar.

Vivia em perfeita harmonia com o Bacury a quem respeitava e acatava, não só como patrão, como por conhecer n'elle um homem superior a si, principalmente ousado e arrojado em questões de saias.

Em compensação, o Bacury não lhe discutia as opiniões, com relação ao conhecimento do tempo e da navegação, que elle, o Pororóca, prognosticava sempre acertadamente.

Quando o Pororóca abanava a cabeça, depois de prescrutar o nevoeiro que se erguia do Levante, já o Bacury sabia que não podiam continuar a navegar; comtudo, aguardava ordens do seu piloto.

— O tempo vae cahir, patrão, arrêa!...

O Bacury não esperava a prova.

Afrouxava os cabos e o velame vinha logo abaixo.

Passadas as tres primeiras pancadas do vento, fortes como tufões, gritava para o Bacury.

— Suspende!

A bahia estava agora perigosa!

Tinha gemido surda, profunda e demoradamente, como o *jaguar* atacado em seu proprio covil!...

Levantava-se e rugia furiosamente!
— Suspende!...
— Olha o mar, Pororóca!
— Quaes, não ha nuvidade!
— Stá strondando!...
— Não faz má, deixe por minha conta!
O Bacury suspendia afinal e a « Mãe d'agua » deitando o costado disparava em procura da bahia.
— Repique a vela e amarre os cabos, patrão; não ha *nuve*, deixe o pau correr!
A « Mãe d'agua » cavalgava valentemente o dorso das ondas tão altas como montanhas e logo cahia no cavado tão profundo, que a vela panejava por momentos encoberta do vento, que passava alto sobre as muralhas d'agua que vinham vindo.
— Supenda a bujarrona e passe p'ra cá a *buzina!*
O vento assoviava nos cabos violentamente. As bugigangas e quinquilharias chocalhavam como *querequexé* de fulião, apezar das travessas e amarrilhos, dentro da tolda, sobre as prateleiras.
A caranguêja, o pé de burro, os moitões todos, rangiam desesperadamente e a « Mãe d'agua », atravessando já o canal, andava em uma dansa de gymnasta, em cima das ondas agigantadas, mas rasgando a agua como se fosse o vapor!
— Deixe ver um pouco de cachaça, nho João. Ah!... possiva, só não quero que o vento me falte!...

E punha a *buzina* na bocca, bezinava alto, longamente.

— Eh!... Pororóca, o vento stá bão!...

— Mas quando! Não tenha susto que a « Mãe d'agua » móra é no fundo!...

O Pororóca era, além d'um bom piloto, um amigo dedicado e de toda a confiança.

Nascera em cima d'agua, por isso vivia n'ella como se fosse um peixe, sem cuidados pela vida.

Seu pae fôra de Marajó e negociara com gado, da Villa Nova para a Cayenna.

Sua mãe, de Macapá, andava também a bordo com o seu homem.

Em uma das viagens, deu ella á luz, em pleno Equador, a um *curumin,* justamente quando, passando na bocca do Araguary, arrebentava a pororóca.

Baptisaram-n'o por Manoel e ficaram chamando-lhe o Pororóca.

Foram testemunhas de seu apparecimento á vida, o sol e a agua.

Era como um amphibio o Pororóca, devido ás circumstancias especiaes que cercaram seu nascimento.

*
* *

Vinha o João Bacury de fazer carregamento no barracão dos Tres Irmãos, onde o vapor havia deixado suas mercadorias.

Tencionava n'essa quinzena ir a dous pagodes, por isso avisou ao Pororóca.

— Temos que estar no « Bom Intento » n'estes tres dias e sabbado a esta hora devemos ir atracando em casa do tio Lago, no Beija Flor.

— Simsenhor, se não nos faltar o vento, lá estaremos.

— Se faltar, vamos á ginga, não quero saber.

— O barco está um bocado carregado, mas sempre havemos de ir.

Vinham do « Puqueca » e iam costeando o *jerandubal*, com vento de meia-larga, para entrarem no « Chato ».

Atracaram em casa do Braz, um pouco acima da bocca.

Lá estava o José Branco, um rapaz cearense, de poucos estudos, porém de uma intelligencia fecunda.

Cultivava as musas e era por isso mau seringueiro.

Tinha realmente uma sorte de poeta...

Atirado a uma vida brusca, como a do seringueiro, sempre atrasado, perdeu a esperança de voltar ás plagas de Iracema, de avistar o morro de Mucuripe e de ver as palmeiras frondentes onde canta a lendaria e nostalgica *jandaia* alencarina.

Resolveu beber a musa com cachaça.

Bebeu.

Debochou-se completamente.

Quando os vapores do vinho de canna subiam-lhe á cabeça, era de uma verve, de uma eloquencia interessante.

Como havia digerido a musa e nada mais compunha, recitava, em compensação poesias de Castro Alves, de Alvares de Azevedo, de Barboza de Freitas e outros, que nunca esquecia, mas lembrava de preferencia quando estava *canneado.*

Mas recitava muito bem!

Era bom de ver-se sua eloquencia quando atacava o clero ou a monarchia, dos quaes era inimigo em toda a extensão da palavra.

Passavam-se semanas e semanas sem ir ao seringal, a passear por casa dos conhecidos, sempre no porre, recitando a cada momento.

« E' noite, é noite!
Cerração fechada
Pela prôa me apanhou!...
Com a *bitacula apagada*
Nunca ninguém navegou!...
Leme, casco, verga e mastro
Tudo sem *luz* vae de rasto,
Dar em terra como eu dou!»

Deitava-se, a emballar-se na rêde, cofiando, ameigando os anneis do cabello, muito crespo, e depois recitava, com emphase, com uma certa mimica de collegial.

«Muitas chatas e canôas
Das trevas surgem alli!
Abordando o Alagôas,
Que commando o Maurity!...
Negro mysterio o circunda,

Seu monitor quasi afunda
Ninguem o vê trepidar!...
Nessa luta de gigante!
O valente commandante,
Lança ao mar um torvo olhar!.. »

O Bacury pediu licença e subiu.

O José Branco estava na *pandega* e brincava com uma menina da casa.

Uma linda pequena, de dez annos, muito alegre, sympathica e intelligente.

Tinha os cabellos louros, muito finos e longos, a emmoldurar divinamente um rostinho corado, como uma fructa de *camotym*.

Clarinha, chamava-se ella.

O José Branco ameigava-lhe a barbinha oval, de setinosa cutis, emquanto repetia uma das quadras da *Marabá* de Gonçalves Dias, applicando-a á menina.

« E' alvo *teu* rosto, da alvura dos lyrios,
Da côr das arêas batidas do mar!
As aves mais brancas, as conchas mais puras,
Não tem mais alvura, não tem mais brilhar ».

Voltou-se para o Bacury, cumprimentando-o de longe, primeiro.

—Salvé! ó excelso viajor!... O' Vasco da Gama brazileiro!... O' Colombo paraense!... Se andas á descoberta da borracha no igarapé Chato, perdes o teu tempo. Isto por cá, é um paraiso perdido e por isso mesmo não podemos contra o impossivel!

Haja exemplo aqui em casa do Braz, onde ha uma semana que estamos de pagodeira. Quem fôr besta, morra triste!...

E amanhã, se não estiver aqui, estarei em outra parte, onde se beba e se brinque e

« Sempre Azhaverus
A percorrer a esphera... »

Vocês que trazem o que vender, hão de vender, pois queremos engordar como os porcos da historia biblica e ha de ser á custa de vocês, regatões bestas, ó Bacury de carne o osso, que andas offerecendo tuas pomadas de barraca em barraca, sempre a andar como o judeu errante.

« Sabes quem foi Azhaverus o precito
O mizero judeu que tinha escripto,
Na fronte o sello atroz?...
— Eterno viajor da eterna senda,
Espantado a fugir de tenda em tenda,
Fugindo em balde á vingadora voz!...»

Mas, arrependendo-se de receber assim o pobre regatão, susteve a eloquencia, deu-lhe um forte abraço.

—Dá-me uma passagem, ó Bacury, a bordo da « Mãe d'Agua », até o porto do Beija-Flor; *disque* ha lá um pagode e eu não quero perder a occasião de ver a minha Dulcinéa, a mais linda tapuya que eu conheço n'estas ilhas, e que só n'esse dia ella bota a cabeça fóra da *maloca* do pae, pois é esquiva como uma cutia.

Não esperou a resposta e correu para a Clarinha, que olhava com muita insistencia para a « Mãe d'Agua », em cujo-mastro andava o Pororóca trepado, a concertar uns cabos.

Metteu-lhe os dedos pelos cabellos longos, desfiando-os e recitou.

« Não sabes *Clarinha* que pena
Eu teria, se morena
Tu fosses em vez de Clara?...
Talvez, quem sabe? não digo,
Mas reflectindo commigo,
Talvez nem tanto te amára ».

O Braz tinha descido com o regatão, vendera-lhe uma bola de sernamby, e recebia sua importancia em generos, rôscas, tabaco, cachaça, etc.

O José Branco viéra logo, ao sentir pelo ambiente, o *piché* da *canna*, que o regatão media e falou :

— Salve, consolação dos tristes !

Elle devia estimar, muito mesmo, a cachaça, pois em virtude d'ella, descobrira já um meio de cortar a estrada algumas vezes por mez.

Enchia uma botija de litro e meio e conduzia até o centro da estrada, onde, depois de tomar a sua dóse costumeira, deixava a botija pendente d'algum galho, á sombra da folhagem.

Até alli tinha cortado a estrada e d'alli por diante continuava a cortar, animado como ia.

Nos dois ou tres dias seguintes, não deixava

de ir ao seringal; tinha a certeza que lá no centro encontraria a *consolação dos tristes*...

Logo que seccava a botija, não havia geito de se animar.

Lembrava-se logo dos carapanãs, do matto alagado, estrada cançada, a chuva que podia *tomar* o leite e lá ia o trabalho de meio dia do homem, todo perdido e tantos outros inconvenientes a robustecer a sua indomita preguiça, na qual se engolphava dias e dias, sem ir ao matto ao menos para caçar ou mariscar, como faziam os companheiros.

O Bacury exaltava a qualidade do assucar e do tabaco, garantindo ser o primeiro de Pernambuco, muito secco, cristalino, e o segundo, do Acará, velho, muito cheiroso.

E continuava n'aquella lamuria de negociante, queixando-se dos fretes, dos sellos, que era tudo um horror! Sempre lhe vinham garrafões quebrados, caixas arrombadas, saccas vazias; que a bordo do *Dom Pedro II*, havia uma companhia de *ratos*, que por força havia de dar com os negociantes em pantanas.

Mas os patrões na capital que se lixassem, pois já não era pouca a *quebra* que davam na borracha, além da *baixa*...

— Que quebra e que baixa e nem nada, senhores! Vocês pensam que falando dos patrões pagam suas contas, interrompia o José Branco; paga o que deves e vê o que te fica... nem desgraça!

Uns animaes quadrados. Lá sabem qual é a causa primordial da situação difficil que atra-

vessa, não só o commercio do Pará, mas sim o de todo o Brazil. E qual commercio, nem vocês sabem o que é commercio! Entendem que commercio é comprar e vender sernamby e pirarucú!

A palavra commercio tem uma accepção que está muito além da comprehensão de regatões bestas como vocês!...

E depois, é tudo uma lastima, uma miseria chorada. Todas as classes operarias e industriaes do paiz atravessam uma quadra medonha. Vae tudo d'aguas abaixo!

Se eu explico para vocês e vocês não comprehendem o segredo da abêlha...

« Eu sou pequeno
Mas só fito os Andes!?...»

E' o Governo, senhores! o Governinho da Silva! *Ligere et non intelligere, est burrigere...*

Esse velho decrepito e inepto, esse Pharaó das vaccas magras, esse bocca de ninhos!...

Inutil testa corôada!...

Emquanto não tivermos um governo republicano, o governo do pôvo pelo pôvo, está tudo na machambomba!

Viva a Republica!

Alons enfants de la patrie...

« Quebre-se o sceptro do Rei,
Faça-se d'elle um *cacête!...*»

O José Branco ainda iria longe, n'esse ar-

dor de patriota, republicano e livre pensador, se o Bacury, acabando de aviar o Braz, não interrompesse a sua verve.

— O que está fazendo a maré, ó Pororóca ?

— Quazi p'ra vazar, nho João !

— Então vamos embora !...

*
* *

A « Mãe d'agua » passou o *furo*, e depois de atracar em differentes barracas de seringueiros, pernoitou em casa do velho Ladislau, logar Canna Brava.

Esse amigo era um preto octogenario, amasiado havia sessenta annos com sua companheira, uma tapuinha esqualida como um caniço.

Havia poucos dias que se tinham casado, a conselho d'um compadre, que lhes explicou, que se não casassem, as suas posses de seringal, em vez de passarem para seus filhos, seriam tomadas pelo Governo, logo depois que qualquer d'elles não batesse mais a pestana.

Acceitaram o conselho em beneficio dos filhos e marcharam para a cabeça da comarca, onde casaram os dois pombinhos... implumes...

Casaram, não !... ora essa !... Fizeram um negocio, assignaram uma escriptura, cujos proventos seriam de futuro em beneficio de terceiros.

O verdadeiro casamento, se é que comprehendemos bem o sentido da palavra, é o dos corações, effectuado pela sympathia.

Não é cá a solemnidade de se ir á egreja ou ao Registro civil, que se fica querendo bem a uma pequena se já o fluido de seus olhos não nos derriou...

Iamos dizendo que os dois velhos receberam-se em casamento e em consequencia, adoeceram... Marchavam já para a tumba.

O preto velho, assim mesmo, alquebrado, doente, era um conversista de força.

Gostava de contar casos e falava com uma voz grossa, cavernosa, como a da bahia da bocca do Jaburú.

Convidou o Bacury para pernoitar em terra e cear peixe, *jejús* e *tamuatás* que os filhos foram pescar no *braço* da Terra Preta.

Depois da ceia, veio o chá, muito quente, aromatico, de folhas de uma canelleira que havia ao pé da casa, tão antiga como a estadia do velho, alli, na Canna Brava.

Veio ainda rapaz para alli, trazendo aquella planta e uma de muricy, do Marajó, que plantara ao pé da casa, e cuidava com muita estima, e d'ellas, dera planta já para todo districto.

O Pororóca ficava, como sempre, de plantão na canôa, depois de vir á terra e assar um pedaço de pirarucú, para comer a bordo com chibé.

O Bacury, ganhava muito, dormindo em terra, tinha suas relações de *commercio*... com a Mulata, uma filha do velho Ladislau.

Custava-lhe mais fazer de *bôto*, alta noite, mas fazia, estava uzeiro, nem os cães o sentiam.

O preto, com a «surda voz na garganta»,

contava ingenuamente ao Bacury, espichado em sua *maqueira*, um caso do bôto, que todos os luares subia no seu porto.

— Simsinhur, como ia lhe dizendo... tem búto n'este rio, que só visto!...

Não faz tempo, uma noite de luar, claro como um dia, por Deus, eu me acurdei e ouvi stá mexendo na montaria...

Não me incommodei...

Dahi, não demurù... ouvi stá mexendo no *girau*, p'ra o lado do quarto dessa gente. Só estava a Mulata, a Catita tinha ido c'o irmão *sentar* a rêde n'um igarapé.

Mê alevantei, dêvagar... passei a mão na minha arma e ia andando, quando o safado me sentiu e pulù!... Deus o livre! passù ligeiro que só visto e cahiu n'agua alli, rente com o miritizeiro, tubungo!...

Dahi, ficú tudo *quiriri* e não vi mais nada...

Eu ainda disse: ah!... diabo, sê tê apanho, eu te matava, por Deus!...

Simsinhur, que bicho safado... andava a que tempo!... c'o a Mulata... também... não demurù, ella appareceu dê barriga!...

Agora anda já p'ra descançá...

— Mas é verdade, dizia o Bacury, rindo-se por dentro, do magnifico resultado de suas aventuras com a Mulata, embora o curumim passasse nos primeiros tempos como filho do bôto.

Tambem elle, o Bacury, tinha alguma cousa de parecido com o cetaceo; era regatão... vivia só n'agua...

— A Bemvinda tambem já descançù d'um

búto branco; sahiu um curumim claro que só visto, a modo que é filho de portuguez.

— Cumantão, vuncê nunca atirou n'elle?...

— Mas quando, tenho uma arma bua, mas já mê falta a vista... enchergo zinho de nuite... E esta dur no meu braço, ai!... que me dóe!...

— Se cure, cumantão?...

— Ai!... já tenho bebido tanta mezinha .. Agora... agora mê ensinaram um bão remedio... uma *carafuza* da ilha do Pará, que disque, entende um bão bocado!...

— Cumantão ?...

— Simsinhur... disque a gente apanha um *puraqué*, d'estes grandes, do peito amarello, ata-se p'la cabeça n'uma vara fincada no canal d'um igarapézinho, bem no meio da correnteza... Os *bayacús* e *caratays*... e *canderús* vão comendo, vão comendo e vae ficando, parêsque, só a espinha... Despûes dê bem lavada aquella espinha tuda, agarra-se e sê põe a seccar em riba d'um tuco... Despûes dê bem secco aquillo, vae ao pilão e socca-se bem soccado... até ficar aquelle *piracuy* e sê põe de infusão n'um garrafãozinho, com duis litros dê cachaça bua e tudos os dias quando sê vae ao banho, bebe-se uma tigellinha dê seringa cheia... E' bão... simsenhur, vù mandar esta gente agarrar um puraqué... no igapó... disque, não ha resmatismo que se aguente... simsenhur! Disque... uma muça, ahi na ilha dos Porquinhos, já não andava... bebeu... foi dito e feito!...

— Vassuncê padece das guellas, não?...

— Um bão bocado...

— Disque, foi o jacaré-o assú que lhe agarrù nos lagos do Marajó... será ?...

— Mas quando... isto foi desde que eu era ainda muleque... no anno que eu mê acamaradei co' esta mulher... Tinha uma mulata, cria do dono d'uma fazenda, vizinho do meu avù... Chama-se Remualda, ainda me lembro... tinha um zólho que parecia uns bago de o assahy... preto... que só visto !...

Ella queria bem p'ra mim... mas purem, eu já andava co' esta...

Quando ella soube, teve raiva, paresque, de mim... e mandou me dizer... que havia de lhe pagar... mas eu lhe devia alguma cuisa ?... não fiquei me incommodando. D'ahi a tempo eu passei por lá e agradù tanto... p'ra mim... que já não parecia ter raiva do preto... Mè deu uma chicara de chá... eu bebi...

Ah ! meu mano... dè nuite comecei de tossir... e tossi... tossi... que só visto !...

Esta preguntava p'ra mim o que tinha... eu dizia, nada !... mas purem a modo que tinha um bicho mè arranhando na guella... chegava dè botar sangue limpo .. vivo...

Foi preciso ir mè ter com um curadur do Arary, que entendia muito destas cuizas...

Ah ! nho Bacury, o homem mè metteu o dedo na guella e puchou um bicho preto... assim do tamanho d'um bago de *marajá*...

Sinsenhur... botou dè baixo do pé e esmigalhù; estava cheio dè sangue dè minha guella... por Deus !... que o ladrão comia...

— E despues ?

— Fiquei bão; somente co'esta voz assim... fina... que esta gente diz, parece voz dê jacaré-o-assù...

— Despùes, nho Ladislau, quando quizer dormir... não lhe pégo.

— Simsenhur... vû agora mesmo... mê agazalhar... Vassuncê fique com Deus...

— Buas nuite...

O velho recolheu-se e o Bacury ficou a fazer que procurava dormir...

Passados poucos momentos, appareceu o somno, em figura de mulher, que vinha do lado da cozinha, rodeando a casa, subio e dirigio-se para a rede do regatão, onde agazalhou-se da melhor maneira.

Continuavam, portanto, os amores da Mulata com o Bacury...

***

Amanhecera um dia triste, escuro.

A « Mãe d'agua » descia com as velas enfunadas por um vento pesado e geral, que chamam terral de inverno.

A bôcca do Jaburù estava com os seus azeites !

Os rolos d'agua succediam-se sem interrupção, estrondando, esbravejando, e a « Mãe d'agua» galgava um a um, dando enormes saltos mortaes.

De cada vez que cahia n'um d'aquelles valles, parecia submergir-se, espadanando agua tão alto, que a cobria !

A caranguêja e os moitões rangiam impertinentemente, o Bacury, debaixo da tolda, tocava clarinete, socegadamente e o Pororóca, ao lume, cantava, indifferentemente, a toada da *marezia*.

A canũa virũ na marezia,
Bót'agua, mano, da montaria.

Essa é que é a vida na Amazonia! Digamme lá: quem assim está acostumado a viver, poderá admittir a vida da Capital?

— Vira! gritava o Pororóca.

O Bacury, sahindo da tolda, corria á prôa, soltava a escota da bujarrona, que ficava panejando, ao mesmo tempo que o Pororóca, dando um forte sacalão no leme e colhendo rapidamente a esteira da vela, virava o bordo á «Mãe d'agua» que fazia-se novamente á bahia!

— Repique mais, patrão!...

O Bacury pendurava-se nos cabos, e a vela subia, subia, attingindo a maxima altura.

A «Mãe d'agua» como que equilibrava-se, por momentos, preparando-se, a refrega cahia, amarellando a bahia, os cabos retesados assoviavam fortemente e a pequena fragata, faceira como um cysne, cahia de lado e voava!...

A vista do Pororóca andava ligeira e certeira, como o foram as flexas dos seus antepassados, prescrutando attentamente as refregas, que succediam-se miudamente.

Seu cuidado estava tambem em que não lhe cortassem a prôa duas outras canôas que, como a «Mãe d'agua», andavam cruzando a bahia.

Uma, de velas brancas como um floco de espumas e outra, um barco, de velas vermelhas, muito bem talhados.

Encontraram-se no canal, onde a correnteza era mais forte e por isso os rôlos d'agua mais alterosos, porém mais espaçados.

A « Mãe d'agua », contando com a vontade do Pororóca, que a guiava, teve a bóa sorte de passal-as.

O barco andava carregado de gado do Marajó e a canôa era da ilha do Pará.

Trazia carregamento de carôço de *ouricury* e caças, notadamente *cutia*, que abunda extraordinariamente na ilha.

Passaram tão rapidamente que mal se poude distinguir os seus carregamentos.

Era uma velada bonita !

Os pilotos levantaram-se ao mesmo tempo e cumprimentaram-se; os bois ergueram as cabeças, compassadamente, volvendo seus grandes olhos, ternos, compassivos, de martyres e prisioneiros, ao mesmo tempo que uma grande onda, quebrando-se no costado do barco, espadanou alto, molhando todo gado, que baixou a cabeça pacientemente, espirrando.

O Pororóca aproou para o igarapé do Jambeiro, onde tinham um freguez, o João da Matta, que já tendo avistado ao longe e conhecido a «Mãe d'agua», preparava o café.

Atracaram e o Bacury saltou, levando um *jaboty*, que lhe havia presenteado o velho Ladislau.

— O' João da Matta, vamos almoçar este

bicho, ou bicha, que tem o peito tufado e a modo que tem ovo, não ?...

— Eh ! jaboty em canùa é signá dê chuva, nho Bacury; já sabe que ainda huje ha dê haver um pé d'agua, que só visto !

— Nem diga isso, que eu huje ainda quero ir longe e... sem vento não vae nada !

— E' certo ! nho João...

— Deus o livre !... Então mate este diabo p'ra nós comermos, sim ?...

— Mas quando... temos pacca fresquinha, que matei esta nuite na armadilha.

— Vamos a ella, n'esse caso.

— Como não; estava á sua espera, já está moqueada, falta passar o café.

João da Matta acabou de passar o cafê, estendeu uma serapilheira sobre o *girau*, poz a mesa e convidou para o almoço:

— Quedê-lhe o Pororóca ?... não vem ?...

— Está na canùa.

— Eh ! meu mano, venha almoçar. Não se incommode co'a canùa, ahi não tem pau; despues, a maré está quasi dê reponta...

— Traz um bocado de cachaça p'ra nós, falou o Bacury, e vem pegar a *boia*.

Almoçaram a pacca moqueada, com pimenta cheirosa, limão e cachaça.

Beberam, por fim, o café, bem tinto, doce, rescendendo á herva-doce.

Só se exclamando mesmo como o Canuto, que em uma só quadrinha synthetisou tudo quanto se podia dizer ácerca d'essa vida livre, folgazã, d'essa vida infantil, a vida na roça:

Diabo leve a cidade,
E quem por ella tem bossa;—
Se ha vida que seja vida —
— E' só a vida na roça!...

*
* *

O mez de Janeiro teve uma entrada fria, escura e tristonha, como são na verdade, as entradas do inverno, em geral.

Desde os ultimos dias de Dezembro, que a chuva andava se promettendo, á tarde.

Um denso nevoeiro se formava todos os dias, para os lados onde a matta, pela manhã, costuma incendiar-se.

O trovão andava longinquo, a soar cavernosamente, como quando as *sacopemas* de *pitahyca* são tangidas pelo machadinho do seringueiro, no igapó do centro da estrada.

Mas logo e logo, um nordeste severo, carregado de desespero mal contido, não julgando opportuna a occasião do quarto mingoante, dispersava tudo, varria o firmamento, o dia clareava ainda, antes de anoitecer de todo, apparecendo após o céo limpido, azul, bonito como d'antes!

Fez-se no céo a lua nova, as marés de *aguas-vivas,* na terra, começaram a crescer e o vento desatou, n'um aguaceiro muito frio, as nuvens que passavam arrastando-se em cima da matta, muito pesadas, a escurecer tudo, preguiçosamente.

Era o inverno !

Esse inverno paraense, que mais parece um diluvio, desmanchando as nuvens em agua, muita agua e as ilhas em marés, inundam tudo!

Os igarapés, pela matta, transbordavam, nos primeiros dias de Janeiro de 188... a agua ia subindo, subindo, por toda parte.

As caças que não fugiram logo para o *teso* das margens dos rios ficaram insuladas pelos *mundurús*, por cima dos paus, onde se encontraram com as *surucucús, e jararácas*, venenosissimas.

Os *jejús*, as *tariyras* barrigudas de óvas, subiam na cabeça d'agua, arrastando-se por entre as tronqueiras, procurando fazer as *panellas*, na tabatinga alvacenta, para deitar as óvas que deviam d'ahi a dias, fazer coalhar as aguas de piábas.

O peixe precipitava-se subindo em qualquer agua, pulando, batendo, até encontrar os baixios, onde estagnaram as aguas das chuvas.

Ahi, as *tariyras* tratam logo de limpar o barro, com as barbatanas, deitam as óvas, amarellas, miudinhas e ficam-se em cima a choca-as.

Os *acarys* cavam buracos muito perfeitos, afunilados, muito fundos e, mais prudentes, deitam lá dentro as óvas um pouco maiores que as das *tariyras*, mais amarellas tambem, transparentes, luzidias.

Os *acarás, uéuas* e *tamuatás* fazem uma reunião de folhas á superficie d'agua, ligando com uma espuma visgosa que gargarejam, dei-

tam em seguida as ovas por baixo d'aquella tolda de folhas e espumas, alvacenta, e ficam ao pé a chocar as ovas, pendentes das folhas como cachinhos de uvas *mignons*.

Ali estão ao abrigo das marés e das correntes, embora caiam victimas innocentes dos homens, dos *guaxinins*, *lontras*, *maracajús*, *onças*, *sucurijús* e tantos outros inimigos terriveis.

No emtanto, o seu peior inimigo é o veranico do fim de Janeiro que costuma apparecer.

Vêm as *pacuemas* do quarto mingoante, as aguas do rio descem para o seu leito.

O sol brilha no céo, com intensidade, durante uma quinzena, as chuvas estiam e os lagamares seccam, desapparecendo as aguas na terra ainda ha pouco encharcadas.

O peixe vê-se preso em pequenos poços, pelo meio da matta, á tôa, n'algum buraco das tronqueiras viradas, sendo então alli perseguido por toda casta de bichos, mórmente a *lontra*, que os vae pescar no mais recondito que seja, ficando aquillo como charcos onde os porcos se tivessem espojado.

Depois seccam tambem esses poços e o peixe apparece inchado, de barriga para o ar, encontrando-se grandes quantidades pela matta a fóra, onde os corvos baixam e se repastellam.

A «Mãe d'agua» impellida mais pela forte

correnteza da maré cheia, de *aguas-vivas*, do que pela ginga do Pororóca, navegava suavemente ao meio do rio, por entre os balseiros de *canarana*, que juncavam o rio todo, ilhotas de verdura, desaggregadas das margens pela correnteza, grandes tronqueiras de cedro, arvores inteiras de *assacú*, em cujo dorso, á superficie, arranchavam-se os *massaricos*, *garças*, *arirambas* e outras aves aquaticas, que áquella hora de maré cheia, deslocadas das praias e margens, todas cobertas, procuravam esses paus e balseiros de capim, que transitam, arrastados pela corrente, em tão grande quantidade que difficultam, quasi impedindo mesmo, a navegação, atapetando esmeraldinamente as aguas.

E' bello, no inverno, quando as marés dão preamar ás 6 da manhã, o espectaculo que apresentam certos pontos dos rios e bahias.

As aguas profundas, de uma côr de chumbo muito pronunciada, muito quietas, perfeitamente niveladas, polidas como a face d'um espelho de cristal, conduzindo aquella immensidade de balseiros de capim, ou *barrancos* de *canarana*, de *mururés* floridos, onde as borboletas e os colibris, peregrinando tambem como os balseiros, adejam incansavelmente!

E n'alguma manhã nublada e chuvosa, as *garças* destacam vivamente da côr esverdinhada do dorso dos paus e do verde claro do capim, tão branquinhas, como pontos espalhados no ideal da pureza!

Mal se distinguem os *socós* pernilongos, de pescoço alongado, tristonhos, mariscando pre-

guiçosamente os camarões e peixinhos que acompanham os balseiros.

Nos espaços que ficam entre os *barrancos*, parecendo lagos, de variadissimas fórmas, mas profundos como a consciencia do crime, vem coalhando a superficie, o lixo composto de pequenos pedaços de pau, de *aningueiras* soltas, fragmentos de *juncos*, de capim, de *mururé pagé* e de uma infinidade de fructos, que só visto se acredita, mas não se póde calcular !

Maracujás de diversas especies, *taperebás*, *araçá*, *camotim*, *ajará*, *jaray* e tantas outras, comestiveis, de promiscuidade com outras tantas toxicas, mas tão toxicas, ás vezes, que bastaria um só especimen para matar dezenas de pessoas.

Uma infinidade de fructos de que se extrahe azeite, como a *ucuúba*, a *andiroba*, sem falar nos de palmeiras, que seria difficil enumerar, porque em parte alguma haverá tão grande variedade de palmeiras como na Amazonia !

D'entre os fructos de palmeiras, os que mais coalham as aguas, são os de *mirity*, e de *buçú*, um coquinho redondo, muito fluctuante quando secco.

Estes costumam arrebentar, ao meio-dia, com o sol quente, produzindo um estalido secco, forte como um tiro de rewolver, em virtude do excesso da fermentação dos gazes que se contêm no seu interior, deixados pela putrefacção e dissolução do amido.

*
* *

O Bacury atracou já ao pôr do sol, na bocca do furo do Sacahy, em casa do Luz, onde ia esperar a vira d'agua para seguir até o Beija-flor, que já só distava uma hora de viagem.

Anoiteceu.

O regatão estava em terra com o freguez, o José da Luz, que morava com duas irmãs e dois pequenos, servindo-lhes de chefe, desde que o pae lhes morrera.

Havia tempo que se amasiara com a mais velha, a Quinó, com quem convivia, maritalmente.

A mais nova, a Rita, namorava com o Bacury, com quem tinha pretenções de casar-se um dia, legalmente, visto que particularmente, já se haviam recebido, segundo constava ao Pororóca.

A maré parou e virou logo pela beirada e mais logo, lá pelo meio do rio, onde a vista aguçada do piloto distinguia irem já voltando, lentamente, os balseiros errantes.

O Bacury continuaria a demorar, si o Pororóca, vendo que a maré estava bôa, não o chamasse da canôa.

Era o caso que o Bacury, só tendo visto a Rita quando chegára, e desejando vel-a mais uma vez, ia demorando, demorando... até que o pilôto avisou-o da *vira* d'agua.

Despedio-se do Luz e da companheira e desceu pelo escuro, merityzeiro abaixo, *desmanchou* o cabo e largou.

O Pororóca tocou a ginga, emquanto o patrão se dirigio á tolda, talvez para mudar de fato, para se apresentar no Beija-flor.

Quando ia enfiando tolda a dentro, vio que estava lá no fundo um vulto suspeito, dissemelhante do feitio de seus fardos de mercadorias.

Afastou-se, ergueu-se e perguntou para o Pororóca.

— Pororóca !...

— Prompto !... respondeu o piloto, afrouxando o remo, cançado, suarento.

Já esperava o susto do Bacury e rio-se por dentro.

Como elle não desembuchasse logo, o piloto fez menção de continuar a gingar.

— Cumantão, Pororóca ?!...

— Cumantão dê que ?...

— Quem está ahi dêbaixo da tolda ?...

— Dêbaixo da tolda ?... Cumantão ?...

O Bacury inclinou-se um pouco para a bocca da tolda e escutou, pensando, o que haveria por acaso, no bojo escuro da tolda; teria se enganado ?... mas não !

— Olha ! está mexendo...

A canôa ia um pouco pela margem, á discreção, e n'essa occasião roçou em uma ramada, o que assustou o Bacury.

Deu um pulo enorme para cima da tolda e correu para ao pé do piloto, que largou-lhe uma formidavel risada.

— Cumantão ?... tornou o Bacury todo afflicto.

— E' a Rita, nho João !...

— A Rita ! ?...

— E bem !...

— Que Rita, seu caboclo ! ?...

— Ah !... vassuncê conhece melhor do que eu...

Quem estava debaixo da tolda, começou a mexer-se, como se quizesse apparecer, e elles esperaram. Por fim sahio, poz-se em pé no tombadilho e falou.

— Bas nuite...

O Bacury approximou-se, reconhecendo...

— Ah ! nha Rita, é vuncê, cumantão ?...

— Vuncê disse que queria casar commigo...

— Sim... mas ninguem tratú ainda nada...

— Eu não quero saber...

— E agora, como ha de ser ?... se vuncê quer, eu mando dubrar a canúa, vuncê volta...

— O que ?... eu não mandei vuncê me fazer mal !...

— Ara, nha Rita...

— Não senhur !... p'ra aquella barraca eu não volto... meu mano não presta... ainda hontem deu uma coça na mana... Huje queria mê agarrar no matto, já na colha do leite... Agora p'ra onde vuncê fur, ha dê mê levar...

— Mas eu vú p'ra o pagode do Beija-Flor... estão mê'sperando...

— Não ha nuvidade... eu fico na canùa...

— E amanhã ?...

— Vuncê não espera o dia...

— Está bão...

O Pororóca ia tocando a « Mãe d'agua » para o outro lado do rio, onde se via já, embora mal distinctas, as luzes do porto da festa.

O Bacury e a Rita, recolheram-se á tolda e a canôa continuou navegando, com aquelle mo-

vimento peculiar, de balanço de um lado para outro e vice versa, que lhe imprimia a ginga, ao compasso batido na forquêta: traco! treco!... traco! treco!...

*
* *

Estava muito animado o pagode no Beija-Flor.

No porto um maremagno de canôas, d'entre ellas tres de regatão, afóra a « Mãe d'agua ».

Em terra, muita gente, e esta muito *canneáda*...

A orchestra, de instrumentos de sôpro, fazia-se ouvir fortemente, muito longe, acordando as *yaras* dos rios e os *maines* da floresta.

Tresandava no salão um cheiro activo de alcool arrotado, de mistura com exhalações de suor d'aquelles corpos abrazados, cambaleantes.

Os dansantes respiravam uma atmosphera abafadiça, irritante.

Dansavam com desespero, porque desesperada estava a musica; tinha bebido esta, pelos copos d'aquelles.

Terminada a quadrilha, poucos eram aquelles que estavam realmente satisfeitos, em perfeito raciocinio, libando com prazer, o pagode, em todos os seus modos, andando com aplumo, rindo sem carêtas.

Os mais continuavam a contradança da cachaça, tropegos, pesados, de queixos cerrados, olhar incerto, duvidoso... a fazerem tregeitos e contracções horriveis, nos musculos do rôsto.

Começavam as rixas e descomposturas por « dá cá aquella palha ».

Era a occasião de rôlos.

Estava mesmo imminente um sarilho entre o Bacury e o Gama, um cabôclo alentado e malcreado.

O Gama tinha tirado a Chica Biribá para a seguinte quadrilha e ella promettera.

Ao tempo que o mestre-sala deu signal para começar, chegou o Bacury e querendo aproveitar logo aquella *grande*, tirou a Chica; que gostava d'elle até ao desespero.

Deu-lhe o braço e pozeram-se em *fôrma.*

Quando chega o Gama todo pressuroso a dar o braço á Chica, era já tarde.

— Cumantão... rosnou.

— Ella formulou uma mentira qualquer, emquanto o Bacury deu-lhe uma risada na cara.

O Gama desesperou ; mostrou os pulsos vigorosos ao Bacury, desafiando-o e largou-lhe tambem um *nome* pesado como chumbo e *cabelludo* como uma amarra de *piassába.*

Raspou-se jurando-o.

— Has de mê pagar, ladrão!

Foi arranjar outra dama.

No correr da quadrilha, na parte de *troca par*, procurou sempre tomar a Chica, do Bacury; mas, a travêssa, conhecendo a trama, ia-

se safando sem cahir nos braços do fornido ca-bôclo.

Essa manobra exasperou-o ainda mais contra os dois.

Terminada a quadrilha, começou a insultar ao Bacury.

— Eu, huje, ainda dù n'um ladrão? tão certo, como minha mãe me pario!... Commigo ninguem brinca, por Deus!...

O Bacury queria replicar, de vez em quando, mas a Chica, ao pé delle, impedia-o.

O Gama, vendo que elle não se movia, passou-lhe mais ao pé e provocou-o mais directamente, lançando-lhe olhares de jacaré choca, a devorar a *embiára*.

— Huje hei dê comer uma fructa; não sei sê é *bacury* ou *biribá*... Sê eu não comer, o diabo mê leve p'ra o meio do inferno!... Por esta luz divina, que está nôs alumiando!...

O Bacúry não poude mais se conter, apezar da Chica continuar a pedir-lhe humildemente, volvendo-lhe uns olhos macios como a sêda.

— Que não se incommodasse com aquelle tapuyo; deixasse-o falar, estava mas era bebado... e forcejava para leval-o para a cozinha pondo-o o mais longe possivel do Gama.

Mas o Bacury também estava um pouco *chumbado* e irádo, mas d'essa ira medonha, homicida, que arma o macho a favor da femea.

Ia resistindo as injurias do outro, até o ponto em que este tocou-lhe na *ferida;* comer um *biribá*... ah! isso mesmo é que não!

Damnou-se e inflammou-se como uma ex-

plosão e a Chica não o poude segurar com vantagem.

Cresceu como uma furia, para cima do Gama, que passava mais uma vez por alli, despejando desaforos; largou-lhe a mão no pé da orêlha, com força que estrondou, gritando-lhe tambêm:

— Toma! vae comer a tua mãe!

A tapona foi tão violenta, que o Gama sentiu os ouvidos zumbirem e a vista escurecer-lhe, e, dando algumas voltas, perdeu afinal o equilibrio e cahiu desengonçadamente, no assoalho, com estrondo.

Mas melhorou logo, sentou-se, passou as mãos pelos olhos e foi-se erguendo com uma cara de diabo atiçado.

— Tu mê apanhaste p'la costa... espera... ladrão! tu nunca mais bate em filho dê homem!...

O povo, de homens e mulheres, alvoroçou-se todo!

Uns corriam, desapparecendo, outros faziam mó, mettendo-se entre os contendores, n'uma gritaria, n'um panico geral.

O tempo fechou-se!

Porém o amor deu energia e força á Chica, que não querendo ver o seu amante mettido n'aquella *dança*, arrastou-o por entre a multidão, heroicamente, a gritar-lhe:

— Fuja, meu mano, p'ra sua canùa! P'la mùr dê Deus!...

— Não fujo!... eu sú homem!...

— Ah!... meu Deus!... nho Bacury, va sê

embora ! dêpressa !... Em mim elle não mê bate, que elle não é homem para uma mulher... Ara, embarque já, sim ?...

— Não lhe deixo, nha Chica, p'ra aquelle diábo dizer que mê tumú a dama !... mas quando !... E na minha vista elle não é homem p'ra uma mulher. Deus o livre ! dou-lhe na cara !

E a Chica, muito a custo, ia impellindo o Bacury. Estavam já perto do porto, mas elle só mostrava desejos de voltar á carga.

A esse tempos, o Gama, logrando desembaraçar-se dos que o seguravam, promettendo comportar-se, saltou no terreiro e correu para o o porto, em procura do Bacury.

Outras pessôas saltaram tambem e correram gritando alto.

— Ahi vae o homem ! Embarque ! embarque ! nho Bacury...

Este quiz voltar-se para enfrentar o inimigo, mas a Chica, sempre ao pé d'elle, gritou-lhe com força, que embarcasse e agarrando-o resolutamente pelo braço, saltou na « Mãe d'agua, » levando-o comsigo.

E rapidamente, *desmanchou* o cabo passando mão d'um remo de vóga, especou a barreira com elle, empurrando vigorosamente a canôa, ao mesmo tempo que gritava para o piloto.

— Tóca ginga, rapaz !...

Era tempo, porque não obstante terem agarrado novamente o Gama, este já se desvencilhára e chegara já tambem ao porto, furioso, como um tufão, enfurecido como o diabo, ou mais !

Vendo que o Bacury largára, levando a Chica, teve impetos de lançar-se á agua, mas conteve-se e erguendo bem o busto e a voz, gritou, apontando as aguas pardacentas, por onde singrava ligeiramente a « Mãe d'Agua ».

— Por Deus, como has dê mê pagar, furta-fêmea do diábo!...

CAVACO

Nem sei se precizaria dizer que este livro está muito aquem da critica...

Não, não preciza, não digo; todos o estão vendo.

O autor não tem a honra de pertencer a nenhuma agremiação de lettras, nem tem uns certos ideáes que muitos têem.

Um talento não o criticaria, de certo; porque os talentos não precizam descer e só buscam subir, sempre subir, justamente o que faria o autor se já tivesse galgado ao menos o primeiro degrau.

Mas ainda assim, a escada é tão longa!...

ERRATA

Esta obra não poude ser revista pelo autor que mora fora da capital ; d'este modo, escaparam alguns êrros ao revisor typographico, sendo os mais importantes, os que notamos em seguida, deixando os demais á intelligencia do leitor, que nos desculpará, decerto.

Pag.	*Linha*	*Onde se lê*	*Lêa-se*
24	4	pára	fala
44	31	erma	uma
77	33	napezá	uapezá
79	29	pitanans	pitauans
80	8	»	»
81	26	tracajós	tracajás
»	29	»	»
82	26	jacururús	jacurarús
82	27	tracajós	tracajás
»	29	motucos	motucas
83	23	»	»
85	6	veirada	beirada
120	12	crumarú	crunuarú
»	18	»	»
»	25	»	»
»	27	»	»
123	9	Yurary	Yurupary
135	22	Gavonio	favonio
163	1	bichos	bichas
186	6	jopana	japana
197	7	realenga	rialenga

AS ILHAS

CONTOS E NARRAÇÕES
SCE...
DA VIDA ...

PINTO BARBOSA & C.A
RUA 13 DE MAIO Nº 37-PARÁ
1901

Estabelecimento Graphico
C. WIEGANDT
BELEM-PARA.
BIBLIOTECA CRIOLLA
SCHULLER